



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

MESTRADO EM CIÊNCIAS MILITARES - ESPECIALIDADE SEGURANÇA (GNR)

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO NO BINÓMIO CINETÉCNICO

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS LINGUAGENS DE
COMUNICAÇÃO NO BINÓMIO CINETÉCNICO: O SISTEMA TRADICIONAL
E O SISTEMA *SIGNAL, MEANING AND FORM (SMAF)***

Autor: Aspirante-Aluno de Infantaria Hélder Fernandes

Orientador: Capitão de Infantaria Miguel Rodrigues

Lisboa, Agosto de 2011



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

MESTRADO EM CIÊNCIAS MILITARES - ESPECIALIDADE SEGURANÇA (GNR)

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO NO BINÓMIO CINOTÉCNICO

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS LINGUAGENS DE
COMUNICAÇÃO NO BINÓMIO CINOTÉCNICO: O SISTEMA TRADICIONAL
E O SISTEMA *SIGNAL, MEANING AND FORM (SMAF)***

Autor: Aspirante-Aluno de Infantaria Hélder Fernandes

Orientador: Capitão de Infantaria Miguel Rodrigues

Lisboa, Agosto de 2011

DEDICATÓRIA

À minha família
e aos amigos verdadeiros.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre difícil e ingrato na medida em que a ansiedade por mostrar apreço pelo auxílio prestado nos pode levar a esquecer alguma referência merecida.

Gostaria de expressar a minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram, directa ou indirectamente, para a elaboração deste Trabalho de Investigação Aplicada.

Como tal, desejo manifestar o meu agradecimento:

Ao meu orientador, Capitão Miguel Rodrigues, pelo apoio e disponibilidade demonstrados na condução do trabalho, factores que se revelaram fulcrais no desenvolvimento do mesmo.

Ao Capitão Costa Pinto, pelo incansável apoio e ajuda concedidos durante esta etapa da realização do trabalho, sacrificando, por vezes, os seus tempos livres.

Ao Professor Roger Abrantes, pela utilidade dos seus conselhos e indicações, por toda a sua ajuda e pelos conhecimentos que me transmitiu.

A todos os oficiais do GIC, pela constante orientação e contributo que prestaram, sem esquecer os restantes militares que servem nesta Unidade, em especial aqueles que constituíram o grupo de trabalho cujo treino se efectuava com recurso à linguagem SMAF.

Ao Tenente Bruno Lopes pela orientação inicial dada, bem como ao meu irmão, João Fernandes e Senhor Manuel Dias pelo auxílio prestado na minuciosa revisão do trabalho e conselhos para o aprimoramento do mesmo.

Aos meus Pais, pelo apoio incondicional prestado ao longo de todo o meu processo de formação, ajudando-me a fazer face às diversas dificuldades que tive de enfrentar.

Aos camaradas do 16º TPO, por toda a ajuda prestada.

A todos aqueles que me marcaram ao longo da vida.

A todos, um sentido e profundo Obrigado.

RESUMO

O presente Trabalho Investigação Aplicada (TIA) subordinado ao tema “*Estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação no Binómio Cinotécnico: o sistema tradicional e o sistema Signal, Meaning And Form (SMAF)*”, que visa esclarecer as vantagens que poderão advir da implementação da Linguagem SMAF no Grupo de Intervenção Cinotécnico da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Na sequência do presente estudo formularam-se hipóteses e questões de investigação que procuraram dar resposta à questão central levantada: “*Quais as vantagens que poderão advir da implementação da linguagem SMAF no Grupo de Intervenção Cinotécnico?*”

Para a realização do estudo em questão, efectuou-se uma exaustiva pesquisa bibliográfica, que serviu de base para a elaboração da parte prática em que se compararam estatisticamente as avaliações de binómios treinados segundo a linguagem tradicional com a de um grupo criado exclusivamente para este estudo, com recurso à linguagem SMAF. Esses resultados foram posteriormente clarificados através de entrevistas semi-directivas, dirigidas a um conjunto de militares seleccionados de acordo com a sua experiência e conhecimento do tema.

Após a análise de dados efectuada conclui-se que a linguagem SMAF poderá constituir uma mais-valia para o GIC, sendo as suas vantagens materializadas fundamentalmente por um cariz mais teórico, nomeadamente pelo planeamento obrigatório dos exercícios com aplicação dos princípios basilares da psicologia canina. Além disso possibilita a análise e correcção do treino através de instruções mais precisas entre o instrutor e o tratador, que aliado a briefings e debriefings conduz a um aperfeiçoamento da comunicação entre o binómio cinotécnico.

PALAVRAS-CHAVE: GRUPO INTERVENÇÃO CINOTÉCNICO; MÉTODO TRADICIONAL; SMAF; LINGUAGEM; COMUNICAÇÃO;

ABSTRACT

It is in this context that we conducted the present Applied Investigation Work (TIA) entitled "*A Comparative Study of two Means of Communication for the Police Canine Team: the traditional system and the system SMAF (Signal, Meaning and Form)*", the project's objective being to compare final results and if possible to uncover the possible advantages of an implementation of the later in the The Canine Intervention Group (GIC in portuguese) of the Republican National Guard (GNR in portuguese).

Following the present study were formulated hypotheses and research questions that sought to answer the central question raised: "*What are the advantages that may be arise with the implementation of language SMAF in the Canine Intervention Group (GIC)?*"

To conduct the study in question, (1) we conducted a comprehensive literature research, (2) we carried out a specific training program where all skills were described in SMAF, (3) we tested the two groups, and (4) we performed a statistical analysis of the final results. The results were further clarified through semi-directive interviews addressed to some of the military personnel involved in the project and according to their experience and knowledge of the subject matter.

It is our conclusion that all factors considered, SMAF can be an asset to the GIC, particularly in the mandatory planning of the skills necessary for the police canine, the analysis and rectification of training and/or behavior problems, a more precise instruction of trainers and handlers, and an improvement in the communication between trainers and handlers in briefings and debriefings, as well as trainer/handler and dog.

KEYWORDS: POLICE CANINE INTERVENTION, TRADITIONAL METHOD, SMAF, LANGUAGE, COMMUNICATION.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
ÍNDICE DE GRÁFICOS	x
ÍNDICE DE QUADROS	xi
ÍNDICE DE TABELAS	xii
LISTA DE SIGLAS	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS	xiv
EPÍGRAFE	xv
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	1
1.1 INTRODUÇÃO	1
1.2 ENQUADRAMENTO	1
1.3 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA	2
1.4 OBJECTO E OBJECTIVOS DO TRABALHO DE ESTUDO	2
1.5 PERGUNTA DE PARTIDA	3
1.6 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	3
1.7 HIPÓTESES	3
1.8 METODOLOGIA E MODELO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO	4
1.9 SÍNTESE DOS CAPÍTULOS	5
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6

CAPÍTULO 2 – A CINOTECNIA.....	6
2.1 INTRODUÇÃO	6
2.2 RESENHA HISTÓRICA	6
2.3 GRUPO DE INTERVENÇÃO CINOTÉCNICO	7
2.3.1 Missão.....	9
2.3.2 Articulação.....	9
2.3.3 Áreas de Actuação	9
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	11
CAPÍTULO 3 – O BINÓMIO HOMEM – CÃO.....	12
3.1 INTRODUÇÃO	12
3.2 A COMUNICAÇÃO	12
3.2.1 Elementos da Comunicação	13
3.2.2 Obstáculos à Comunicação.....	13
3.2.3 Comunicação e Linguagem	13
3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	14
CAPÍTULO 4 – TREINO CANINO.....	15
4.1 INTRODUÇÃO	15
4.2 PSICOLOGIA DO TREINO CANINO	15
4.2.1 Conceitos para compreensão do condicionamento clássico e do condicionamento operacional (Behaviorismo).....	16
4.2.1.1 Associação	16
4.2.1.2 Condicionamento Clássico.....	17
4.2.1.3 Condicionamento Operante (CO) ou Instrumental	17
4.2.1.4 Reforço	18
4.2.1.5 Castigos.....	18
4.2.1.6 Programas De Reforço	19
4.3 SISTEMA TRADICIONAL	20
4.3.1 Obediência Básica.....	20
4.4 LINGUAGEM SIGNAL MEANING AND FORM (SMAF).....	21

4.4.1	A Morfologia e a Sintaxe do Sistema SMAF	22
4.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	23
PARTE II – TRABALHO DE CAMPO		24
CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA DA PARTE PRÁTICA		24
5.1	INTRODUÇÃO	24
5.2	METODOLOGIA DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	24
5.3	PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS	25
5.3.1	Observação Directa	25
5.3.2	Dados Secundários	25
5.3.3	Definição da Amostra	26
5.4	ENTREVISTAS	26
5.5	MEIOS UTILIZADOS	27
5.6	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	27
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS		28
6.1	INTRODUÇÃO	28
6.2	ANÁLISE DOS DADOS.....	28
6.2.1	Caracterização dos Binómios.....	28
6.2.2	Análise dos Resultados	29
6.3	ANÁLISE DE ENTREVISTAS	30
6.3.1	Análise Quantitativa à Questão N.º1.....	31
6.3.2	Análise Quantitativa à Questão N.º2.....	31
6.3.3	Análise Quantitativa À Questão Nº 3.....	32
6.3.4	Análise Quantitativa À Questão Nº4	32
6.3.5	Análise Quantitativa À Questão Nº5	33
6.3.6	Análise Quantitativa À Questão Nº6	33
6.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	34

CAPITULO 7 – CONCLUSÕES e RECOMENDAÇÕES	35
7.1 INTRODUÇÃO	35
7.2 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES FORMULADAS	35
7.3 CUMPRIMENTO DOS OBJECTIVOS.....	36
7.4 RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO.....	37
7.5 REFLEXÕES FINAIS	38
7.6 RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES.....	39
7.7 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO.....	39
7.8 INVESTIGAÇÕES FUTURAS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICES	44
APÊNDICE A - BASE DE DADOS DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES.....	45
APÊNDICE B – EFECTIVOS DA CDC	46
APÊNDICE C - TRATAMENTO ESTATÍSTICO	47
APÊNDICE D – ENTREVISTAS.....	51
ANEXOS	73
ANEXO E - CVRRICVLVM DO PROFESSOR ROGER ABRANTES.....	74
ANEXO F - PLANO ANUAL DE FORMAÇÃO DA GNR/VERTENTE CINOTECNIA.....	76
ANEXO G – FICHA DE AVALIAÇÃO	79
ANEXO H - EXTRACTO DO REGULAMENTO DE AVALIAÇÃO DE BINÓMIOS DE DETECÇÃO DE EXPLOSIVOS (RABINDE).....	80
ANEXO I - HABILIDADES	83
ANEXO J - DISTINTIVO DA ESPECIALIDADE DE CINOTECNIA	131
ANEXO L - ORGANOGRAMA DO GRUPO DE INTERVENÇÃO CINOTÉCNICO	132
ANEXO M - PIRÂMIDE DO USO DA FORÇA	133
ANEXO N - SISTEMA TRADICIONAL DE TREINO	134

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 4.1:RELAÇÃO CASTIGOS/REFORÇOS.....	18
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 6.1: GÉNERO.	28
GRÁFICO 6.2: MÉDIA DE IDADES (ANOS).	28

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 5.1: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DOS ENTREVISTADOS.	27
QUADRO 6.1: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º1.	31
QUADRO 6.2: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º2.	31
QUADRO 6.3: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º3.	32
QUADRO 6.4: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º4.	33
QUADRO 6.5: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º5.	33
QUADRO 6.6: ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º6.	34

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 6.1: RAÇA.....	29
TABELA 6.2: LINGUAGEM.....	29
TABELA 6.3: PONTUAÇÃO ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS.	29
TABELA 6.4: TESTE T STUDENT.	30

LISTA DE SIGLAS

AM	Academia Militar
CDC	Companhia de Detecção Cinotécnica
CDF	Comando da Doutrina e Formação
CFC	Centro de Formação Cinotécnico
CGGNR	Comando Geral da Guarda Nacional Republicana
CIC	Companhia de Intervenção Cinotécnica
CIGNR	Centro de Instrução da Guarda Nacional Republicana
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GIOP	Grupo de Intervenção Ordem Pública
GNR	Guarda Nacional Republicana
IC	Investigação Criminal
OPC	Órgãos de Policia Criminal
RABinDE	Regulamento de Avaliação de Binómios de Detecção de Explosivos
CO	Condicionamento Operante
CC	Condicionamento Clássico
RN	Reforço Negativo
RP	Reforço Positivo
CN	Castigo Negativo
CP	Castigo Positivo
POA	<i>Plan of Action</i>
PRS	<i>Primary steps of action</i>
DLO	<i>Desired leaning objective</i>
SRP	<i>Signals, reinforcers, and punishers</i>
SMAF	<i>Signal Meaning and Form</i>
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TPO	Tirocínio para Oficiais
UI	Unidade de Intervenção

LISTA DE ABREVIATURAS

Apud	citado em (por um terceiro)
Art	Artigo
Cap	Capitão
DP	Desvio padrão
Dr.	Doutor
Ed.	edição
In	Citado em
In prelo	Estudo em elaboração
M	Média
nº	Número
p.	página
Sarg.	Sargentos
s.e.	Sem editora
Sig.	Significância do teste
t	Teste t <i>Student</i>
TCor	Tenente-Coronel

*“ (...) Compreender a linguagem dos
Cães é privilégio dos eleitos”*

(Campos, 1977,p.27)

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1.1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge como parte integrante dos cursos ministrados na Academia Militar (AM) e da estrutura curricular do Curso de Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança, visando cultivar o hábito da investigação e reflexão sobre um dado problema.

O estudo deverá incidir nos domínios da Segurança e Defesa, em áreas relacionadas com a Missão Geral da Guarda, pretendendo-se, com a sua realização e com os resultados que daí advenham, uma valorização tanto do autor como da própria instituição.

É neste contexto que surge o presente trabalho subordinado ao tema “Estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação no Binómio Cinotécnico: o sistema tradicional e o sistema *Signal, Meaning And Form (SMAF)*”, o qual foi acompanhado tecnicamente pelo Professor Roger Abrantes¹ (Anexo E), responsável pela criação da linguagem SMAF.

Desta forma, o presente Capítulo inicia-se com o enquadramento e fundamentação do tema, posteriormente apresenta-se o problema de investigação, os objectivos, as questões de investigação e as hipóteses. Por fim, enuncia-se a metodologia e o modelo metodológico de investigação.

Este TIA não foi redigido de acordo com o novo acordo ortográfico.

1.2 ENQUADRAMENTO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada destina-se a abordar a temática da Comunicação no Binómio² no Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) da GNR.

A Lei n.º 63/2007, de 6 de Novembro, aprovou a orgânica da GNR e estabeleceu, entre outras medidas, a criação da Unidade de Intervenção, nos termos do art.º. 22, alínea e). Com a publicação da portaria n.º 1450/2008, de 16 de Dezembro, definiu-se a organização da mesma, bem como a das subunidades que a compõem. Esta reestruturação, entre outros aspectos, procedeu à integração da Companhia Cinotécnica na Unidade de Intervenção

¹ Segundo a Nota n.º 1661 de 9 de Dez de 2010 do Comando de Doutrina e Formação (CDF) da GNR o “CDF reconhece a importância que advirá do contacto com tão distinta personalidade pois proporcionará seguramente uma inequívoca valorização dos recursos humanos ligados à cinotécnica na Guarda...”.

² Equipa: Homem/Cão

(UI), passando de Companhia Cinotécnica, integrada na antiga Escola Prática da Guarda, para Grupo de Intervenção Cinotécnico. Além disso, com a criação do Grupo de Intervenção Cinotécnico, foi criado o Centro de Formação Cinotécnico (CFC) com o intuito de apoiar o comando do GIC no planeamento e gestão da formação cinotécnica, que se dedica essencialmente a aprofundar temas que sempre existiram, como o deste TIA.

Este estudo versa, sobretudo, a análise da comunicação do Binómio Cinotécnico, através da realização de um estudo comparativo entre a linguagem usada no sistema tradicional no GIC e a linguagem que nos propomos estudar, o *Signal, Meaning and Form (SMAF)*.

A linguagem SMAF surgiu pela mão do Professor Roger Abrantes, no início da década de 90, na tentativa de melhorar a precisão da comunicação nos processos de aprendizagem desenvolvidos com os animais. Para tal, inspirou-se numa linguagem de computador, precisa e fidedigna, tentando-se, deste modo, passar este mesmo nível de precisão para os processos em que se lida com os animais, permitindo o SMAF transcreever processos complexos de forma precisa e com menor probabilidade de erro (Abrantes, 2007).

1.3 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

A escolha deste tema teve por base não só o interesse pessoal do autor por esta matéria, como também pela intenção de estudar e analisar a formação cinotécnica, de onde surgiu a oportunidade de estudar esta linguagem inovadora, que se poderá revelar fulcral na modernização da formação no Grupo de Intervenção Cinotécnico.

Além dos acima referidos, outro factor que influenciou directamente na escolha deste tema, prende-se com o facto de o Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) se constituir como um dos novos desafios para a GNR, devido à reformulação do contexto operacional que sofreu pela Lei 63/2007, de 6 de Novembro, através da sua implementação na UI.

Deste modo, no sentido de dar uma resposta eficiente aos problemas que surgem, reveste-se de uma extrema importância verificar se a linguagem SMAF permite uma comunicação mais eficaz, com menor possibilidade de erro, levando consequentemente a um melhor desempenho dos Binómios Cinotécnicos no seu trabalho diário.

1.4 OBJECTO E OBJECTIVOS DO TRABALHO DE ESTUDO

O objecto de estudo deste trabalho de investigação será a realização de um estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação: o sistema tradicional e o sistema SMAF, com recurso às avaliações efectuadas pelos binómios afectos à Companhia de Detecção Cinotécnica (CDC) no ano de 2011, bem como às avaliações de binómios treinados exclusivamente para o presente estudo, com recurso à linguagem SMAF. Como

objectivos gerais temos a caracterização da comunicação do binómio cinotécnico, com enfoque na análise das potencialidades das duas linguagens estudadas.

De forma a dar resposta às questões de investigação formuladas, definiram-se como objectivos específicos:

- Caracterizar o GIC como Subunidade especializada da UI;
- Analisar a pertinência da comunicação entre o tratador e o seu cão na formação do Binómio Cinotécnico;
- Determinar os factores que conduziram ao sucesso e eficácia da comunicação entre o tratador e o seu cão;
- Determinar os factores que poderão conduzir ao sucesso ou insucesso do uso da linguagem SMAF no sistema de treino cinotécnico tradicional no GIC;

1.5 PERGUNTA DE PARTIDA

Com o objectivo de analisar o método adoptado pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR relativamente à comunicação do Binómio, estabeleceu-se a seguinte Questão de partida:

“Quais as vantagens que poderão advir da implementação da linguagem SMAF no Grupo de Intervenção Cinotécnico?”

1.6 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Da questão central levantada no ponto anterior, decorrem as seguintes **questões derivadas**:

- Quais as principais alterações sentidas com a integração da cinotecnia na UI?
- Qual a importância da Comunicação entre o Binómio Cinotécnico (tratador/cão)?
- Será o actual método de treino, utilizado no GIC, eficaz na Comunicação entre o Binómio Cinotécnico?
- Quais as mais-valias que a linguagem SMAF poderá trazer para o GIC?

1.7 HIPÓTESES

Face às questões de investigação levantadas e aos objectivos a alcançar, formulam-se as seguintes hipóteses:

H1 – A comunicação entre o tratador e o seu cão é fulcral na formação do Binómio Cinotécnico;

H2 – Os Militares afectos ao GIC compreenderam a linguagem SMAF;

H3 – O Sistema tradicional constitui-se como mais eficaz na Comunicação do Binómio Cinotécnico;

H4 – A implementação da linguagem SMAF gera um valor acrescentado no Grupo de Intervenção Cinotécnico;

1.8 METODOLOGIA E MODELO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

Com vista a prosseguir os objectivos estabelecidos para a investigação em Ciências Sociais, este TIA obedece às orientações para a redacção de trabalhos, dadas pela AM (Academia Militar, 2008), com as devidas adaptações à metodologia científica, proposta por Sarmiento (2008). Na sua parte teórica, a metodologia utilizada resume-se à análise documental, baseando-se em fontes documentais directas, designadamente textos legislativos, despachos e sítios da Internet. Quanto às fontes documentais indirectas, recorreu-se à bibliografia, artigos de imprensa escrita e textos de revistas.

Tendo em conta os objectivos deste trabalho e toda a informação recolhida, foram formuladas hipóteses. Na Parte Prática do trabalho, que constitui a Parte II do mesmo, realizam-se entrevistas semi-directivas e procede-se à realização de um estudo comparativo entre os resultados de avaliações cinotécnicas, as de binómios treinados com o método tradicional sem uso da linguagem SMAF e a dos binómios treinados especialmente para este TIA com recurso à linguagem SMAF.

Por limitação de tempo, usaram-se métodos escolhidos pelo Professor Roger Abrantes, usados na sociedade civil, em vez de se transcreverem os métodos tradicionais usados no GIC para a linguagem em estudo, a *Signal, Meaning and Form*.

As avaliações usadas na parte prática fazem parte do sistema de formação cinotécnico, previsto na nota n.º1717, de 2 de Novembro de 2009, da UI, que engloba as seguintes modalidades (Anexo F): Avaliação técnica anual, Estágio de reabilitação técnica, Módulo de certificação cinotécnico, Cursos cinotécnicos e Actualização técnica.

Destas modalidades, surgem os Regulamentos de Avaliação Cinotécnicos e respectivas fichas de avaliação usadas para este estudo, nomeadamente as fichas de avaliação da disciplina de obediência (Anexo G) do Regulamento de Avaliação de Binómios de Detecção de Explosivos (RABinDE) (Anexo H), que ainda não foi aprovado superiormente porque está na fase de experiência prática para posterior proposta ao escalão superior do Pelotão de Detecção de Odores Químicos da Companhia de Detecção Cinotécnica (CDC) do GIC/UI/GNR. Recorreu-se a estas fichas de avaliação pelo facto de os militares envolvidos

no projecto fazerem parte da CDC, mas principalmente porque estas fichas eram possuidoras dos patamares mínimos de exigência para este estudo.

Os militares que constituíam o grupo de trabalho deste estudo, e que tinham como missão treinar cachorros³ segundo o método do Professor Roger Abrantes escrito na linguagem SMAF (Anexo I), foram alvo de nomeação por parte do Comandante do GIC (Major Costa Pinto), por proposta do actual Comandante do Centro de Formação Cinotécnico (Capitão Costa Pinto), devendo-se a sua escolha ao facto de serem militares com um elevado grau de experiência. É de realçar que este grupo de trabalho foi criado propositadamente para este estudo, tendo o treino sido acompanhado e apoiado tecnicamente pelo professor Roger Abrantes. Desta forma, o grupo de trabalho ficou assim constituído:

- Cabo Sousa, Cabo Paiva e Cabo Figueiras da Secção de Busca e Salvamento do Pelotão de Detecção de Odores Humanos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Guarda Moreira da Secção Agentes Incendiários do Pelotão de Odores Químicos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Cabo Leitão da Secção de vestígios Biológicos do Pelotão de Detecção de Odores Humanos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Cabo Mário Silva e Cabo Diz da Secção de Detecção de Explosivos e Armas do Pelotão de Odores Químicos da Companhia de Detecção Cinotécnica;

Toda esta comparação foi efectuada com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), sendo os seus resultados clarificados através de entrevistas semi-directivas, de modo a verificar as hipóteses formuladas e os conceitos teóricos apresentados na Parte Teórica.

1.9 SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

Este TIA é composto pelo presente capítulo destinado à introdução e apresentação do trabalho e por mais duas partes, subdivididas em seis capítulos. Procura-se dar resposta às questões e hipóteses levantadas através do estudo da temática apresentada, tendo por base um método científico. A Parte I é teórica e constitui-se por três capítulos correspondentes à revisão da literatura que serve de suporte ao trabalho de campo realizado. O Capítulo 2 analisa e caracteriza a Cinotecnia, o Capítulo 3 analisa e caracteriza o Binómio Homem – Cão, e o capítulo 4 analisa o treino canino. A Parte II versa sobre a componente prática do trabalho, articulando-se em três capítulos, onde se apresenta a descreve o trabalho de campo realizado (Capítulo 5), e analisa e discute os resultados alcançados (Capítulo 6). Por fim, no Capítulo 7, elaboram-se algumas conclusões a que se conseguiu chegar fazendo ainda algumas recomendações para estudos futuros.

³ Um cachorro para efeito de contabilidade do efectivo canino é um cão com menos de 12 meses;

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 2 – A CINOTECNIA

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer as origens da Cinotecnia e sua evolução, passando pela caracterização do Grupo de Intervenção Cinotécnico da Guarda Nacional Republicana, regulamentado pela lei n.º 63/2007, de 6 de Novembro, que aprovou a orgânica da GNR.

Desta forma, o presente capítulo inicia-se com a resenha histórica da Cinotecnia, seguindo-se a análise e caracterização do GIC, com a apresentação das suas origens, missão, articulação e áreas de actuação.

2.2 RESENHA HISTÓRICA

Na procura da origem e significado do vocábulo Cinotecnia chegamos que, é formado por dois elementos da língua grega, e por tal motivo, designado por composto erudito.

O primeiro elemento, “CINO” significa “Cão” (do grego Kýou, Kynós) e o segundo elemento “TECNIA” é um sufixo nominal (do grego tékhne= “arte”) que traduz a ideia de arte, ofício, técnica. Essa divisão foi confirmada através do Parecer n.º 108/2006 da Procuradoria-Geral da República, que nos define Cinotecnia como o estudo da origem, a vida e a evolução da família *Canidae*⁴.

Actualmente, Cinotecnia é entendida como o “ estudo da anatomia, comportamento, psicologia... de raças caninas, que tem por objectivo o treino e criação de cães”. (Porto editora, 2011)

A evolução do cão, segundo Campos (1977,p.3), “...pode ser traçada a partir de um pequeno mamífero, o *Miacis*, que existiu há 40 milhões de anos. Foi deste que no decorrer do período oligocénico⁵, surgiram diversos tipos, um dos quais o *Cynodesmus*, provável antepassado do moderno cão, assim como dos lobos e chacais...”.

⁴ Integra actualmente, o cão, o lobo, o coiote e o chacal.

⁵“Terceira época do período terciário do tempo geológico, localizado entre 35,5 milhões de anos antes do presente”, (<http://www.universal.pt/main.php?id=139>, consulta a 10 de Julho de 2011 às 14h15m).

No entanto, segundo Pinto (2009) “Estima-se que o canídeo teve a sua origem há aproximadamente sete milhões de anos com a evolução do *Canis*, que inclui o canídeo doméstico – *Canis Lupus Familiaris*, o lobo, a raposa, o chacal e coiote”. Pode considerar-se comprovado cientificamente⁶ que o canídeo que hoje conhecemos tem como antecessor o lobo, embora alguns autores, como Konrad Lorenz⁷, defendessem que a maioria das raças do grupo *Canis familiaris* tinham o chacal como antecessor.

Apesar de incerto o processo de domesticação⁸ do cão, Campos (1977,p.3) supõe que tal tenha acontecido “há mais de 12.000 anos”, admitindo-se que “Talvez fossem os cães que tenham começado a rondar os locais onde os Homens se encontravam para aproveitar os restos de alimentos (...) é possível que os cães tenham começado a seguir os homens, auxiliando-os na caça e mostrando suas qualidades de combate e guarda.”

Ao longo dos séculos, o cão foi objecto incessante da atenção dos Homens, sendo comprovada “(...) pela escultura de um cão existente no Museu Egípcio do Louvre em, Paris, encontrada em Lycopolis, a antiga Capital do Alto Egito, supondo-se que tenha sido feita 11400 A.C. “ (Campos, 1977,p.3).

A sua grande intervenção de relevo remonta à 1.^a Guerra Mundial onde,

“ Os Alemães empregaram-nos (...) para cima de 30.000, como mensageiros e sanitários. Os Franceses usaram-nos (...) especialmente como remuniadores (...) No mesmo conflito o Exército Francês e Belga usaram os cães para tracção, durante o severo Inverno de 1915 foram utilizados 400 cães de trenó (...) verificou-se nesta altura a vantagem de cães sobre os cavalos quando em regiões de neve....” (Campos, 1977,p.5)

Segundo Lily and Pucket *apud* Mesloh (2003, p.16) O uso de cães pela polícia está documentado pela primeira vez, no século XIV, em S. Marlo, França. No entanto, é apenas em 1889 que a primeira escola de cães-polícia é criada na cidade de Ghent, Bélgica. (Thurston, 1999; Jennings, 1998;Chapman, 1990; O’Block Doeren, & True, 1979, *apud* Mesloh 2003, p.16).

Até à actualidade, o cão evolui sempre ligado ao ser Humano, tendo-se assistido no último século a um desenvolvimento das capacidades caninas, potenciado pela etologia⁹(Reis, 2009).

2.3 GRUPO DE INTERVENÇÃO CINOTÉCNICO

As origens do Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) remontam ao ano de 1956, quando o Comando Geral da Guarda Nacional Republicana (CGGNR) reconheceu a mais-valia que seria possuir uma força constituída por cães treinados para o cumprimento da missão da GNR. Com o objectivo de criar uma força com esta capacidade, o CGGNR decidiu enviar

⁶ Através de análise das sequências mitocondrial do *Canis familiaris*.

⁷ Autor galardoado com o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia.

⁸“...Período durante o qual animais selvagens e plantas eram transformados pelos Humanos.” (Miklósi, 2007,p.95).

⁹ Ciência que estuda o comportamento animal

em 31 de Dezembro, um Sargento e três Praças para a congénere Espanhola, a fim de frequentarem o curso de especialização na “*Escuela de Adiestramiento de Perros da Guardia Civil*”, na localidade de *El Pardo, Madrid*.

A frequência deste curso e o seu término, com sucesso, nos termos da Ordem Geral do Comando Geral n.º24/1956, de 31 de Dezembro, deu origem à criação da primeira Cinotecnia da GNR que ficaria então instalada no Alto da Ajuda, com a designação de “*Centro de Abastecimento de Cães Militares*”, sendo o título mais tarde rectificado, nos termos do Artigo n.º 55 da Ordem Geral N.º1/1957, de 15 de Janeiro, passando a “*Centro de Instrução de Cães*”, onde constava o seguinte:

“Considerando que os Cães Militares, nas suas diversas modalidades, são hoje em dia elementos de valia nas forças armadas e considerando que nos corpos policiais ou guardas nacionais são, sem dúvida, elementos indispensáveis não só para procura e descoberta de malfeteiros, (...) sendo assim armas psicológicas preventivas e repressivas para legítima defesa ou vencer resistências pela GNR no cumprimento das respectivas missões legais, determina-se (...) 1.º Que seja constituído a título experimental, o “Centro de Instrução e Treino de Cães Militares” (...) 2.º Que este Centro de Instrução de Cães seja destinado a fazer a preparação e treino para o serviço militar e policial da GNR (...) 5.º Que o pessoal inicial do C.I.C. será aquele que iniciou a sua formação no C.A.C. da Guardia Civil em Espanha no 2.º semestre de 1956 (...) 6.º Que os animais que inicialmente constituirão o C.I.C. serão os que receberam instrução na Guarda Civil no 2.º semestre de 1956.”

Em 1989, é criada, no CIGNR, a Companhia Cinotécnica, constituída pelo respectivo Comando, pela Enfermaria Cinotécnica Central e pelo Destacamento Operacional, cuja missão compreendia quatro vectores: Instrução, Operacional, Honorífico e Procriação.

Com a publicação da lei que aprovava a orgânica da Guarda, DL 231/93, de 26 Junho, o “Centro de Instrução da Guarda” passou a “Escola Prática da Guarda”, onde além das competências referidas no n.º1 do art.º 64 da supracitada lei, é responsável, nos termos do n.º 2 do mesmo artigo, pela instrução cinotécnica e pela aquisição de cães, em colaboração com a Chefia do serviço Veterinário.

O “distintivo da Especialidade de Cinotecnia” (Anexo J) surge a 2 de Março de 1998, por despacho do General Comandante-Geral da GNR, a que se refere a Nota n.º1952, Pº03.01.04.08, cuja descrição heráldica e respectivo crachá¹⁰, é representada por um trevo de quatro folhas de verde, carregado com uma cabeça de cão de ouro; sotoposta ao trevo, e uma espada antiga, em pala.

Por fim, em 2008, foi criado o Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) (Anexo L), integrado na Unidade de Intervenção (UI). Na sequência desta integração, o GIC passa a ser constituído por uma Companhia de Intervenção Cinotécnica (CIC), com três Pelotões de Intervenção, uma Companhia de Detecção Cinotécnica (CDC), com dois pelotões de Detecção Cinotécnicos, sendo um de detecção de odores químicos e outro de odores

¹⁰ Utilizado pelas Forças Armadas, Forças de Segurança e Serviços Prisionais, bem como por outras Forças Estrangeiras que tiveram contactos, a nível de Instrução, com a Cinotecnia da GNR (Guarda Civil de Espanha, Polícia Nacional de Angola e Polícia de Intervenção Rápida de Cabo Verde).

humanos, e o Centro de Formação Cinotécnico, que tem com missão principal formar todos os novos tratadores, bem como os novos canídeos da GNR.

2.3.1 MISSÃO

Atendendo à reestruturação da GNR pela Lei nº 63/2007, de 6 de Novembro que aprovou a sua orgânica, foi necessário definir a organização interna das unidades, o que sucedeu com a publicação da Portaria n.º 1450/2008, de 16 Novembro. O GIC tem como missão específica auxiliar a UI nas suas atribuições, a quem compete, nos termos do Despacho nº 77/08-OG 248/CG de 29DEC do Exmo. Tenente-General Comandante-Geral,

“efectuar o emprego operacional dos meios cinotécnicos em missões atribuídas e em reforço às unidades, proceder à remonta de canídeos e à inspecção-técnica e uniformização de procedimentos ao nível da valência cinotécnica, assegurar, sob o comando da doutrina e formação, a instrução e actualização de cinotecnia e outras acções de formação que lhe sejam atribuídas”.

2.3.2 ARTICULAÇÃO

O Grupo de Intervenção Cinotécnico, uma das quatro subunidades, articuladas em companhias e pelotões, que compõe a Unidade de Intervenção, é comandado por um Tenente-Coronel (TCor) e coadjuvado por um 2º Comandante com o posto de Major.

Esta subunidade da UI, para efeitos operacionais, administrativos e logísticos, depende do comandante da UI e é composta por uma secretaria, uma secção de comando, uma companhia de Intervenção Cinotécnica a três pelotões, uma companhia de Detecção a três pelotões e, por último, por um centro de Formação Cinotécnico com comando de Capitão.

2.3.3 ÁREAS DE ACTUAÇÃO

“Considerando-se indiscutível o extraordinário contributo que as equipas cinotécnicas poderão dar no cumprimento das diversas missões cometidas à Guarda, torna-se imperioso, um melhor conhecimento das extraordinárias características do cão (...) para maior rentabilização das suas capacidades (...) e correcto emprego operacional ” (Manual de Operações, Vol I, 2008,p.II-5).

Segundo o Manual de Operações, (Vol I, 2008,p.II-7), as missões afectas às equipas cinotécnicas são: as missões de Patrulha, de Guarda, de Pistagem, de Detecção de Droga, de Detecção de Explosivos e de Busca e Salvamento. No entanto, actualmente já se verificam novas vertentes para fazer face aos desafios que se nos impõem, como é o caso das armas (associado à detecção de explosivos), policarbonato (CD's e DVD's), vestígios biológicos (sangue e restos cadavéricos), de agentes incendiários, de papel-moeda (associado à detecção de drogas) e de intervenção táctica.

Actualmente o espectro de missões desenvolvidas pelos meios cinotécnicos não se resume somente aos acima mencionados, pois o seu empenho é efectuado de acordo com a missão específica do GIC e da solicitação efectuada por outros Órgãos de Polícia Criminal (OPC) e

outras entidades, não esquecendo, no entanto, que essa utilização deverá ter como princípios gerais a indissociabilidade, as armas especiais, o meio ambiente, a rentabilização e os períodos de trabalho.

A vertente de Guarda e patrulha é direccionada para a prevenção e dissuasão de factos ilícitos, executando missões de vigilância e/ou segurança a pontos sensíveis, através do uso de uma intervenção musculada, mas que se revela menos letal. A pirâmide do uso da força, usado na Ordem Pública (Anexo M), prevê o uso da Cinotecnia em todos os escalões, desde que o Comandante assim o entenda.

É ainda de referir que o cão de Guarda e Patrulha pode ser lançado com açaim e por isso incapaz de morder, contudo a sua força é suficiente para derrubar uma pessoa, que posteriormente será neutralizada. Esta vertente engloba a actividade de pistagem. Segundo o Manual de Operações, (Vol I, 2008,p.II-9), existem equipas cinotécnicas especializadas no seguimento de pistas/rastos e destinadas à localização de pessoas desaparecidas, ou de pessoas suspeitas.

A vertente de Intervenção Tática destina-se a um leque de missões mais restrito, enquadrando-se em situações de criminalidade violenta, nomeadamente em operações de apoio ao Grupo de Intervenção de Operações Especiais, podendo também actuar por si ou em apoio de qualquer força. Além destas mais-valias, estes binómios também se encontram preparados para desempenharem missões no âmbito da Ordem Pública (GIOP).

No que concerne à Detecção de Droga, “ as equipas cinotécnicas executam acções de detecção de droga no âmbito da missão da Guarda e em colaboração com outros OPC e outras entidades” (Manual Operações, VOL I, 2008,II-11).

Outra vertente é a Detecção de Explosivos onde, aproveitando as potencialidades olfactivas do cão, se procuram detectar engenhos explosivos e agentes incendiários aquando de ameaças de bombas, incêndios, efectuando uma primeira abordagem ao local para salvaguarda da integridade física das equipas de busca. A vertente de Busca e Salvamento é constituída por binómios especializados na busca de odores humanos, o que constitui um excelente meio para a busca de pessoas desaparecidas e detecção de vítimas de catástrofes, soterradas sob escombros, aluimentos de terras e outro tipo de catástrofes naturais. Decorrendo da missão geral da Guarda, estes meios também são utilizados em missões de combate à imigração ilegal.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo reconhece-se o extraordinário contributo prestado pela cinotecnia à população que serve, dando-se a conhecer a origem da cinotecnia e a sua estrutura, desde início até à actualidade.

Com a integração do GIC na UI, em 2008, a cinotecnia passou a auxiliar e a participar nas atribuições cometidas a esta unidade, a quem compete a gestão operacional dos meios cinotécnicos. De facto, esta integração numa unidade de reserva obriga a uma reformulação no conceito de empenhamento da força, implicando uma reflexão, no que concerne à comunicação no Binómio Cinotécnico, de forma a obter melhores resultados.

O GIC é constituído por diversas vertentes, a Guarda e Patrulha, numa óptica de prevenção e dissuasão de factos ilícitos. A Companhia de Detecção intervém no cumprimento da missão geral da Guarda e em colaboração com os outros OPC e entidades externas, no âmbito da detecção, explosivos, estupefacientes, papel-moeda, CD's e DVD's, agentes incendiários (gasolina e fósforo), busca e salvamento e apoio da Investigação Criminal (IC) na recolha de vestígios biológicos (detecção de sangue e de restos de cadáveres).

CAPÍTULO 3 – O BINÓMIO HOMEM – CÃO

3.1 INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho têm sido demonstradas as extraordinárias características de que o Cão dispõe, sendo-lhe reconhecido um leque único de qualidades peculiares que o elegem como uma mais-valia para o serviço policial.

Desta forma, com a elaboração deste capítulo pretende-se realçar e deixar presente a dedicação e fidelidade que o cão demonstra permanentemente ao seu condutor, analisando numa primeira fase o Binómio Cinotécnico, abordando a comunicação desenvolvida entre ambos.

3.2 A Comunicação

Segundo Santos (2001), o processo de comunicação teve origem quando os antepassados do Homo Sapiens¹¹ criaram as primeiras palavras ao imitarem sons naturais, como o ladrar de cães ou o ribombar dos trovões.

Contudo, recorrendo ao sentido etimológico, o vocábulo comunicação, do latim *communicatio*, tem a raiz de comunidade e comum, o que significa que, ao comunicarmos, estamos a pôr algo em comum (Figueiredo, 1913, p.490).

Segundo Santos (2001), a definição de comunicação foi, ao longo dos anos, registando uma crescente precisão. Actualmente é entendida como o transporte de ideias e emoções, expressas através de um código, por isso, comunicar significa essencialmente transmitir sentidos, casuais ou intencionais, de um ponto para o outro.

Segundo Abrantes (1997, pp.75-151), “No mundo animal onde palavras não existem, comunicação continua a ser possível e indispensável”, aliás muitos etólogos concordam que a interacção da comunicação se efectua quando existe interesse no emissor em mudar o comportamento do receptor usando acções comportamentais¹² (Miklósi, 2007, p.177).

Segundo Cruz (2002, p.13), a comunicação pode, no entanto, assumir diversas formas, verbal, não verbal, interpessoal, intrapessoal. De facto, a comunicação pode ser verbal,

¹¹ “Apareceram no solo Europeu por volta de 100 000 a. C., constituindo-se no crescimento físico, acompanhado de um aumento do volume cerebral dos mais antigos caçadores Europeus, a espécie *Homo Erectus*.” (Enciclopédia de História, 1997, pp.3,5)

¹² Tradução livre à responsabilidade do Autor

quando falamos ou escrevemos, mas também pode ser não verbal quando recorremos a gestos ou mímicas para nos expressarmos.

Falamos de comunicação interpessoal para nos referirmos à estabelecida entre pessoas próximas, numa relação cara-a-cara, enquanto comunicação intrapessoal é a estabelecida com o nosso próprio organismo.

3.2.1 ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

Segundo Abrantes (2006), comunicação canina é um sistema que compreende: o emissor, o receptor, o sinal e o ambiente.

O emissor é visto como sendo o conselheiro, o que ensina e explica, sendo o receptor aquele que ouve, observa, aprova ou rejeita. O sinal é a ligação que se estabelece entre o emissor e o receptor quando comunicam, sendo constituído por três elementos: a forma, o significado e a interpretação do sinal.

O ambiente é tudo o que rodeia o acto de comunicação, contudo não poderá pertencer ao emissor, receptor ou sinal. (Abrantes, 2006),

3.2.2 OBSTÁCULOS À COMUNICAÇÃO

Segundo Cruz (2002, p.13), a comunicação não é, todavia, uma disciplina científica, constituindo-se como objecto de confluência entre as ciências cognitivas, as físicas e as sociais.

Como tal, verifica-se a existência de alguns obstáculos à comunicação, como as barreiras pessoais ou físicas, que têm influência no sucesso ou insucesso da comunicação.

Outras barreiras poderão surgir através devido à inexistência de diálogo, quer por existirem barreiras políticas ou ideológicas, diferenças linguísticas, ignorância do código ou deficiente domínio do mesmo.

Por fim, terão de ser tidos em conta outros obstáculos, como a inteligência, os diferentes níveis de educação ou de especialização, as acções de propaganda ou de publicidade ou mesmo a inexistência de experiências em comum.

Todas estas barreiras influem directamente na perda parcial, e talvez total, da mensagem a transmitir (Cruz, 2002, p.17,18).

3.2.3 COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

Comunicação e Linguagem são dois conceitos que frequentemente se associam, sendo mesmo considerados por muitos como similares.

Abrantes (1997, pp.75,151) distingue-nos estes dois conceitos nos processos desenvolvidos pelos homens com os animais, dizendo-nos que a

“comunicação não tem de ser efectuada por uma troca de palavras, tal como as entendemos. No mundo animal onde palavras não existem, comunicação continua a ser possível e indispensável (...) pressupondo pelo menos 3 factores: um emissor, um receptor e um sinal. (...) sinais podem ser expressões faciais, um latido, uma lambidela ou substâncias químicas (...) linguagem é um complexo e abstracto sistema de comunicação (...) considerado como único do ser Humano (...) e tem der simbólico, aberto, capaz de abranger construções criativas, ideias abstractas e o conceito de tempo.”¹³

Como tal, a comunicação não se resume a uma linguagem, diz respeito a todos os sinais que o tratador poderá ter, consciente ou inconscientemente.

No treino canino, é então fundamental que o tratador domine os conceitos necessários para comunicar com o seu cão, sendo, segundo Miranda (2003, pp.133-134), a “capacidade de aplicar os princípios de aprendizagem e reforços...”, constituindo-se a Linguagem SMAF numa forma de atingir esses objectivos.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo fez-se a análise da relação que existe no Binómio Cinotécnico, aperfeiçoada ao longo dos séculos e potenciada actualmente através da Etologia.

Ficou patente que, ao longo treino canino, deveremos ter cuidado com todas as expressões corporais que assumimos, pois todas essas expressões e gestos representam uma forma de comunicarmos com o nosso cão.

O Binómio Cinotécnico tem vindo a adaptar-se às constantes evoluções da realidade social e como tal, dissecou-se a comunicação efectuada entre o binómio cinotécnico.

¹³ Tradução livre da responsabilidade do autor

CAPÍTULO 4 – TREINO CANINO

4.1 INTRODUÇÃO

Com a elaboração deste capítulo, pretende-se dotar o leitor de alguns conceitos afectos ao treino canino, possibilitando conhecer a linguagem usada no sistema tradicional de treino, aplicada no GIC, e a linguagem que nos propomos a estudar, a *Signal, Meaning and Form*.

Deste modo, o capítulo em questão abordará, numa primeira fase, conceitos transversais ao treino canino, nomeadamente o behaviorismo, seguindo-se a caracterização do sistema tradicional de treino do GIC, cujo manual se encontra em desenvolvimento, mas que serviu de base para a elaboração deste capítulo. Por fim, analisar-se-á a linguagem SMAF, que possibilitará a aquisição dos conhecimentos básicos para compreensão do trabalho em questão, o qual, por ser pioneiro se recorreu aos ensinamentos de Abrantes (2007).

4.2 PSICOLOGIA DO TREINO CANINO

De acordo com Miklósi (2007, p.vii), “as constantes pressões selectivas a que o Cão está sujeito moldou o seu comportamento de tal forma que o tornou compatível com o comportamento Humano”¹⁴, o que conduziu a que o Homem o domesticasse de tal modo que lhe possibilitou usufruir das capacidades caninas.

Desta forma, o “treino canino é um meio através do qual ao animal é exposto repetidamente a um aspecto controlado do meio ambiente” (Miklósi, 2007, p.25).

Actualmente, devido ao aumento de famílias que possuem cães, verificou-se um aumento exponencial na aquisição de livros e manuais que abordam essencialmente formas e métodos de treinar um cão. O que a maioria dessas famílias desconhece é que não existe uma forma ideal de treinar o nosso cão, não existe um método perfeito, pois esse método perfeito depende essencialmente da personalidade e sensibilidade de cada cão. (Miranda, 2003, p.XVII).

É claro que o cão nasce com potencialidades a partir das quais terá a possibilidade de mudar o seu comportamento, contudo essas potencialidades serão maiores ou menores em resultado da estimulação a que foram sujeitos, o que os torna mais ou menos experientes. Essa experiência permite-lhes uma melhor resolução dos problemas que lhes forem apresentados. Decorrente deste processo de treino do nosso cão, surgem os mais variados

¹⁴ Tradução livre à responsabilidade do Autor

problemas, no entanto, e apesar da existência de diversas teorias, há dificuldades que se constituem como sendo transversais a todo o treino canino. (“Patrulha”, 2011).

O primeiro problema decorre do facto de se tratar de donos/tratadores inexperientes, que passam praticamente o dia com o cão, que distinguem a fase de treino da fase de não treino, contudo o cão não consegue diferenciar a fase em que se encontra. Como tal, nessa fase de não treino o tratador estará a regredir no treino do cão.

O segundo problema, considerado o mais importante, consiste no facto de estes tratadores não conhecerem os princípios do behaviorismo (conceito explicado à posteriori), nomeadamente no uso disciplinado e correcto dos reforços e castigos. (“Patrulha”, 2011).

A teoria behaviorista dá-nos alguns princípios comuns a qualquer treino, mas é de realçar que, para o GIC, esta constitui principalmente uma parte do processo de aprendizagem, onde o cão não aprende só pelo controlo das suas respostas, mas é importante considerar a educação no treino que os processos internos influem na aprendizagem.

Independentemente do cão em questão e do treino que lhe queremos dar, o uso de castigos e reforços assume carácter fundamental para o treino canino. Uma preparação insuficiente do binómio acarretará a necessidade de usar mais castigos.

Desta forma, o treino deverá ser efectuado de acordo com a sensibilidade e o temperamento do cão em questão, devendo esse treino, segundo Campos (1977,p.31), ser “...lento e progressivo...”.

4.2.1 CONCEITOS PARA COMPREENSÃO DO CONDICIONAMENTO CLÁSSICO E DO CONDICIONAMENTO OPERACIONAL (BEHAVIORISMO)

Tal como foi acima referido, a teoria behaviorista assume-se como uma das grandes teorias da psicologia do treino canino, dando-nos alguns princípios transversais a todo o treino canino.

Iremos, assim, seguidamente abordar determinados conceitos que fazem parte desta teoria, tais como: associação, condicionamento clássico, condicionamento operante (CO) ou instrumental, reforços, castigos, contingência ou intervalos para o reforço e os programas de reforço.

4.2.1.1 Associação

É um mecanismo em que um estímulo e a resposta se associam. Podem ser utilizados como uma forma de comunicação, quando esses estímulos se encontrarem condicionados (“Patrulha”, 2011).

Segundo Miranda (2003, p.85), a força dessa associação depende fundamentalmente de três factores: da intensidade do estímulo¹⁵, da contingência¹⁶, da relevância¹⁷.

4.2.1.2 Condicionamento Clássico

O uso deste condicionamento deve-se aos estudos de Ivan Pavlov¹⁸ (1849-1936), que nos fala do condicionamento clássico como uma associação nova entre um estímulo externo e uma resposta que, fundamentalmente, é um reflexo.¹⁹

Pavlov, na sua experiência, pretendia medir a quantidade de saliva sempre que apresentava bocados de carne ao seu cão, iniciando cada sessão ao som de uma sineta. Ao fim de algum tempo, notou que, ao tocar a sineta, o cão começava a salivar sem ser necessário mostrar a comida, ou seja, o cão associou a comida a um estímulo que era o som da sineta.

Deste modo, “a característica mais importante do condicionamento clássico é que a apresentação de estímulos é totalmente arbitrária, ou seja, não está determinada pela conduta do cão”²⁰ (Miranda, 2003, p.104).

4.2.1.3 Condicionamento Operante (CO) ou Instrumental

O conceito que hoje conhecemos como condicionamento Operante ou Instrumental deve-se a Skinner (1938), no entanto, o grande pioneiro destas matérias foi Thorndike (1898), cuja experiência mais conhecida consistia na introdução de um gato no interior de uma gaiola com uma pequena alavanca e quando essa alavanca fosse pressionada, o gato teria acesso à comida. Numa primeira vez, o gato, quase que por acidente, acciona a alavanca e tem acesso à comida. O que se verifica a partir daqui é que, quando repetida a experiência, o gato tem tendência a operar cada vez mais rápido a alavanca.

No CO, o gato procura as condutas que são reforçadoras e as que não são, operando com o meio, traduziu-se em respostas que não são reflexas, mas feitas conscientemente e de forma voluntária, o que possibilita a aprendizagem de novos comportamentos.

“O fundamental deste condicionamento é que o animal aprende que, perante determinada conduta, numa situação concreta (estímulo), conseguirá uma recompensa (reforço)”²¹ (Miranda, 2003, p.105).

¹⁵“Em algumas fases iniciais, se o estímulo for baixo, pode passar despercebido pelo que deve ser claro e definido” (Miranda, 2003, p.95)

¹⁶“ Pedra fundamental no treino de cães, a regra é que o reforço deve ser imediatamente aplicado a seguir à realização da conduta”(Miranda, 2003, p.113)

¹⁷“O grau de relevância depende do grau com que os estímulos prevêm o reforço” (Miranda, 2003, p.84)

¹⁸ Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1904

¹⁹ “ Resposta inata, involuntária e invariável a um estímulo determinado.” (Miranda, 2003, p. 78)

²⁰ Tradução livre à responsabilidade do autor

²¹ Tradução livre da responsabilidade do autor

4.2.1.4 Reforço

Segundo Abrantes (2007, p.210), um reforço é tudo o que aumenta a probabilidade de determinado comportamento ser apresentado.

Reforço esse que pode ser efectuado, de forma positiva ou negativa. Entende-se por reforço positivo (RP) tudo o que aumenta a probabilidade de determinado comportamento ser apresentado. Pelo contrário, por reforço negativo (RN) entende-se tudo o que aumenta a probabilidade de determinado comportamento ser retirado.²²

4.2.1.5 Castigos

Por castigo entende-se qualquer “estímulo que seja capaz de diminuir a probabilidade da emissão de determinada resposta” (“Patrulha”, 2011).

À semelhança do reforço, também existe castigo positivo e negativo, consistindo o castigo positivo (CP) na apresentação ou aumento de um estímulo que diminui a probabilidade de a conduta contingente se repetir, por sua vez o castigo negativo (CN) consiste na supressão ou diminuição de um estímulo que diminui a probabilidade que a conduta contingente se repita, onde o estímulo positivo termina como consequência inequívoca da resposta indesejada (“Patrulha”, 2011).

É de realçar que, para se alcançarem os objectivos a que o binómio se propõe, é fulcral o tratador saber conjugar os castigos com os reforços, isto é, através do uso de castigos uma conduta pode ser temporariamente suprimida, contudo, se ao mesmo tempo lhes ensinamos condutas associadas aos reforços positivos, podemos conseguir trocar uma conduta não desejada por outra que se pretenda. Como tal, a aprendizagem de novos comportamentos através de castigos não é possível, uma vez que existe somente supressão de respostas.

A contingência ou intervalos para o reforço, o castigo para ser eficaz deve ser aplicado imediatamente e sempre que se produza a resposta, devendo ser com uma intensidade mínima sem deixar de ser suficiente para deter a conduta.

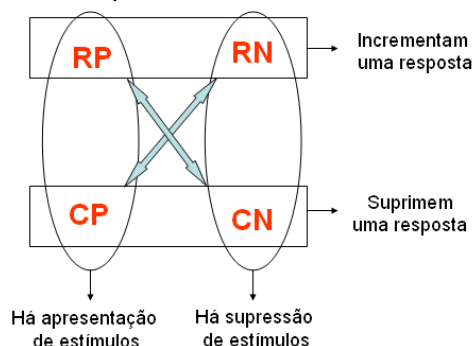


Figura 4.1:Relação Castigos/reforços

Fonte:(“Patrulha”, 2011)

²² Tradução livre da responsabilidade do autor

Observe-se a relação exposta no quadro entre o castigo positivo (CP) e o reforço negativo (RN). Ao aplicar um estímulo desagradável (*vide* definição de CP), fazemo-lo para diminuir a probabilidade de repetição de uma resposta indesejada, mas, quando se retira ou diminui um estímulo desagradável, o cão terá tendência a aumentar a probabilidade de repetir a resposta que está contingente a essa retirada ou diminuição (*vide* definição de RN).

Podemos então dizer que, quando utilizamos um CP, este terminará sempre num RN. É importante ter presente que sempre que deixamos de aplicar um CP que, por outras palavras, significa dar um RN, o cão terá tendência a repetir a última conduta que lhe esteja contingente.

Existe também uma relação entre o reforço positivo (RP) e o castigo negativo (CN). Quando se apresenta ao animal um estímulo que é agradável ou se lho oferece ou se lho retira. Se lho oferecemos, estamos a usar um RP, se lho retiramos, estamos a usar um CN. Por isso é também possível dizer que, perante um estímulo agradável, existe duas hipóteses: RP ou CN.

4.2.1.6 Programas De Reforço

No sistema tradicional, usado no GIC, existem cinco programas de reforço, pelo qual se entende como o tempo decorrido após a aplicação do reforço.

Deste modo, o primeiro programa de reforço utilizado no GIC designa-se por programa contínuo, onde todas as respostas são reforçadas.

No programa intermitente de intervalo fixo, o reforço é ministrado após um período de tempo fixo (ex: administração do reforço em intervalos de tempo de cinco minutos). Por sua vez, no programa intermitente de intervalo variável, o reforço dá-se segundo um intervalo de tempo que varia desde a última vez que foi reforçado, ou seja, os intervalos de tempo são escolhidos aleatoriamente. As respostas emitidas são menos flutuantes no que respeita à sua execução e à sua qualidade porque provavelmente ele não consegue estabelecer expectativas temporais precisas acerca da duração do intervalo sem reforço. No programa intermitente de razão fixa, o reforço dá-se depois de um número fixo de respostas não reforçadas. Da mesma forma que acontece com o programa intermitente de intervalo fixo, também há perdas ao nível da qualidade e da execução após a última vez que o animal é reforçado, dando a sensação de que ele consegue contar. É um programa com uma taxa elevada de respostas (“Patrulha”, 2011).

No programa intermitente de razão variável o reforço, dá-se depois um número variável de respostas. Proporciona o nível mais elevado de respostas e não tem perdas significativas no número e qualidade das respostas, pelos mesmos motivos que no programa intermitente de intervalo variável, sendo este tipo de programa mais adequado para respostas curtas no que respeita ao tempo de execução, como são exemplo os exercícios de obediência básica.

4.3 SISTEMA TRADICIONAL

Com a reestruturação sentida, pela Lei n.º 63/2007, de 6 de Novembro, assistiu-se à integração da Companhia Cinotécnica na UI, passando de Companhia Cinotécnica integrada na antiga Escola Prática da Guarda, para GIC. Além disso, com a criação do Grupo de Intervenção Cinotécnico, foi criado o Centro de Formação Cinotécnico (CFC) com o intuito de apoiar o comando do GIC no planeamento e gestão da formação cinotécnica, que se debruça essencialmente sobre o aprofundamento temas de que sempre existiram, como o deste TIA.

Com a criação do CFC pretende-se que, toda a doutrina que o GIC possui seja passada para manuais, criando alguma base escrita no que toca a esta parte, para o futuro. Esse processo encontra-se no bom caminho, através da existência do projecto do manual da vertente de Guarda e Patrulha, que serviu de base para a elaboração deste capítulo.

4.3.1 OBEDIÊNCIA BÁSICA

Antes de iniciar o treino do cão, a primeira fase passa pela sua aquisição. No GIC, a aquisição do cão pode ser desenvolvida de três formas: por Remonta (essencialmente realizada no estrangeiro), Doação particular ou por Procriação na unidade.

Campos (1977), enumera três fases no treino do cão militar: a primeira consiste na familiarização com o animal, onde se procura ganhar a afeição e confiança do cão. A segunda traduz-se no treino básico, constituído por exercícios físicos²³ e exercícios de obediência²⁴, fase esta que se revela árdua, pelo menos até o cão perceber que lhe queremos ensinar algo. A última fase consiste no treino especializado, onde os cães serão separados consoante as aptidões de que dispõem.

Seguindo as fases definidas por Campos (1977), a fase de obediência básica usada no GIC equivale à fase de familiarização enunciada por este autor, no qual se pretende inicialmente brincar com o cão, de forma a ganhar a sua afeição e confiança.

A fase de brincar, respeitante ao treino da obediência básica, é marcada por ser a única fase em que se recorre aos ensinamentos pavlovianos, explicados no condicionamento clássico. Nesta fase, pretende-se o condicionamento do som “EI”, o cão já sabe brincar por instinto, a única diferença é que associamos o som “EI” a um brinquedo²⁵ ou uma oportunidade de brincar. Desta forma, pretende-se incutir no cão o desejo, de forma espontânea e involuntária, sempre que o Militar lhe apresentar o brinquedo. O sistema tradicional usado no GIC (Anexo N) é da autoria completa desta Subunidade, considerando que, para aprendizagem de determinado exercício, essa passa por três fases: aquisição,

²³ “Desenvolvimento físico do cão, conferindo-lhe agilidade e aumentando-lhe a mobilidade” (Campos, 1977)

²⁴ “Disciplinar o nosso cão ensinando-lhe pequenos exercícios como sentar, deitar, de pé” (Campos, 1977)

²⁵ Churro/Boneca de pano que constitui o brinquedo do cão

aperfeiçoamento e exigência. A primeira fase corresponde a uma apresentação global daquilo que pretendemos ensinar, para que se estabeleça uma associação entre o estímulo dado e a resposta a obter. Na segunda fase pretende-se consolidar a associação acima mencionada, em que, para receber o reforço positivo, o cão tem de executar bem o comando. Caso exista uma situação em que o cão não execute o exercício, ele seria alvo de um castigo negativo ou positivo, como, por exemplo, a manipulação para efectuar a posição correcta (“Patrulha”, 2011).

A última fase, que corresponde à exigência, é marcada pelo conhecimento antecipado pelo cão daquilo que se pretende, procurando-se a perfeição. No GIC, essa perfeição passa pelo reforço intermitente de, por exemplo, as respostas mais rápidas e precisas, ou seja, mais energia, elevando-se o tom de voz.

4.4 LINGUAGEM SIGNAL MEANING AND FORM (SMAF)

A linguagem *Signal, Meaning And Form* surgiu no início da década de 90, pela mão do Professor Roger Abrantes, director do “*Ethology Institute*”²⁶, quando, numa divisão do “*Cambridge E-Learning Institute*”, se teve a iniciativa de tentar melhorar a precisão da comunicação na altura em que descrevemos ou planeamos os processos de aprendizagem no trabalho com animais. Inicialmente este sistema destinava-se ao trabalho com cães (especialmente os cães de detecção de droga) e cavalos, contudo, graças aos progressos que têm sido efectuados esta linguagem tem-se alargado a todo o tipo de espécies. Trata-se de uma linguagem que já foi utilizada pela APOPO²⁷, uma instituição de caridade registada na Bélgica e sediada na Tanzânia, que pesquisa, desenvolve e implanta tecnologia de detecção de explosivos feita por ratos para fins humanitários.

A linguagem SMAF é inspirada numa linguagem de computador, que permitia dar a um computador instruções precisas e com um grau de fiabilidade elevado. Deste modo procurou-se passar este mesmo nível de precisão para os processos em que lidamos com animais, permitindo o SMAF transcrever processos complexos de forma precisa e com menor probabilidade de erro. Este sistema pode ser definido como “uma linguagem que descreve de forma precisa todos os elementos da aprendizagem, e concebe um plano de acção para qualquer objectivo de aprendizagem pretendido”²⁸, traduzindo-se numa “simplificação de processos complexos” (Abrantes, 2007).

²⁶ <http://www.ethology.eu>

²⁷ <http://www.apopo.org>

²⁸ Tradução Livre à responsabilidade do autor

4.4.1 A MORFOLOGIA E A SINTAXE DO SISTEMA SMAF

Após uma breve introdução, pretende-se aqui explicar a morfologia e a sintaxe da escrita na linguagem *Signal, Meaning and Form*.

Trata-se de uma linguagem que tem como principal linha orientadora a simplicidade, contudo obriga a um planeamento obrigatório dos exercícios por parte dos tratadores, com a aplicação dos princípios transversais e basilares da psicologia canina, isto é, da teoria behaviorista.

De facto, a falta de planeamento é uma das grandes lacunas do GIC, estando o cão em constante aprendizagem, acaba-se por realizar experiências que não são as pretendidas e que mais tarde se revelam difíceis de apagar, situações que, com planeamento seria melhorada em termos de possibilidade de ocorrência de erro.

A compreensão da morfologia e da sintaxe do Sistema *Signal Meaning and Form*, passa inicialmente pela análise do próprio nome, uma vez que cada exercício passa por um estímulo representado por um sinal (*Signal*) que será efectuado de determinada forma (*Form*), e que deverá ser possuidora de um significado (*Meaning*).

No entanto, O sistema SMAF traduz-se num código, portanto a sua escrita tem algumas considerações e regras que devem ser respeitadas; No exemplo a seguir apresentado, a primeira letra do sinal, deverá ficar com letra maiúscula “O”, seguida de um texto entre parênteses a explicar o significado do sinal “**olha para mim**”, posteriormente uma vírgula seguida do texto relativa à forma do sinal e a explicação entre parênteses, não havendo espaços nesta frase. O exemplo dado é o seguinte:

Quando digo **Olá** para alguém essa pessoa olha para trás para **olhar para mim**

---	-----
Sinal	Significado

Nesta frase, o “Olá” é caracterizado como o Sinal sendo o “Olhar para mim” o seu significado e o uso verbal da palavra “Olá” constitui-se como a forma de dar esse sinal.

Transcrito para a linguagem SMAF, ficaria:

Olá(olha para mim),som(Olá).

---	-----	-----
Sinal	Significado	Forma

Passando agora para o objectivo deste trabalho, o trabalho com cães, dando o sinal *Sit* (Sentar) ao nosso cão, ficaria em SMAF:

Sit(põe o rabo no chão e mantém-no nessa posição até outro sinal te ser dado),**sound**(*sit*)

---	-----	-----
Sinal	Significado	Forma

Na sua forma completa o sinal seria desta forma, mas após definirmos bem o sinal podemos abreviá-lo para **Sit.som**.

No entanto, a transcrição desse mesmo sinal pode ser feita através de comandos à distância, através do movimento da mão, que transcrito fica:

Sit, Mão (movimento para cima com a mão direita em frente do nariz do cão)

|--| |-----|

Sinal

Forma

A linguagem SMAF constitui-se como um código, uma linguagem de computador, como tal todos os conceitos explorados anteriormente das teorias behavioristas (castigos, reforços, entre outros) são portadores de um determinado código ou letra que se lhe encontra associado e que é necessário saber para escrever em linguagem SMAF.

Como acima mencionado, este tipo de linguagem obriga que o treino seja antecedido pelo planeamento, materializado através de um Plano de Acção (POA), que é um programa que consiste num ou em vários passos da acção (PRS), possuindo um objectivo claro e definido (DLO) e uma lista de sinais, reforços e castigos (SRP).

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, que se constitui como fulcral no âmbito do presente trabalho, pretendeu-se essencialmente transmitir ao leitor os conceitos necessários para a compreensão dos objectivos traçados para o presente TIA.

Efectuou-se a análise do treino canino, abordando conceitos behavioristas, no qual se destacam as teorias do condicionamento clássico e do condicionamento operante ou instrumental. Os conceitos que foram abordados revelam-se imprescindíveis nos processos em que se lida com animais, devendo, por isso, fazer parte do léxico profissional de qualquer treinador de animais.

Continuando com os objectivos traçados para este TIA, procedeu-se à análise do sistema tradicional de treino, no qual destacámos as três fases usadas para a aprendizagem de qualquer exercício: a aquisição, o aperfeiçoamento e, por último, a exigência.

Relativamente ao sistema SMAF, foi explicada a sua organização e a sua sintaxe básica, ficando patente que se trata de uma linguagem que se poderá traduzir num acréscimo da qualidade de treino canino no futuro, pois além de exigir do tratador um planeamento obrigatório do treino a efectuar, exige também um conhecimento profundo dos conceitos transversais a todo o treino canino. Conceitos esses que se revelam fulcrais no treino canino.

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA DA PARTE PRÁTICA

5.1 INTRODUÇÃO

Realizado o enquadramento teórico na I parte do presente TIA, que visa sobretudo fornecer as ferramentas necessárias para o enquadramento da investigação de campo, há que seguir com a metodologia, tendo em vista a concretização dos objectivos previamente definidos.

Neste capítulo iremos então abordar os métodos e as técnicas utilizadas na análise dos dados recolhidos. Desta forma apresenta-se inicialmente a metodologia utilizada no trabalho de investigação, referindo-me posteriormente aos procedimentos e técnicas usados para obtenção de informação, bem como aos meios utilizados ao longo do processo de investigação.

5.2 METODOLOGIA DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Para recolha de informação de forma a dar resposta à questão de partida e às questões de investigação derivadas utilizam-se essencialmente quatro métodos de recolha de dados: observação directa²⁹, análise documental³⁰, método indutivo³¹ e método inquisitivo³².

A observação directa fez-se através de visitas ao GIC, onde se observaram briefings dados por oficiais do GIC, bem como pelo Professor Roger Abrantes, que possibilitou assimilar conhecimentos relativos ao Grupo e suas capacidades, mas também relativos à linguagem SMAF.

Foi ainda possível, no que diz respeito à linguagem SMAF, assistir ao treino dado, bem como à avaliação que lhes foi efectuada, o que, combinado com conversas informais com os seus Oficiais, Sargentos e Guardas, possibilitou trazer um acréscimo de qualidade.

A análise documental traduz-se na sustentação teórica de toda a experiência, efectuando-se uma exaustiva pesquisa de informação, tanto a nível interno como externo. Contudo devido

²⁹ Segundo Quivy (2008), é “o único método de investigação social que capta os comportamentos no momento”

³⁰ Segundo Barañano (2004), fundamenta-se na decomposição de um todo nas suas partes, para serem estruturadas mais facilmente.

³¹ Segundo Sarmiento (2008) “A validade dos resultados depende da representatividade da amostra e do método estatístico utilizado”

³² Segundo Sarmiento (2008) “é baseado no interrogatório escrito ou oral”

à especificidade do trabalho em questão, recorreu-se, em grande parte, à doutrina de treino do GIC, bem como aos livros do Professor Roger Abrantes, relativos à linguagem SMAF.

O método indutivo foi efectuado através do estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação, onde o método estatístico utilizado possibilita chegar a conclusões verdadeiras para a amostra.

O método inquisitivo, realizado através do interrogatório oral, em que se realizaram entrevistas semi-directivas.

5.3 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Encontrando-se definida a temática a abordar, o processo de investigação iniciou-se com a pesquisa bibliográfica necessária para a área em questão. Para tal, efectuaram-se as mais diversas visitas a Bibliotecas, Instituições e Estabelecimentos de Ensino Superior, bem como conversas informais com Oficiais, Sargentos e Guardas do GIC.

O processo de investigação desenvolveu-se de acordo com a ordem pela qual aqui se apresentam os métodos de investigação, tendo a observação directa e a análise dos dados estatísticos sido complementada com entrevistas aos Oficiais, Sargentos e Guardas do GIC.

5.3.1 OBSERVAÇÃO DIRECTA

A observação directa, no presente trabalho, foi efectuada através de diversas visitas ao GIC, à Companhia de Detecção, em Queluz, à Companhia de Intervenção, na Ajuda, que possibilitou ter um conhecimento detalhado do processo evolutivo da formação do binómio cinotécnico, através da visualização do treino de binómios, segundo a linguagem tradicional usado no Grupo de Intervenção Cinotécnico.

Relativamente à linguagem SMAF, foi possível assistir a todo o processo de formação, desde acompanhar a formação teórica dos militares, à componente prática, através da visualização dos treinos ministrados e avaliações efectuadas. Tudo isto, combinado com conversas informais com os seus militares possibilitou trazer um acréscimo de qualidade.

5.3.2 DADOS SECUNDÁRIOS

No que concerne à tipologia das fontes de dados, foram utilizados dados secundários³³, tendo sido disponibilizadas pela secretaria do GIC, todas as avaliações efectuadas na CDC no ano de 2011.

³³ Segundo Sarmento (2008) “os dados secundários já existem e foram recolhidos, registados e analisados por outras pessoas...”

A avaliação realizada às duas linguagens foi efectuada da mesma forma, tendo sido usada a ficha de avaliação da disciplina de obediência do RABinDE para as duas, com o intuito de não haver qualquer tipo de desigualdade no processo de avaliação.

Estando as fichas de avaliação disponibilizadas, procedeu-se à sua análise tendo em conta os objectivos traçados para o presente trabalho, análise efectuada através do software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*.

5.3.3 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

Os dados recolhidos têm como objectivo analisar a comunicação no Binómio Cinotécnico, através da realização de um estudo comparativo entre a linguagem usada no sistema tradicional no GIC e a linguagem *Signal, Meaning and Form (SMAF)*.

O presente estudo é constituído por duas amostras, em que se compara a disciplina de obediência de binómios treinados pelo sistema tradicional, aos de binómios treinados com recurso à linguagem SMAF, tendo sido sujeitos à mesma ficha de avaliação.

É de referir que a amostra relativa à linguagem SMAF, constituída por sete binómios, foi criada propositadamente para este estudo, tendo o treino sido acompanhado e apoiado tecnicamente pelo professor Roger Abrantes.

Desta forma, o grupo de trabalho tinha a seguinte composição:

- Cabo Sousa, Cabo Paiva e Cabo Figueiras da Secção de Busca e Salvamento do Pelotão de Detecção de Odores Humanos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Guarda Moreira da Secção Agentes Incendiários do Pelotão de Odores Químicos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Cabo Leitão da Secção de vestígios Biológicos do Pelotão de Detecção de Odores Humanos da Companhia de Detecção Cinotécnica;
- Cabo Mário Silva e Cabo Diz da Secção de Detecção de Explosivos e Armas do Pelotão de Odores Químicos da Companhia de Detecção Cinotécnica;

A segunda amostra deste TIA é materializada por todos os binómios que já foram avaliados pela ficha de avaliação da disciplina de obediência RABinDE da CDC, no ano de 2011 (15 binómios). Pelo facto de a amostra ser insuficiente, não foi possível generalizar os dados obtidos à população total.

5.4 ENTREVISTAS

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005, pp.193,195), estes “processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados”.

A entrevista seguiu um guião, previamente elaborado, no qual os entrevistados responderam livremente às questões formuladas, ajudando a clarificar os dados estatísticos analisados, com a finalidade última de dar resposta aos objectivos delineados na Parte I do TIA.

As entrevistas foram presenciais e realizadas entre os dias 12 e 20 de Julho de 2010, Apresentadas no Apêndice D, as entrevistas foram transcritas e analisadas em grelhas de análise qualitativa de conteúdo, através de sinopses que permitiram uma posterior análise quantitativa. Na tabela 5.1, apresentam-se as características sócio-demográficas dos entrevistados.

Quadro 5.1: Características Sócio-Demográficas dos entrevistados.

Entrevistado	Género	Idade	Posto ou Grau Académico	Função objecto de estudo	Função actual
E1	M	48	1º Sargento	Chefe da Secção de Detecção de Engenhos Explosivos	Chefe da Secção de Detecção de Engenhos Explosivos
E2	M	33	Cabo	Grupo Trabalho SMAF	Secção Busca e Salvamento
E3	M	41	Sarg. Ajudante	Chefe da Secção de Busca e Salvamento	Chefe da Secção de Busca e Salvamento
E4	M	31	Capitão	Instrutor	Comandante do Centro Formação Cinotécnico
E5	M	59	Doutor (Dr.)	Instrutor	Director do "Ethology Institute"

5.5 MEIOS UTILIZADOS

A análise estatística foi efectuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 18.0 para Windows, sendo alguns gráficos elaborados através do *Microsoft Office Excel®* 2007.

As entrevistas foram gravadas com recurso a um gravador digital *Philips voice tracker* LFH0622.

5.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

No presente capítulo definiu-se a metodologia utilizada na investigação de campo, onde, além da observação directa e da análise documental que serviram de base ao estudo efectuado, se analisaram dados relativos às avaliações dos binómios, recolhidos na secretaria do GIC, procedendo-se também a entrevistas semi-directivas.

No Capítulo 6, serão apresentados e analisados os resultados obtidos através das técnicas e metodologias definidas no presente capítulo.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, abordou-se a metodologia utilizada no estudo realizado; neste capítulo, apresentam-se os resultados dos dados recolhidos e das entrevistas realizadas.

Dos dados que foram alvo de tratamento estatístico, apresentam-se tabelas e gráficos que permitem efectuar comparações entre as duas linguagens que se pretendiam estudar. Na análise dos dados das entrevistas são elaborados quadros síntese, com as respostas dos diversos entrevistados, de forma a clarificar os dados obtidos na análise estatística.

6.2 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados relativos às avaliações efectuadas aos binómios cinotécnicos tinham como objectivo verificar se a linguagem SMAF possibilitava ou não a obtenção de melhores resultados. Encontrando-se os dados recolhidos, os mesmos foram submetidos a análise estatística através do software estatístico SPSS.

6.2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BINÓMIOS

No presente estudo colaboram 22 binómios, e os militares envolvidos, além de serem todos do sexo masculino e pertencerem todos à classe de Guardas da GNR, tinham outro ponto em comum: o facto de contribuírem para o treino canino no GIC. Tal como indica o gráfico 6.1 e 6.2 (Apêndice A), o cão era representado por 55,0% do sexo feminino, ficando o sexo masculino com os restantes 45,0%. Relativamente às idades, podemos constatar uma idade bastante superior para os cães treinados pelo sistema tradicional (4,45 para 1,04 anos).

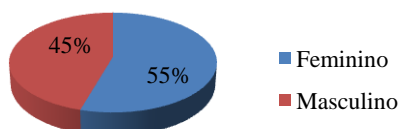


Gráfico 6.1: Género.

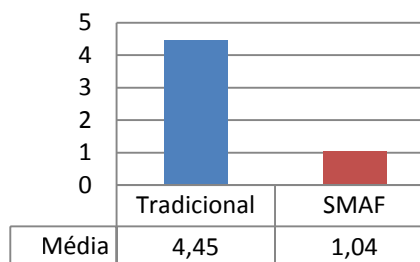


Gráfico 6.2: Média de idades (Anos).

Continuando na caracterização dos cães avaliados, de acordo com a tabela 6.1 poderemos deduzir que a raça predominante neste estudo é a *Retriever* Labrador (68,2%) seguida da Pastor Alemão (13,65%).

Tabela 6.1: Raça.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
<i>Cocker Spaniel</i>	2	9,1	9,1	9,1
<i>Golden Retriever</i>	1	4,5	4,5	13,6
Pastor Alemão	3	13,6	13,6	27,3
Pastor Belga <i>Malinois</i>	1	4,5	4,5	31,8
<i>Retriever</i> Labrador	15	68,2	68,2	100,0
Total	22	100,0	100,0	

Através da observação da tabela 6.2, poderemos concluir que, dos 22 binómios utilizados no presente estudo sete foram treinados com recurso à linguagem SMAF e 15 binómios treinados de acordo com a linguagem tradicional usada no GIC (Vide Apêndice C).

Tabela 6.2: Linguagem.

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
SMAF	7	31,8	31,8	31,8
Tradicional	15	68,2	68,2	100,0
Total	22	100,0	100,0	

6.2.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos pelos cães, nos exercícios propostos, podem ser observados na tabela nº6. 3. Nela indicamos os valores mínimos, máximos, médios e respectivos desvios padrão.

Tabela 6.3: Pontuação Estatísticas Descritivas.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Exercícios com trela (A)	22	8	28	19,55	5,298
Exercícios sem trela (B)	22	20	48	34,00	7,880
Rapel Devant (C)	22	0	16	11,27	4,388
Nota	22	43,47	92,39	70,454	15,68

Para a comparação das duas linguagens de comunicação, iremos analisar o desempenho do binómio nos três exercícios propostos, usando, para aceitar ou rejeitar a hipótese nula, um nível de significância ($\alpha \leq 0,05$).

No entanto, como as variáveis dependentes são de tipo quantitativo, e pretendemos comparar dois grupos de binómios, treinados segundo linguagens distintas, iremos usar o teste t de Student para amostras independentes. Para que este teste seja considerado

adequado, têm de se verificar determinados pressupostos, nomeadamente a existência de uma normalidade de distribuição dos valores e homogeneidade de variâncias, tendo-se analisado com o teste de *Kolmogorv-Smirnov*³⁴ e o teste de *Levene*.

No entanto no exercício designado por *rapel devant* o pressuposto de normalidade não estava satisfeito, o que conduziu ao uso de um teste alternativo, o teste de *Mann-Whitney*⁵³.

Tabela 6.4: Teste t Student.

	SMAF		Tradicional		Sig.
	M	DP	M	DP	
Exercícios com trela	18,00	4,899	20,27	5,483	0,363
Exercícios sem trela	33,71	8,902	34,13	7,689	0,911
Rapel Devant	9,71	4,536	12,00	4,276	0,174 a)
Total	66,77	14,23	72,17	16,49	0,465

a) Teste de Mann-Whitney

Através da análise à tabela 6.4, que nos possibilita comparar as duas linguagens, poderemos verificar que, apesar de a diferença não ser significativa, os cães treinados segundo a linguagem tradicional vão tendo um desempenho superior em todos os exercícios.

Nos exercícios com trela, os binómios avaliados segundo a linguagem tradicional demonstram resultados superiores aos dos binómios avaliados segundo a linguagem SMAF (20,27 *versus* 18,00), embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas, $t(20) = 0,932$, $p=0,363$.

Nos exercícios sem trela os binómios treinados pela linguagem tradicional apresentam novamente resultados superiores aos da linguagem SMAF (34,13 *versus* 33,71), embora as diferenças não sejam também estatisticamente significativas; $t(20) = 0,113$, $p=0,911$.

No *rapel devant*, à semelhança dos anteriores, a linguagem tradicional tem melhores resultados que a linguagem SMAF, apresentando valores (12,00 *versus* 9,71), embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas, $Z = -1,359$, $p=0,174$.

Tal como acima referido, os binómios treinados segundo a linguagem Tradicional dominam todos os resultados, possuindo uma pontuação total de (72,17 *versus* 66,77), embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas, $t(20) = 0,745$, $p=0,465$.

6.3 ANÁLISE DE ENTREVISTAS

A análise das entrevistas, no presente trabalho, foi efectuada através de dois processos distintos: a análise qualitativa de conteúdo (Apêndice D), através de sinopses, de onde se

³⁴ (Determina se os dados estão normalmente distribuídos, <http://www.originlab.com/index.aspx?go=Products/Origin/Statistics/NonparametricTests&pid=1085>, consultado a 13 Julho de 2011)

estabelecem os conceitos-chave transmitidos pelos entrevistados, que se constituem como base para a elaboração de tabelas quantitativas.

6.3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º1

No quadro 6.1, encontram-se explanados os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º1** – “No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho no binómio cinotécnico?”

Quadro 6.1: Análise Quantitativa à Questão N.º1.

FACTORES	ENTREVISTADOS					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Empatia do Binómio			X	X	X	60
Socialização	X	X				40
Comunicação	X	X	X	X	X	100

Com esta questão, pretendia-se esclarecer os factores que os entrevistados elencavam como sendo os cruciais para uma boa relação/desempenho no binómio cinotécnico. Verificou-se que o balanço final pendia a favor da comunicação por eles estabelecida, no entanto foram elencados diversos factores.

Assim, verifica-se que o n.º 1 e 2 consideram o processo de socialização do cão como um factor importante para o sucesso do binómio cinotécnico, o n.º 3, 4 e 5 elencam ainda a empatia sentida entre o binómio, sendo contudo de concluir que o factor crucial reside na comunicação, que obteve 100% das respostas aos entrevistados.

6.3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º2

No quadro 6.2, encontram-se patentes os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º2** – “Na sua opinião o que entende pela Linguagem Signal, Meaning and Form (SMAF)?”

Quadro 6.2: Análise Quantitativa à Questão N.º2.

APRENDIZAGEM DO PROCESSO	Entrevistados					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Apreendido				X	X	40%
Parcialmente Apreendido	X	X	X			60%

Com esta questão, pretendia-se saber se os entrevistados compreendiam efectivamente o estudo inovador do qual fizeram parte, ficando comprovado, através das entrevistas efectuadas, que o conceito da linguagem SMAF tinha sido parcialmente apreendido.

Assim, é visível que apenas o n.º4 e 5 compreenderam efectivamente o presente estudo, uma vez que eram os instrutores, ficando patente que o n.º1, 2 e 3 apenas apreenderam parcialmente o estudo no qual participaram e que consistia no treino canino, com recurso à linguagem SMAF. Na entrevista n.º 4, o Capitão Costa Pinto declarou que “ no final constatou-se que a maioria dos tratadores não percebeu muito bem o que é o SMAF”.

6.3.3 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO Nº 3

No quadro 6.3, mostram-se os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º3**– “Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?”

Quadro 6.3:Análise Quantitativa à Questão N.º3.

NIVEL DE INFLUÊNCIA	Entrevistados					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Muita				X		20%
Alguma			X		X	40%
Nenhuma	X	X				40%

Tendo consciência de que os cães-alvo da linguagem SMAF eram todos cachorros, revela-se importante clarificar se tal facto poderá ter sido preponderante para os resultados obtidos. O n.º1 e 2 consideram que a idade não é um factor que tenha influência nos dados obtidos, opinião contrária têm o n.º3 e 5 que pensam que poderá ter alguma. Por sua vez, o n.º 4 considera que existiu muita influência, sendo referido pelo Cap. Costa Pinto: “No caso dos cães novos que foram alvo deste estudo... alguns deles pareciam bons animais de trabalho e depois revelaram que não. Inclusive, alguns já foram abatidos ao serviço”.

6.3.4 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO Nº4

No quadro 6.4, evidenciam-se os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º4** – “Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?”

Esta questão foi elaborada para perceber as grandes dificuldades e limitações que foram surgindo, e que são naturais num estudo inovador, como o presente.

À excepção do n.º 3, todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a principal dificuldade sentida residiu na falta de tempo, quer para ministrar aos militares conhecimentos relativos a esta linguagem, quer para treinar o cão diariamente. Apenas o n.º1 e 4 concordaram, ao afirmar que não houve acompanhamento adequado por parte dos instrutores. O n.º1 e 3 referiram ainda a dificuldade de escrever em SMAF. Só o n.º2 referiu a ausência de castigos como sendo uma dificuldade.

Quadro 6.4: Análise Quantitativa à Questão N.º4.

DIFICULDADES DO PROCESSO	Entrevistados					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Tempo diminuto	X	X		X	X	80%
Falta de Acompanhamento adequado	X			X		40%
Dificuldade da escrita em SMAF	X		X			40%
Ausência de castigos		X				20%

6.3.5 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º5

No quadro 6.5, revelam-se os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º5**—“Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?”

Quadro 6.5: Análise Quantitativa à Questão N.º5.

VANTAGENS/DESVANTAGENS	Entrevistados					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Implementação de comida durante o treino		X	X			40%
Facilita a detecção de erros				X	X	40%
Planeamento Obrigatório		X	X	X	X	80%
Compreensão dos princípios aprendizagem				X	X	40%
Não existem vantagens	X					20%
Demasiado tempo dispendido		X				20%
Dificuldade da escrita	X					20%
Não existem desvantagens				X	X	40%

Com esta questão, pretendia-se perceber as opiniões dos entrevistados quanto às vantagens e desvantagens da linguagem SMAF.

Desta forma, ficou demonstrado que a grande vantagem elencada reside no facto de esta linguagem exigir um planeamento obrigatório, através de 80% das respostas dadas.

Além disso, o n.º 2 e 3 consideram proveitosa a implementação da comida durante o treino, o que possibilitaria o treino de alguns exercícios mais cedo. O n.º4 e 5, além do planeamento, consideram a compreensão dos princípios de aprendizagem e a facilidade na detecção de erros outras vantagens importantes. Apenas o n.º 1 considera que não existem vantagens. No que concerne a vantagens, são elencadas algumas, mas referidas isoladamente, realçando-se que 40% das respostas não indicam desvantagens.

6.3.6 ANÁLISE QUANTITATIVA À QUESTÃO N.º6

No quadro 6.6, apresentam-se os resultados provenientes da análise de conteúdo à **Questão n.º6** – “Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?”

Quadro 6.6: Análise Quantitativa à Questão N.º6.

VANTAGENS DE IMPLEMENTAÇÃO	Entrevistados					%
	E1	E2	E3	E4	E5	
Base de dados de experiências		X		X		40%
Compreensão Princípios Aprendizagem					X	20%
Análise de problemas treino				X	X	40%
Instrução			X	X		40%
Não foi conclusivo	X					20%

Com a questão, pretendia-se clarificar a opinião dos entrevistados relativamente aos contributos que a linguagem SMAF traria para o Grupo Intervenção Cinotécnico.

Através do quadro 6.6, conseguimos depreender que as repostas são variadas, no entanto existem três contributos em destaque: a criação de uma base de dados de experiências, a análise de problemas de treino e a instrução com 40% das respostas.

É referido pelo n.º 1 que o estudo não foi conclusivo, e pelo n.º5 a compreensão obrigatória dos princípios de aprendizagem como outro contributo.

6.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Com a realização deste capítulo, pretendia-se estabelecer um encadeamento lógico que possibilitasse fornecer elementos para as reflexões finais que serão apresentadas no capítulo seguinte. Estando efectuada a análise estatística dos dados referentes às avaliações dos binómios, é-nos possível deduzir que não existem diferenças significativas destas duas linguagens, no entanto, na tentativa de clarificar e fundamentar esses mesmos resultados recorreu-se a entrevistas semi-directivas.

À excepção do Professor Roger Abrantes, todos os outros entrevistados pertenciam ao GIC, e embora não disponham de grandes conhecimentos desta linguagem inovadora, todos eles focaram factores que poderão ser importantes para uma futura implementação desta linguagem nesta subunidade.

Das entrevistas efectuadas ficou patente a importância da comunicação para o desenvolvimento, com sucesso, do binómio cinotécnico (80%), tendo sido referido o planeamento obrigatório de acordo com os princípios de aprendizagem como a grande vantagem desta linguagem (80%), no entanto, é apresentado como uma das grandes limitações deste trabalho a limitação de tempo, quer para dotar os militares dos conhecimentos necessários, quer para os militares desenvolverem o treino com o seu cão (80%).

CAPITULO 7 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7.1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada procurou analisar a comunicação entre o binómio cinotécnico, efectuando para o efeito um estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação.

Através da análise documental, dos dados estatísticos tratados e das entrevistas que foram efectuadas, procurou-se dar resposta aos objectivos que tinham sido delineados para este estudo.

Neste capítulo procurar-se-á verificar as hipóteses formuladas na primeira parte do trabalho, tendo como suporte a questão de partida, bem como as questões daí advenientes. Seguidamente apresentam-se algumas reflexões finais, as conclusões do trabalho e as limitações que foram sentidas ao longo deste processo de investigação. Por último, sugerem-se recomendações e investigações futuras.

7.2 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES FORMULADAS

Relativamente à primeira hipótese **“A comunicação entre o tratador e o seu cão é fulcral na formação do Binómio Cinotécnico”**, a mesma foi totalmente validada, pelas respostas à questão nº 1 das entrevistas, considerando-se que é através de uma comunicação eficiente que o binómio desenvolve toda a sua amizade e confiança.

Segundo o Capitão Costa Pinto, “é necessário que a comunicação entre o Homem e o Cão seja estudada de forma que o treinador saiba transmitir uma ideia assim como perceber o seu cão”.

Quanto à segunda hipótese **“Os Militares afectos ao GIC compreenderam a linguagem SMAF”**, foi parcialmente validada pelas respostas à questão nº 2.

Constata-se que a maioria dos militares afectos ao GIC não compreendeu esta nova linguagem, aliás nem os militares que fizeram parte do grupo de trabalho, perceberam efectivamente aquilo que a linguagem SMAF representa.

Atendendo à questão n.º3, uma das grandes dificuldades sentidas foi o pouco tempo disponível (80%), sendo referido pelo Professor Roger Abrantes, que o tempo foi escasso, quer para dotar os militares dos conhecimentos necessários para o treino a realizar, quer para os militares treinarem os seus cães.

Segundo o Cap. Pinto:

Rapidamente se descobriu que este processo ia demorar muito tempo e por isso optou-se por pedir ao Professor Roger Abrantes que escrevesse os exercícios... No final constatou-se que a maioria dos tratadores.... Ficou com a opinião que o SMAF se reduzia ao método que o Professor escreveu. Como não aprenderam a escrever em SMAF não perceberam que o SMAF é só e apenas uma linguagem.

Através desta afirmação é perceptível, que um dos grandes motivos que levou os militares a não compreenderem esta linguagem foi o facto de não terem transcrito o método tradicional do GIC para a linguagem SMAF, por limitação de tempo.

Considerando a terceira hipótese “**O Sistema tradicional constitui-se como mais eficaz na Comunicação do Binómio Cinotécnico**”, foi parcialmente validada. Tendo em conta a tabela 6.4 – teste t *Student*, constatou-se que os resultados apresentados não são estatisticamente significativos, no entanto pode-se verificar que existe em todos os exercícios uma ligeira vantagem para o Sistema Tradicional (Média de 72,17 para 66,77).

Tendo em conta a quarta e última hipótese “**A implementação da linguagem SMAF gera um valor acrescentado ao Grupo Intervenção Cinotécnico**”, a mesma foi parcialmente validada, através das vantagens/desvantagens e contributos, referidas pelos entrevistados às questões n.º5 e 6.

Como em tudo o que é inovador, a resistência inicial é sempre algo a esperar, contudo ficaram patentes diversas vantagens desta linguagem, desde logo e com 80% das respostas dadas, temos o planeamento obrigatório de cada treino, o que, aliado à compreensão dos princípios de aprendizagem, se traduz efectivamente numa mais-valia para o desenvolvimento do binómio cinotécnico no GIC.

Na verdade, deve ter-se em conta que existem ilações que não se podem retirar, devido ao carácter inovador e embrionário de que este estudo faz parte. Não é possível, apesar de cientes das suas vantagens, validar totalmente esta hipótese, nomeadamente pelos motivos apresentados à resposta n.º4.

7.3 CUMPRIMENTO DOS OBJECTIVOS

De forma a conseguir responder às questões de investigação formuladas, definiram-se objectivos. O primeiro, **Caracterizar o GIC como Subunidade especializada da UI**, foi totalmente atingido, na medida em que se dedicou o Capítulo 2 à análise e caracterização desta unidade.

Relativamente ao segundo objectivo, **Analisar a pertinência da comunicação entre o tratador e o seu cão na formação do Binómio Cinotécnico**, também se considera totalmente atingido, quer pelo Capítulo 3, quer pela resposta n.º 1 às entrevistas efectuadas,

com 100% das respostas a considerarem a comunicação como fulcral no sucesso do binómio cinotécnico.

O terceiro objectivo visava **Determinar os factores que conduziram ao sucesso e eficácia da comunicação entre o tratador e o seu cão**, clarificado pela resposta n.º1 da entrevista ao Professor Roger Abrantes em que nos enuncia diversos factores para uma boa comunicação, nomeadamente empatia da parte do treinador em relação ao cão, paciência e perseverança, experiência, espírito analítico e crítico, humor, disciplina e tempo.

Relativamente ao quarto objectivo **Determinar os factores que poderão conduzir ao sucesso ou insucesso do uso da linguagem SMAF no sistema de treino cinotécnico tradicional no GIC**, foi totalmente clarificado através das respostas n.º4 e 5 dos entrevistados, sendo elencadas diversas vantagens/desvantagens, bem como contributos que a linguagem SMAF traria ao GIC, com destaque para a grande vantagem do planeamento obrigatório do treino a efectuar (80%).

7.4 RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

Definida a questão central do presente TIA, surgiram questões secundárias que, apesar de serem importantes para as reflexões finais deste estudo, servem principalmente como base que irá apoiar a resposta à questão central.

A primeira questão pretendia **Determinar as principais alterações sentidas com a integração da cinotecnia na UI**. Através da análise documental e da observação directa, constatou-se que a reestruturação, levada a cabo pela Lei n.º 63/2007 conduziu a um novo contexto operacional, passando o GIC a depender de um comando completamente direccionado para a actividade operacional. Além disso, foi criado o Centro de Formação Cinotécnico que se revelará como uma mais-valia para o apoiar o comando do GIC no planeamento e gestão da formação cinotécnica.

Através das entrevistas realizadas, conseguiu-se dar resposta à segunda questão: **“Qual a importância da Comunicação entre o Binómio Cinotécnico (tratador/cão)?”**. Ao longo de todo o trabalho, ficou bem marcado a importância que a comunicação assume para o desenvolvimento, com sucesso, do binómio cinotécnico.

A terceira questão, **“Será o actual método treino utilizado no GIC eficaz na Comunicação entre Binómio Cinotécnico?”**, foi respondida através do tratamento de dados estatísticos. Apesar de não haver uma diferença significativa para o método escrito em Linguagem SMAF, a verdade é que a balança pendeu em todos os exercícios efectuados para a linguagem tradicional. Além disso, os resultados apresentados no GIC, decorrentes da sua actividade operacional, são elucidativos do sucesso e da importância do contributo do GIC para o cumprimento da missão geral da Guarda.

Relativamente à quarta e última questão, **“Quais as mais-valias que a linguagem SMAF poderá trazer para o GIC?”**, obteve-se a resposta para esta pergunta, através das entrevistas efectuadas.

As mais-valias que a linguagem SMAF poderá trazer serão de cariz teórico, em que o planeamento obrigatório, de acordo com os princípios de aprendizagem, constitui um factor de maior sucesso na prática, através do treino do binómio cinotécnico, com resultados na actividade operacional, e aquando da instrução.

Além disso, o facto de todos os militares planearem e escreverem os exercícios da mesma forma, isto é, falando todos a mesma linguagem, torna mais fácil para o tratador a detecção e correcção de eventuais erros.

Desta forma, conclui-se que todas as questões, decorrentes da questão central, foram respondidas, tendo sido cumprido o modelo de investigação adoptado.

7.5 REFLEXÕES FINAIS

Após efectuada uma reflexão relativamente aos objectivos delineados para o presente trabalho, partindo da questão central **“Quais as vantagens que poderão advir da implementação da linguagem SMAF no Grupo Intervenção Cinotécnico?”**, pode-se afirmar que a linguagem SMAF se impõe como uma realidade, para o desenvolvimento do GIC. Ao longo do presente Trabalho de Investigação Aplicada, constatou-se que a antiga Companhia Cinotécnica, relativamente à gestão e planeamento da formação, se encontrava aquém das necessidades operacionais da cinotecnia da GNR, acabando este problema por ser solucionado graças à criação do Centro de Formação Cinotécnico (CFC).

O CFC tem presentemente uma tarefa árdua, a passagem da doutrina para manuais, que possam servir de suporte para instrução de cursos, mas também para esclarecer dúvidas a todos os militares. Paralelamente a esta tarefa, o CFC vira-se agora para temas como o deste TIA.

A linguagem SMAF, através dos resultados apresentados, assume-se como uma boa forma de complementar o método tradicional, possuindo como principal mais-valia o planeamento obrigatório dos exercícios, com aplicação dos princípios basilares da psicologia canina, isto é, da teoria behaviorista de Skinner e de Thorndike (reforços, castigos e programas de reforço), o que conduz obrigatoriamente a uma comunicação mais precisa, que garantirá um maior sucesso do binómio cinotécnico.

Este facto, aliado à instrução cinotécnica, constitui uma enorme mais-valia, uma vez que possibilita ao instrutor verificar, se o formando efectivamente percebeu os conceitos pretendidos, evitando deste modo sujeitar o cão a experiências erradas que a posteriori serão difíceis de apagar.

Outra das vantagens apontadas reside no facto de todos os exercícios serem escritos da mesma forma, o que evita compreensões extensivas e que não são desejadas na interpretação de outro tipo de textos mais ambíguos.

Além das vantagens supra referidas, em teoria este estudo também permite trocar mais facilmente um cão de tratador, bastando entregar os exercícios do cão escritos em SMAF, vantagem que não foi possível confirmar no presente estudo.

Em suma, segundo o entrevistado n.º4, Cap. Costa Pinto, a linguagem SMAF “permite planear, analisar (corrigir), registar com rigor científico o trabalho cinotécnico”, sendo deste modo mais fácil a análise de problemas comportamentais de treino.

7.6 RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES

Com a realização do presente estudo, ficou patente a importância que trabalhos desta dimensão podem assumir para a modernização e evolução da GNR. Desta forma, considera-se fundamental, que estes trabalhos sejam efectuados de acordo com as necessidades da instituição.

Assim, a primeira sugestão prende-se com a necessidade, de transcrever para manuais a doutrina que tem sido aprendida e aperfeiçoada desde as origens do que é hoje designado por Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC).

Tendo constatado, aquando as diversas visitas efectuadas ao GIC, as condições degradantes de todo o Quartel da Ajuda, bem como as condições dos gabinetes de trabalho do Quartel de Queluz, que actualmente se encontram ao dispor do GIC. A minha segunda sugestão vai ao encontro da falta de condições de trabalho disponibilizadas para os militares, impondo-se a realização de um estudo que possibilite aferir as necessidades físicas das instalações e procurar suprimi-las o mais depressa possível.

7.7 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

Tratando-se de um estudo embrionário, há sempre dificuldades que lhe são inerentes. Deste modo, a primeira dificuldade traduz-se no pouco tempo disponível, quer para dotar os militares dos conhecimentos teóricos necessários, quer para o treino a efectuar. Esta dificuldade conduziu a que os exercícios, escritos em SMAF, não fossem a transcrição do método tradicional para a linguagem SMAF, mas sim os métodos usados pelo professor Roger Abrantes na sociedade civil, onde não se recorre ao castigo. Métodos que funcionam bem com cães amadores, uma vez que o tempo disponível é superior e o nível de exigência não é o mesmo.

Contudo, esta não é a situação do GIC, onde é imperativa a apresentação de resultados em pouco tempo e por isso recorre-se com grande frequência ao castigo. O recurso ao castigo

tem a vantagem de acelerar o processo de treino, mas, ao invés coloca muita pressão sobre o cão, sendo por isso, importante o processo de escolha de cães, uma vez que se sabe que cães mais sensíveis dificilmente obterão sucesso com este método de treino.

Na sociedade civil, onde não se exigem resultados em tempo diminuto, o uso de menos castigos leva a que nunca se “pressiona” o cão, pois é indiferente que o cão demore um mês ou um ano a ser treinado.

Outra das limitações sentidas pelo autor diz respeito à falta de dados relativos à avaliação dos binómios cinotécnicos, devido à recente implementação dos Regulamentos de Avaliação Cinotécnicos das várias especialidades, o que obrigou a limitar o presente estudo às avaliações relativas à Companhia de Detecção Cinotécnica.

Por último, a limitação de páginas também se apresenta como outra das dificuldades, revelando-se manifestamente insuficiente para a realização de um estudo desta envergadura.

7.8 INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Tendo em conta as limitações acima mencionadas e a perfeita consciência de que a psicologia canina é algo de subjectivo, fica patente que muito haverá a investigar sobre esta temática.

Considero que seria interessante efectuar uma investigação nos mesmos moldes do deste TIA, mas em que sejam os tratadores que participam na experiência a escreverem os métodos usados pelo GIC, em SMAF. Com posterior comparação estatística dos resultados obtidos entre estes binómios e os restantes a nível nacional.

Na mesma experiência, pode-se também criar um segundo grupo de trabalho com cães treinados, usando o método tradicional sem apoio do SMAF, o que iria possibilitar perceber qual a linguagem que apresenta resultados melhores e mais rápidos.

Outra experiência interessante seria avaliar o binómio que foi treinado com recurso à linguagem SMAF e, de seguida, trocar o tratador, de forma a confirmar se o mesmo cão, lidando com tratadores diferentes, apresenta os mesmos resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

METODOLOGIA CIENTÍFICA:

- ACADEMIA MILITAR. (2008). *Orientações para Redacção de Trabalhos*, Academia Militar, Lisboa.
- BARAÑANO, A. M. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão*; Edições Sílabo, Lisboa.
- QUIVY, R., & CAMPENHOUT, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais Trajectos*. (J. Marques., M. Mendes., M. Carvalho, Trad.) (5ª ed.) Lisboa: Gradiva
- SARMENTO, Manuela (2008). – *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa.

LIVROS:

- ABRANTES, R. (1997). *Dog Language an Encyclopedia of Canine Behaviour*. Illinois, USA: Wakan Jankan Publishers.
- CAMPOS, C. (1977). *O Cão Militar*. Évora: s.e.
- CRUZ, J. C. (2002). *Introdução ao estudo da Comunicação: Imprensa, Cinema, Rádio, Televisão, Redes Multimédia*. Lisboa: Dislivro.
- DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA (2011). Porto editora: Porto.
- GNR (2010). *Manual de Ordem Pública (edição revista em 2010)*. Lisboa: GIOP. *In prelo*.
- GNR (2011). *Manual de Guarda e Patrulha*. Lisboa: GIC. *In prelo*
- GUARDA NACIONAL REPUBLICANA (1997). *Normas para a Utilização e Emprego Operacional das Equipas Cinotécnicas*. Lisboa, Ministério da Administração Interna
- GUARDA NACIONAL REPUBLICANA. (1996). *(Volume I) Manual de Operações*, Lisboa Ministério da Administração Interna Guarda Nacional Republicana. (1997).
- MIKLÓSI, Á. (2007). *Dog Behaviour, Evolution, and Cognition*. New York, Oxford University Press.
- MIRANDA, A. P. (2003). *Psicología Del Aprendizaje y Adiestramiento Del Perro*. Juan Bravo, Madrid: Díaz de Santos, S.A.
- RODRIGUES, F.C. (1997) Os primeiros povoadores da Europa. *In Didacta enciclopédia temática ilustrada* (Volume História, pp.3-6). Lisboa:FGP
- SANTOS, J.R. (2001). *Comunicação*. Lisboa: Prefácio.

LEGISLAÇÃO:

Decreto-lei N.º 231/93 (1993). Diário da República, 1ª série - A, de 26 de Junho, N.º148, p.3493-3503.

Decreto-Lei N.º 510/1971 (1971), Diário da República, 1.ªsérie, de 22 de Novembro, N.º274, p.1786-1790.

Despacho N.º 57/09 – Ordem à Guarda n.º5, de 15 Março, do Comandante Geral da GNR – Define as competências, a estrutura e o efectivo da Unidade de Intervenção.

Lei 63/2007 (2007). Diário da República, 1.ª série, de 6 de Novembro, N.º 213, p.8043-8051.

Parecer 108/2006 (2006). Diário da República, 2.ª série, de 16 de Maio, N.º 94, p. 12919-12932.

Portaria N.º 1450/2008 (2008). Diário da República, 1.ª série, de 16 de Dezembro, N.º 242, p.8845-8854.

TESES E OUTROS TRABALHOS:

CUNHA, C. (2009). *Unidade de Intervenção: Utilização de Forças Cinotécnicas nas Missões de Manutenção da Ordem Pública*: Tese de Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança. Lisboa. Academia Militar.

PINTO, M (2009). *Meios Cinotécnicos de Apoio à Investigação Criminal: Meios de Obtenção de Prova e Meios de Prova*: Estudo de Pós Graduação em Estudos Avançados em Direito e Segurança. Lisboa. Universidade Nova.

REIS, J. (2009). *Cinotecnia, Atitudes e Constrangimentos: Dissertação Final de Licenciatura em Ciências Policiais*. Lisboa. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

REIS, O. (2010). *Cinotecnia na Guarda Nacional Republicana: Perspectivas de Futuro*: Tese de Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança. Lisboa. Academia Militar.

OUTROS DOCUMENTOS:

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA (1956). Ordem Geral n.º24/1956, de 15 de Janeiro. Lisboa: GNR.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA (1957). Ordem Geral n.º1/1957, de 15 de Janeiro. Lisboa: GNR.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA. (2009). *Nota N.º 1717, de 2 de Novembro*. Lisboa: Unidade de Intervenção.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA. (2010). *Nota Nº 1661, de 9 de Dezembro*. Lisboa. Comando de Doutrina e Formação.

SÍTIOS DA INTERNET:

ABRANTES, R. (2006). *The Silent Language - the Human Nonverbal Communication*, http://www.ethology.eu/index.php?option=com_rokdownloads&view=folder&Itemid=17 (consulta a 5 de Junho de 2011 às 14h30m).

ABRANTES, R. A. (2010), *The Morphology and Syntax of SMAF*, http://www.ethology.eu/index.php?option=com_rokdownloads&view=folder&Itemid=17&limitstart=10 (consulta a 5 de Junho de 2011 às 15h00).

BIBLIOTECA UNIVERSAL – O universo do conhecimento: *enciclopédia de ciências da natureza*,

<http://www.universal.pt/main.php?id=139> (consulta a 10 Julho de 2011 às 10h10m).

Étimo in Figueiredo, C. *Novo Dicionário da língua Portuguesa*. 1923, Lisboa: Academia Real das Ciências,

<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552/pdf-pdf> (consulta a 10 de Junho de 2011 às 11h30m).

FERREIRA, A. M. (1999). *SPSS - Manual de utilização: Escola superior Agrária de Castelo Branco*,

<http://pt.scribd.com/doc/4918180/SPSS-MANUAL-DE-UTILIZACAO> (consulta a 23 de Junho de 2011 às 17h00m).

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA,

<http://www.gnr.pt> (Consulta a 15 de Julho de 2011 às 16h10m)

MESLOH, C. (2003). *An Examination of Police Canine Use of Force in the State of Florida*,

<http://k9.fgcu.edu/articles/mesloh1.pdf> (consulta a 15 de Junho de 2011 às 17h30m)

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa,

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=comunica%C3%A7%C3%A3o> (consulta a 20 de Julho de 2011 às 14h12m).

APÊNDICES

APÊNDICE A - BASE DE DADOS DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES

Tabela A.1: Base de dados dos resultados das avaliações

Linguagem	Sexo	Idade	Raça	A	B	C	Nota
SMAF	Fem	0.8	CS	16	32	0	52,17
SMAF	Fem	1.1	PBM	15	28	12	59,78
SMAF	Mas	1	RL	22	48	12	89,13
SMAF	Mas	1	RL	13	28	12	57,61
SMAF	Fem	1,2	PA	13	32	12	61,96
SMAF	Fem	1	RL	25	24	8	61,96
SMAF	Mas	1	RL	22	44	12	84,78
Média		1,04		18,00	33,71	9,71	66,77
Tradicional	Mas	5	CS	8	32	8	52,17
Tradicional	Fem	4	RL	28	44	12	91,30
Tradicional	Mas	2	PA	22	36	12	76,09
Tradicional	Mas	6	PA	28	40	16	91,30
Tradicional	Fem	8	GR	25	44	12	88,04
Tradicional	Mas	2	RL	25	44	16	92,39
Tradicional	Fem	6	RL	19	32	12	68,48
Tradicional	Mas	5	RL	19	32	12	68,48
Tradicional	Fem	2	RL	16	28	12	60,87
Tradicional	Fem	8	RL	19	32	12	68,48
Tradicional	Mas	7	RL	22	28	16	71,74
Tradicional	Mas	2	RL	25	44	16	92,39
Tradicional	Fem	5	RL	16	24	0	43,48
Tradicional	Fem	3,5	RL	16	32	16	69,57
Tradicional	Fem	1,3	RL	16	20	8	47,83
Média		4,45		20,27	34,13	12,00	72,17

APÊNDICE B – EFECTIVOS DA CDC

Quadro B.1: Efectivos da CDC, em 2011

Companhia de Detecção Cinotécnica (CDC)											
Quadro orgânico				Quadro existências				Quadro Situação			
Oficiais	Sargentos	Guardas	Total	Oficiais	Sargentos	Guardas	Total	Oficiais	Sargentos	Guardas	Total
3	6	26	35	2	6	22	30	-1	0	-4	-5

APÊNDICE C - TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Quadro C.1: Linguagem

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	7	31,8	31,8	31,8
2	15	68,2	68,2	100,0
Total	22	100,0	100,0	

Quadro C.2: Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Fem	12	54,5	54,5	54,5
Mas	10	45,5	45,5	100,0
Total	22	100,0	100,0	

Quadro C.3: Raça

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid CS	2	9,1	9,1	9,1
GR	1	4,5	4,5	13,6
PA	3	13,6	13,6	27,3
PBM	1	4,5	4,5	31,8
RL	15	68,2	68,2	100,0
Total	22	100,0	100,0	

Quadro C.4: Estatísticas Descritivas

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
A	22	8	28	19,55	5,298
B	22	20	48	34,00	7,880
C	22	0	16	11,27	4,388
Nota	22	43,4783	92,3913	70,454545	15,6821815
Valid N (listwise)	22				

Quadro C.5: Teste Normalidade

Linguagem		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
A	1	,230	7	,200*	,870	7	,185
	2	,152	15	,200*	,933	15	,301
B	1	,291	7	,075	,873	7	,195
	2	,209	15	,076	,907	15	,123
C	1	,407	7	,001	,612	7	,000
	2	,300	15	,001	,785	15	,002
Nota	1	,347	7	,011	,819	7	,063
	2	,165	15	,200*	,910	15	,134

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Quadro C.6: Grupo de Estatísticas

Linguagem		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
A	1	7	18,00	4,899	1,852
	2	15	20,27	5,483	1,416
B	1	7	33,71	8,902	3,364
	2	15	34,13	7,689	1,985
C	1	7	9,71	4,536	1,714
	2	15	12,00	4,276	1,104
Nota	1	7	66,770186	14,2395058	5,3820273
	2	15	72,173913	16,4937242	4,2586613

Quadro C.7: Teste de Amostras Independentes

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means	
		F	Sig.	t	df
A	Equal variances assumed	,012	,915	-,932	20
	Equal variances not assumed			-,972	13,141
B	Equal variances assumed	,139	,714	-,113	20
	Equal variances not assumed			-,107	10,367
C	Equal variances assumed	,173	,682	-1,146	20
	Equal variances not assumed			-1,121	11,185
Nota	Equal variances assumed	,161	,692	-,745	20
	Equal variances not assumed			-,787	13,583

Quadro C.8: t teste para igualdade de variâncias

		t-test for Equality of Means		
		Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
A	Equal variances assumed	,363	-2,267	2,433
	Equal variances not assumed	,348	-2,267	2,331
B	Equal variances assumed	,911	-,419	3,695
	Equal variances not assumed	,917	-,419	3,907
C	Equal variances assumed	,265	-2,286	1,994
	Equal variances not assumed	,286	-2,286	2,039
Nota	Equal variances assumed	,465	-5,4037267	7,2556714
	Equal variances not assumed	,445	-5,4037267	6,8631198

Quadro C.9: t teste para igualdade de variâncias, para um nível de significância de 95%

		t-test for Equality of Means	
		95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper
A	Equal variances assumed	-7,341	2,808
	Equal variances not assumed	-7,297	2,763
B	Equal variances assumed	-8,126	7,288
	Equal variances not assumed	-9,082	8,244
C	Equal variances assumed	-6,445	1,873
	Equal variances not assumed	-6,765	2,193
Nota	Equal variances assumed	-20,5387919	9,7313385
	Equal variances not assumed	-20,1661237	9,3586703

Quadro C.10: Teste Mann-Whitney

Linguagem	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C	1	9,00	63,00
	2	12,67	190,00
	Total	22	

Quadro C.11: Teste de estatísticas^B

	C
Mann-Whitney U	35,000
Wilcoxon W	63,000
Z	-1,359
Asymp. Sig. (2-tailed)	,174
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,237 ^a

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Linguagem

APÊNDICE D – ENTREVISTAS

APÊNDICE D.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA



ACADEMIA MILITAR

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO NO BINÓMIO CINOTÉCNICO

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUAS LINGUAGENS DE COMUNICAÇÃO NO
BINÓMIO CINOTÉCNICO: O SISTEMA TRADICIONAL E O SISTEMA *SIGNAL
MEANING AND FORM (SMAF)***

ENTREVISTA

AUTOR: Aspirante de Infantaria Helder Lopes Fernandes

ORIENTADOR: Capitão de Infantaria Miguel Rodrigues

LISBOA, JULHO DE 2011

A presente entrevista surge no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada subordinado ao tema “**Estudo comparativo entre duas linguagens de comunicação no Binómio Cinotécnico: o sistema Tradicional e o sistema Signal Meaning and Form**”, visando a conclusão do Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade Segurança,

A presente entrevista tem como objetivo principal a clarificação dos dados estatísticos obtidos, resultantes das avaliações efetuadas aos Binómios Cinotécnicos, bem como dar resposta aos objetivos delineados para este TIA.

Para que as respostas se revelem pertinentes e importantes no estudo em questão, este tipo de entrevista terá como público alvo os Oficiais, Sargentos e Guardas diretamente envolvidos no estudo, e o Professor Roger Abrantes como pioneiro da Linguagem SMAF.

É de realçar que os dados recolhidos serão alvo de análise quantitativa, e servirão como base da investigação, revestindo-se deste modo como sendo fundamental para o estudo em questão.

De forma a salvaguardar os interesses de V. Ex.^a, e se assim o desejar, poderá ser colocado à sua disposição, para sua apreciação.

GRATO SUA COLABORAÇÃO.

Cordialmente,

Aspirante Infantaria Hélder Fernandes

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO TRABALHO

A Lei n.º 63/2007 de 6 de Novembro aprovou a orgânica da GNR e estabeleceu, entre outras medidas, a criação da Unidade de Intervenção. Esta reestruturação, entre outros aspectos, trouxe a integração da Companhia Cinotécnica na Unidade de Intervenção (UI), passando de Companhia Cinotécnica integrada na antiga Escola Prática da Guarda, para Grupo de Intervenção Cinotécnico. Além disso, com a criação do Grupo de Intervenção Cinotécnico foi criado o Centro de Formação Cinotécnico com o intuito de apoiar o comando do GIC no planeamento e gestão da formação cinotécnica, que se debruça essencialmente em aprofundar temas que sempre existiram como o deste TIA.

Desta forma, com este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), pretende-se analisar a comunicação no binómio Cinotécnico, procurando verificar se a introdução da linguagem SMAF poderá levar a um aumento da eficácia na comunicação, isto é, se efetivamente se traduz numa comunicação com menos erros e, portanto mais precisa. Para alcançar tal objetivo teremos de realizar um estudo comparativo entre o sistema tradicional e o sistema SMAF.

Após a análise das avaliações efetuadas aos Binómios em questão, constatou-se que apesar de não ser estatisticamente significativo, os binómios da linguagem tradicional apresentam resultados superiores aos da Linguagem SMAF. Tal como indica a tabela 6.4.

Tabela D.1: Teste t Student.

	SMAF		Tradicional		Sig.
	M	DP	M	DP	
Exercícios com trela	18,00	4,899	20,27	5,483	0,363
Exercícios sem trela	33,71	8,902	34,13	7,689	0,911
Rapel Devant	9,71	4,536	12,00	4,276	0,174 a)
Total	66,77	14,23	72,17	16,49	0,465

b) Teste de Mann-Whitney

Legenda:

M - Média

DP- Desvio Padrão

ENTREVISTA

CARACTERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS:

Cargo ou Função

Nome

Posto ou Grau Académico

Idade

Data

Local

Antes de começar a entrevista, gostaria de saber se tem alguma dúvida sobre a mesma?

Importa-se que esta entrevista seja gravada e usada no trabalho que estou a realizar?

Questões:

1. No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?
2. Na sua opinião, o que entende pela linguagem *Signal, Meaning and Form* (SMAF)?
3. Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?
4. Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?
5. Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?
6. Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?

APÊNDICE D.2 - ENTREVISTA 1

Função: Chefe das EDEE do GIC/Instrutor das EDEE

Nome: António Moura

Posto: 1º Sargento

Idade: 48 Anos

Data: 14/07/2011

Local: Queluz

Questão 1: No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?

Resposta 1: Na minha opinião existem diversos factores que contribuem para um desempenho do binómio cinotécnico. Desde logo, todo o processo de familiarização com o cão é crucial, visto que é a partir daí que se estabelece a relação de confiança com o animal. A comunicação desenvolvida entre o binómio é crucial, uma vez que sem ela seria impossível a existência de treino.

Questão 2: Na sua opinião o que entende pela linguagem *Signal, Meaning and Form* (SMAF)?

Resposta 2: Cada sinal tem um significado e uma forma. Por linguagem SMAF entende-se a colocação por escrito daquilo que vamos fazer (sinais, reforços positivos e negativos, punições) para obtermos a resposta pretendida.

Questão 3: Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?

Resposta 3: Ter a oportunidade de iniciar o treino com um cão desde tenra idade traduz uma numa mais-valia, pois permite que a comunicação e todo o processo de familiarização se estabeleçam o mais cedo possível. No estudo em questão, considero que o facto de terem sido usados cachorros para o treino, com recurso à linguagem SMAF, não foi um factor que tenha prejudicado os resultados desta avaliação.

Questão 4: Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?

Resposta 4: Na minha perspectiva, existiram duas grandes dificuldades, a primeira reside na falta de continuidade do treino, devido à limitação de tempo inerente à actividade operacional, mas também à ida do professor Roger Abrantes para o exterior, que motivou a

falta de um acompanhamento adequado. Outra dificuldade foi a sentida pelos militares afectos ao estudo, quando tiveram de escrever determinado exercício na linguagem SMAF.

Questão 5: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?

Resposta 5: Sinceramente, não vejo qualquer vantagem da escrita em SMAF, uma vez que constato que os militares envolvidos no estudo continuam com dificuldades em escreverem em linguagem SMAF.

A nível de desvantagens, como já referi, aponto a dificuldade de escrever nesta linguagem.

Questão 6: Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?

Resposta 6: Considero que a implementação da linguagem SMAF no GIC é muito difícil, aliás, o projecto durou cerca de cinco a seis meses, visando apenas pequenos exercícios de obediência, e na minha opinião, não foi conclusivo.

APÊNDICE D.3 - ENTREVISTA 2

Função: Secção de Busca e Salvamento

Nome: Pedro Paiva

Posto: Cabo

Idade: 33 Anos

Data: 15/07/2011

Local: Queluz

Questão 1: No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?

Resposta 1: Na minha opinião, a fase primordial do treino canino reside no *Imprinting*, onde se deve privilegiar a presença do maior número possível de experiências disponibilizadas pelo treinador.

Aquilo que actualmente eu constato é que, apesar de se constituir numa fase crucial da evolução do cachorro, é uma fase pouco explorada. O treinador nem sempre tem disponibilidade para fazer esse imprinting, o que no futuro poderá transformar-se num problema no binómio, sendo então importante ter um *imprinting* bem desenvolvido e bem cimentado.

Outro factor de relevo para o bom desempenho do binómio é o trabalho com o cão o mais cedo possível, desde cachorro, de forma a dar o nosso contributo para o maior número de experiências positivas com o cão. Além disso, a comunicação é também fundamental, sendo através dessa ligação que o binómio vai desenvolver toda a amizade e confiança.

Questão 2: Na sua opinião o que entende pela linguagem Signal, Meaning and Form (SMAF)?

Resposta 2: Trata-se da criação de um suposto dialecto, comum a todos os treinadores de cães, em que está presente, desde o primeiro ao último dia do cão, o que foi feito com ele, relatado na própria linguagem de SMAF.

Questão 3: Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?

Resposta 3: Não, sinceramente não considero que a idade tenha sido um factor para os resultados obtidos.

A idade é de facto importante para o sucesso do binómio; quanto mais cedo iniciarmos o treino, maiores são as probabilidades de sucesso do binómio. Aliás, no SMAF, é importante

começarmos com o cão desde cachorro, pois pretende-se efectuar o processo escrito de todo o treino desenvolvido, o que deverá ser feito desde o primeiro dia.

Questão 4: Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?

Resposta 4: Uma das grandes dificuldades sentidas foi o facto de não estarmos unicamente afectos ao SMAF, por razões operacionais, traduzindo-se em pouco tempo disponível para o seu treino.

Por outro prisma, por questões técnicas, a ausência de castigos, relativamente a determinadas situações, situação que não foi previsto, pois apenas estavam previstos reforços e possivelmente essa terá sido outra das grandes lacunas que contribuíram para os resultados obtidos.

A escrita não foi um dos problemas uma vez, que quando escrevemos em SMAF, temos uma percepção mais aprofundada daquilo que vamos desenvolver em termos práticos.

Questão 5: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?

Resposta 5: Para mim, uma das grandes vantagens do SMAF seria a possível alteração do método tradicional, ou seja, a implementação da comida durante o treino do cão. A outra vantagem era mesmo o planeamento do treino que se vai efectuar, estudo que dá uma margem de manobra muito menor para se errar e a partir do momento em que planeamos temos a noção do que vamos fazer, como vamos fazer e como sair se as coisas não correrem da forma que nós pretendemos.

De modo geral, em termos de vantagens, teríamos a alteração do método tradicional, e a outra o facto de obrigar o tratador a planear aquilo que vai fazer.

A desvantagem do SMAF é a necessidade de muito tempo despendido com o treino do cão, tempo que, por motivos operacionais é reduzido.

Questão 6: Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?

Resposta 6: Sim traria, provavelmente seria o GIC o maior lucrador com o SMAF, ficando enriquecido pela recolha das experiências dos tratadores, o que possibilitaria a criação de uma base de dados de experiências, que daria as respostas sobre a forma de tratar futuros problemas que viessem a surgir relativamente ao treino de cães. Além do mais, seria a instituição pioneira através da aplicação da SMAF, projectando a GNR a nível internacional.

APÊNDICE D.4 - ENTREVISTA 3

Função: Chefe da Secção de Busca e Salvamento

Nome: António Silva

Posto: Sargento-ajudante

Idade: 41 Anos

Data: 15/07/2011

Local: Queluz

Questão 1: No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?

Resposta 1: No meu entender, para se estabelecer uma boa relação no binómio, há, em primeiro lugar, que estabelecer uma relação de amizade, o cão tem de perceber que o seu tratador é essencialmente um amigo. A partir daí, fortalecemos a confiança no binómio, o que nos permitirá transmitir aquilo que pretendemos ao nosso cão.

Inicialmente o cão acaba por nos assimilar como um líder, mas com a sua evolução, cabe ao treinador saber distinguir as fases em que o mesmo se encontra. Numa primeira fase há que socializar muito bem o cachorro, ajudando-o a ultrapassar progressivamente os medos, sendo para isso fundamental a comunicação.

Questão 2: Na sua opinião o que entende pela linguagem *Signal, Meaning and Form* (SMAF)?

Reposta 2: O SMAF é um conjunto de sinais que são transmitidos ao cão, levando a que o cão a fazer os exercícios pretendidos, sem recurso a manipulação

Questão 3: Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?

Resposta 3: No estudo em questão, poderá ter tido alguma preponderância, uma vez que um cachorro ainda não tem a sua personalidade totalmente definida e, como tal, é mais inconstante.

No entanto, no treino de cães, o facto de começar a treinar o cão desde cachorro é uma vantagem, pois ele acaba por ter índices superiores de atenção àquilo que é dito por nós. O cão acaba por não ter vícios, o que trará vantagens mais tarde, uma vez que não deixo que o cão entre por outros caminhos.

Questão 4: Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?

Resposta 4: A grande dificuldade é tentar perceber, após 18 anos de vida de cães, a inexistência de manipulação no treino do cão. Existem mesmo alguns exercícios no SMAF com que não estou de acordo, uma vez que, como não se encontravam previstos castigos, acabámos por reforçar comportamentos que não eram pretendidos e que levariam o cão a repeti-los mais tarde.

A escrita em SMAF foi outra das dificuldades sentidas pelos militares. Apesar de ter sido numa fase inicial, parecia que aquilo que era escrito nunca estava bem.

Penso que a escrita será importante para uma pessoa que não perceba nada de cães, porque uma pessoa que saiba corrigir nos tempos certos, torna a escrita desnecessária.

Questão 5: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?

Resposta 5: Uma vantagem do SMAF é que possibilita o treino de obediência no cão, logo desde cachorro, nomeadamente através do uso da comida.

Além disso, o planeamento obrigatório, que exige, leva a que eu consiga cativar e levar o cão a aumentar os seus índices de atenção.

Uma desvantagem é o facto de, no presente estudo, não se encontrar, pelo menos nesta fase, o uso de aversivos, o que nos leva a reforçar comportamentos que por vezes não são pretendidos. Agora poderão ser comportamentos pouco relevantes, mas no futuro podem tornar-se graves.

Questão 6: Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?

Resposta 6: Sim, pelo menos na parte de obediência, uma vez que não experimentamos nas buscas.

Poderia trazer algumas vantagens, nomeadamente na fase inicial da vida do cão, enquanto cachorro, uma vez que nesta fase temos pouco para dar além da socialização. Possibilitando em períodos previamente determinados, levar o cão a executar outros exercícios além da socialização.

APÊNDICE D.5 - ENTREVISTA 4

Função: Chefe da Comandante do Centro de Formação Cinotécnico

Nome: Tiago Costa Pinto

Posto: Capitão

Idade: 31

Data: 22/072011

Local: Queluz

Questão 1: No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?

Resposta 1: O mais importante, no trabalho com qualquer animal é o tipo de relação que se estabelece entre o treinador e treinado. Não podemos esquecer-nos de que o trabalho a realizar é feito em conjunto (por binómio entendemos o conjunto Homem e cão) e que, como em todas as situações em que há um esforço colectivo, é importante que o produto final desse trabalho seja maior que a soma das partes.

Ou seja, a relação que se constrói entre o binómio funciona como as fundações na construção de um edifício. Se não estiverem bem feitas, o edifício cai ou fica frágil.

Para que qualquer relação seja desenvolvida no sentido pretendido entre dois animais (onde se incluem os seres humanos), é necessário que ambos consigam transmitir as suas ideias e isto consegue-se através da comunicação.

No caso do binómio em análise, a comunicação é mais difícil porque o cão não verbaliza conceitos (subjectivos e objectivos) e também não tem capacidade de distinguir entre o passado, o presente e o futuro (exemplo: não se consegue reforçar um cão por algo que ele fez há cinco minutos atrás). Por outro lado, a linguagem gestual humana é muito distinta da do cão (por exemplo: um abraço entre seres humanos significa amizade; por outro lado se abraçarmos um cão isto significa para ele que está numa posição subordinada e pode tornar-se agressivo).

Em suma, é necessário que a comunicação entre o homem e o cão seja estudada de forma que o treinador saiba como transmitir uma ideia, assim como perceber o seu cão. A partir deste ponto consegue-se “pedir” o que quisermos ao cão, entenda-se, treiná-lo/ensiná-lo para o que se pretender.

Questão 2: Na sua opinião o que entende pela linguagem *Signal, Meaning and Form* (SMAF)?

Reposta 2: O SMAF é um código/linguagem que permite “escrever” um método/solução de treino. A forma como está organizada funciona como a linguagem de programação de um

computador, ou seja, é um “interface” de comunicação de modo a um programador consiga transmitir o que pretende a um computador. Algo que seria mais difícil se tivesse que o fazer na linguagem binária que um computador funciona e que são só algarismos.

O SMAF, no contexto do treino de animais, faz o mesmo que a linguagem de programação informática. Para “comunicar” com um animal, é necessário dominar a sua “linguagem binária”. Como isto é difícil, podemos usar o SMAF para simplificar essa tarefa, porque esta é uma linguagem desenvolvida de acordo com a forma como um cão “comunica” e obrigatoriamente “aprende”.

Questão 3: Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?

Resposta 3: A idade dos cães, no caso em análise, é baixa. Isto traz vantagens e desvantagens.

Por serem cachorros, é mais fácil construir uma relação sólida entre o treinador e o cão para que este esteja atento e a partir de aí iniciar a aprendizagem das tarefas necessárias ao treino.

Por outro lado, nem todos os cães têm as características ideais para um determinado método de treino e isto é difícil de avaliar quando são cachorros.

O GIC tem um método de treino que se adequa a certas características da personalidade de um cão, como o interesse destes pela brincadeira e serem pouco medrosos.

Quando são cachorros, há situações em que parece que se vão tornar ótimos cães de trabalho e vice-versa. Há teorias para explicar isto, assim como métodos para tentar evitá-lo, mas não são importantes no âmbito deste estudo.

No caso dos cães novos, que foram alvo deste estudo, aconteceu o mesmo, ou seja, alguns deles pareciam bons animais de trabalho e depois revelaram que não. Inclusive, alguns já foram abatidos ao serviço.

Questão 4: Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?

Resposta 4: No início desta experiência, os instrutores ensinaram aos tratadores a linguagem SMAF. Explicaram como ler e escrever e pediram que os exercícios, que se pretendiam avaliar no final, fossem escritos pelos tratadores, usando como base o método tradicional.

Rapidamente se descobriu que este processo ia demorar muito tempo e, por isso, optou-se por pedir ao Professor Roger Abrantes (autor do SMAF) que escrevesse os exercícios.

O método usado e escrito em SMAF pelo professor é diferente do usado no GIC. No final, constatou-se que a maioria dos tratadores não percebeu muito bem o que é o SMAF. Ficaram com a opinião de que o SMAF se reduzia ao método que o Professor escreveu. Como não aprenderam a escrever em SMAF, não perceberam que o SMAF é só e apenas uma linguagem.

Por outro lado, também houve falha dos instrutores quando explicaram os exercícios aos vários tratadores. O método seguido foi explicar exercício a exercício e demonstrá-lo. Estou convencido que a maioria dos militares não voltou a ler os exercícios escritos em SMAF, a partir do momento que os mesmos foram demonstrados. Um dos princípios do SMAF é ler o exercício antes de praticá-lo, para que se faça sempre da mesma forma (como está planeado), aumentando a qualidade na comunicação e se evite colocar no treino passos não planeados, que são comunicações não pretendidas. Os tratadores, ao repetirem simplesmente as demonstrações, em vez de lerem e trabalharem, provocaram a diminuição das mais-valias do SMAF.

Outro dos motivos por que a experiência correu menos bem foi o facto de o pessoal empenhado não ter estado dedicado, em exclusivo, a ela.

Os tratadores prestam serviço na Companhia de Detecção Cinotécnica do GIC/UI que funciona pelo princípio da prevenção operacional: sempre que há um serviço, avança o binómio mais atrasado na escala de serviços operacionais. Como houve muito serviço, somado às licenças normais que gozaram, a continuidade do treino foi pouca. Não nos podemos esquecer de que os cães, com que os tratadores prestam serviço, também têm de ser trabalhados.

A descontinuidade que os instrutores tiveram durante o processo, por razões profissionais e pessoais, levou a que os tratadores não tivessem sido acompanhados da melhor forma.

Questão 5: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?

Resposta 5: Uma das vantagens principais da linguagem SMAF é forma como está organizada/construída no que respeita às regras de redacção. Ou seja, da mesma forma que a linguagem de programação de um computador, ao ser mal redigida impede que a máquina faça o que pretendemos, assim com o SMAF acontece algo semelhante ao trabalharmos um exercício com um animal (não podemos esquecer que o cão é um ser vivo), seguramente não se vai obter o resultado pretendido.

As regras de redacção em causa (entenda-se a linguagem SMAF) foram construídas de acordo com as teorias de comunicação entre animais (mais uma vez os seres humanos estão incluídos) mais conhecidas (behaviorismo e condicionamento clássico que estudaram as respostas externas dos animais; o cognitivismo porque estuda o processo

cognitivo/pensamento de uma tarefa, não se consegue avaliar este processo num cão visto que para isso ele tinha que ter a capacidade de explicar o que está a pensar/pretende).

Sem conhecermos alguns dos princípios behavioristas é pouco provável comunicar com um cão com sucesso. O SMAF baseia-se nos princípios destas teorias nas regras de construção/codificação/redacção de uma linha de comandos.

Em conclusão:

Obriga a que se conheçam os princípios basilares das teorias de aprendizagem de um cão.

A sua estrutura impede que se construa uma linha de comando mal elaborada na teoria e evita com isso, que se treine um cão segundo um método que está mal construído.

Obriga o treinador a planear!

Questão 6: Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?

Resposta 6: A implementação do SMAF, pelas vantagens referidas no ponto anterior, é obviamente uma mais-valia.

Além de obrigar a um planeamento rigoroso de cada exercício (com base nas teorias de aprendizagem mais adequadas), todos os exercícios são escritos, permitindo o registo da experiência para aplicação futura. A cinotecnia tem mais de cinquenta anos e a verdade é que muitas das experiências dos militares que aqui prestaram serviço se perderam quando eles se retiraram.

É ainda possível analisar cientificamente estes registos e retirar deles conclusões. Pode-se, por exemplo, identificar o melhor método de treino e repeti-lo, na íntegra, tornando-se mais fácil o seu uso.

Permite ainda transferir um cão de tratador com mais facilidade. Para tal, basta que o antigo tratador entregue ao novo os exercícios que o cão faz, escritos em SMAF. Isto leva a uma adaptação fácil ao evitar que haja muitas falhas de comunicação no início do treino entre o novo binómio. Em teoria, é possível que o novo e o antigo tratador nunca se vejam fisicamente.

Na perspectiva da instrução, também traz mais-valias porque permite ao instrutor analisar rapidamente os exercícios que o instruendo está a escrever, antes mesmo de os aplicar, evitando erros, sempre difíceis “de apagar”. Também é possível analisar um exercício à distância e corrigi-lo. Em suma: permite planear, analisar (corrigir), registar com rigor científico o trabalho cinotécnico, que é obviamente uma grande vantagem para o GIC.

APÊNDICE D.6 - ENTREVISTA 5

Função: Responsável pela criação da linguagem SMAF

Nome: Roger Abrantes

GRAU ACADÉMICO: Doutor

Idade: 59

Data: 22/072011

Local: Queluz

Questão 1: No seu entender, quais os factores primordiais para uma boa relação/desempenho num binómio cinotécnico?

Resposta 1: Uma comunicação eficiente e essencial, com sinais bem definidos e claramente transmitidos. Devemos seguir a regra seguinte: um sinal => um comportamento. Factores primordiais para a eficiência do binómio são: (1) comunicação eficiente, (2) um cão emocionalmente estável que tenha sido devidamente sujeito a um "imprinting" e uma socialização de acordo com o objectivo do seu futuro desempenho, (3) um treinador/tratador com os devidos conhecimentos teóricos e práticos, (4) empatia da parte do treinador com o cão, (5) paciência e perseverança, (6) experiência, (7) espírito analítico e crítico, (8) humor, (9) disciplina, (10) tempo.

Questão 2: Na sua opinião o que entende pela linguagem *Signal, Meaning and Form* (SMAF)?

Resposta 2: SMAF é uma linguagem artificial, com o objectivo de (1) descrever, em termos precisos, toda a comunicação entre o treinador/tratador e o animal, incluindo todas as ferramentas de aprendizagem, sinais, reforços, castigos, etc., (2) planear o ensino de competências e (3) analisar e corrigir erros. O SMAF não é um método de aprendizagem, mas um modo de o transcrever.

Questão 3: Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?

Resposta 3: Com cães bem "*imprinted*" e socializados, é uma vantagem começar o treino quanto mais jovens são. O problema, no nosso projecto, não foi tanto a idade dos cães, como o facto de os cães serem oriundos de famílias civis onde não foram tratados devidamente, o que motivou os diversos problemas emocionais que indubitavelmente dificultaram o treino.

Questão 4: Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?

Resposta 4: Três dificuldades: (1) comportamento emocional instável dos cães, (2) falta de tempo para ensinar aos militares a linguagem SMAF, (3) falta de tempo para treinar.

Questão 5: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?

Resposta 5: Vantagens óbvias são: (1) o treinador/tratador tem de estudar e compreender os princípios de aprendizagem, (2) obriga ao planeamento antes da execução, (3) facilita a detecção e correcção de erros. O projecto actual não permite, no entanto, uma comparação linear, pois treinamos os cães com métodos novos (e não tradicionais) escritos em SMAF. Introduzimos duas variantes e, portanto, qualquer comparação terá de ser feita com reservas. O estudo mostra que estatisticamente não há diferença significativa entre "método e língua tradicional" e "método novo e SMAF." Considerando os factores descritos em 4 e o facto de os métodos que usámos serem completamente novos para os militares (os dois factores inovadores foram o uso de memória muscular e a ausência de castigo), só podemos avaliar os resultados com optimismo. Com cães mais estáveis emocionalmente e mais tempo para ensinar os militares a ler e a escrever SMAF, poderemos razoavelmente esperar resultados significativamente melhores.

Questão 6: Considera que a implementação da linguagem SMAF traria vantagens ao GIC, porquê?

Resposta 6: Sem dúvida, pelos factores acima mencionados, particularmente em 1, e a possibilidade de analisar problemas comportamentais ou de treino, de modo sistemático e científico. Além disso, o SMAF facilitaria a formação de novos tratadores, a transferência de cães entre tratadores, o treino central dos cães por parte de treinadores peritos e a criação de uma base de dados para controlo e pesquisa.

APÊNDICE D.7 - ANÁLISE DE CONTEÚDO ÀS QUESTÕES DA ENTREVISTA

Análise de Conteúdo à Questão N.º1

Quadro D.1: Análise de Conteúdo à Questão N.º1.

Resposta n.º 1	No seu entender quais são os factores primordiais para uma boa relação/desempenho no binómio cinotécnico?
Entrevistado N.º 1	<ul style="list-style-type: none"> • O processo de familiarização com o cão • A comunicação que é desenvolvida
Entrevistado N.º 2	<ul style="list-style-type: none"> • Um “<i>Imprinting</i>” bem desenvolvido e bem cimentado • O trabalho com o cão, quanto antes, desde cachorro • A comunicação, pois é através dela que o binómio desenvolve toda a amizade e confiança
Entrevistado N.º 3	<ul style="list-style-type: none"> • Relação de amizade, levando o cão a perceber que o tratador é um amigo • Socializar muito bem o cachorro, ajudando-o a ultrapassar progressivamente os seus medos • A comunicação
Entrevistado N.º 4	<ul style="list-style-type: none"> • O tipo de relação que se constrói entre o treinador e o treinado • É necessário que a comunicação entre o homem e o cão seja estudada de forma que o treinador saiba como transmitir uma ideia assim como perceber o cão.
Entrevistado N.º 5	<ul style="list-style-type: none"> • Uma comunicação eficiente • Um “<i>imprinting</i>” e uma socialização de acordo com o objectivo do seu futuro desempenho • Treinador/tratador com os devidos conhecimentos teóricos e práticos • Empatia da parte do treinador com o cão • Paciência e perseverança • Experiência • Espírito analítico e crítico • Humor • Disciplina • Tempo

Análise de Conteúdo à Questão N.º2

Quadro D.2: Análise de Conteúdo à Questão N.º2.

Resposta n.º 2	Na sua opinião o que entende pela linguagem <i>Signal, Meaning and Form (SMAF)</i> ?
Entrevistado N.º 1	Cada sinal tem um significado e uma forma. Por linguagem SMAF entende-se a colocação por escrito daquilo que vamos fazer (sinais, reforços positivos e negativos, punições) para obtermos a resposta pretendida.
Entrevistado N.º 2	Trata-se da criação de um suposto dialecto, comum a todos os treinadores de cães, em que está presente o que foi feito com o cão, desde o primeiro até ao último dia, escrito na própria linguagem de SMAF.
Entrevistado N.º 3	O SMAF é um conjunto de sinais transmitidos ao cão, levando-o a fazer os exercícios pretendidos, sem recurso a manipulação
Entrevistado N.º 4	O SMAF, no contexto do treino de animais, faz o mesmo que a linguagem de programação informática. Para “comunicar” com um animal é necessário dominar a sua “linguagem binária”. Como isto é difícil podemos usar o SMAF para simplificar essa tarefa porque se trata de uma linguagem desenvolvida de acordo com a forma como um cão “comunica” e obrigatoriamente “aprende”.
Entrevistado N.º 5	SMAF é uma linguagem artificial com o objectivo de (1) descrever, em termos precisos, toda a comunicação entre o treinador/tratador e o animal, incluindo todas as ferramentas de aprendizagem, sinais, reforços, castigos, etc., (2) planejar o ensino de competências e (3) analisar e corrigir erros. O SMAF não é um método de aprendizagem, mas um modo de o transcrever.

Análise de Conteúdo à Questão N.º3

Quadro D.3:Análise de conteúdo à Questão n.º3.

Resposta n.º 3	Poderá a idade dos cães ser um factor determinante para os resultados obtidos? Porquê?
Entrevistado N.º 1	<ul style="list-style-type: none"> • Não, porque ter a oportunidade de iniciar o treino com um cão desde a sua tenra idade... permite que a comunicação e todo o processo de familiarização se estabeleçam o mais cedo possível.
Entrevistado N.º 2	<ul style="list-style-type: none"> • Não, porque, quanto mais cedo iniciarmos o treino, maiores são as probabilidades de sucesso do binómio.
Entrevistado N.º 3	<ul style="list-style-type: none"> • No estudo em questão, poderá ter tido alguma preponderância, uma vez que um cachorro ainda não tem a personalidade totalmente definida e como tal é mais inconstante.
Entrevistado N.º 4	<ul style="list-style-type: none"> • “No caso dos cães novos que foram alvo deste estudo... alguns deles pareciam bons animais de trabalho e depois revelaram que não. Inclusive, alguns já foram abatidos ao serviço” • “Por serem cachorros, é mais fácil construir uma relação sólida...Por outro lado, nem todos os cães têm as características ideais... e isto é difícil de avaliar quando são cachorros”.
Entrevistado N.º 5	<ul style="list-style-type: none"> • O problema, no nosso projecto, não foi tanto a idade dos cães... como o facto de os cães serem oriundos de famílias civis onde não foram tratados devidamente.

Análise de Conteúdo à Questão N.º4

Quadro D.4:Análise de conteúdo à Questão n.º4.

Resposta n.º 4	Quais foram as grandes dificuldades sentidas ao longo de todo o processo de treino?
Entrevistado N.º 1	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de continuidade do treino, devido à limitação de tempo inerente à actividade operacional • Falta de acompanhamento adequado • Dificuldade em escrever determinados exercícios na linguagem SMAF;
Entrevistado N.º 2	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco tempo disponível para o treino • Ausência de castigos
Entrevistado N.º 3	<ul style="list-style-type: none"> • Inexistência de manipulação • A escrita em SMAF
Entrevistado N.º 4	<ul style="list-style-type: none"> • O método usado e escrito em SMAF pelo professor é diferente do usado no GIC. • A maioria dos tratadores não percebeu muito bem o que é o SMAF • Falha dos instrutores quando explicaram aos vários tratadores os exercícios. • Os tratadores ao repetirem simplesmente as demonstrações, em vez de lerem e trabalharem, reduziram mais-valias do SMAF • O pessoal empenhado estar dedicado, em exclusivo, à experiência • A descontinuidade dos instrutores... levou a que os tratadores não tivessem sido acompanhados da melhor forma
Entrevistado N.º 5	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamento emocional instável dos cães • Falta de tempo para ensinar aos militares a linguagem SMAF • Falta de tempo para treinar

Análise de Conteúdo à Questão N.º5

Quadro D.5:Análise de conteúdo à Questão n.º5.

Resposta n.º 5	Quais as vantagens e desvantagens da utilização do método tradicional escrito em SMAF?
Entrevistado N.º 1	<ul style="list-style-type: none"> • Não vejo qualquer vantagem • Dificuldade de escrever nesta linguagem
Entrevistado N.º 2	<ul style="list-style-type: none"> • A implementação da comida durante o treino do cão • O planeamento do treino; • A necessidade de muito tempo despendido
Entrevistado N.º 3	<ul style="list-style-type: none"> • Treino de obediência desde cachorro, nomeadamente através do uso da comida • O planeamento obrigatório do treino • Falta de aversivos
Entrevistado N.º 4	<ul style="list-style-type: none"> • A forma como está organizada/construída... de acordo com as teorias de comunicação entre animais • Obriga que se conheçam os princípios basilares das teorias de aprendizagem de um cão • A sua estrutura impede que se construa uma linha de comando elaborada • Obriga o treinador a planear
Entrevistado N.º 5	<ul style="list-style-type: none"> • O treinador/tratador tem de estudar e compreender os princípios de aprendizagem • Obriga ao planeamento antes da execução • Facilita a detecção e correcção de erros

Análise de Conteúdo à Questão N.º6

Quadro D.6: Análise de conteúdo à Questão n.º6.

Resposta n.º 6	Qual o contributo que a implementação da linguagem SMAF traria ao GIC?
Entrevistado N.º 1	<ul style="list-style-type: none"> • O projecto... visou pequenos exercícios de obediência e, na minha opinião, não foi conclusivo
Entrevistado N.º 2	<ul style="list-style-type: none"> • Enriquecimento pela recolha das experiências dos tratadores • A criação de uma base de dados de experiências • Instituição pioneira através da aplicação da SMAF
Entrevistado N.º 3	<ul style="list-style-type: none"> • Levar o cão a executar outros exercícios além da socialização, ainda cachorro
Entrevistado N.º 4	<ul style="list-style-type: none"> • Planeamento rigoroso de cada exercício... e escrito, permitindo o registo da experiência para uso no futuro • Permite transferir um cão de tratador com mais facilidade • Na perspectiva da instrução também traz mais-valias • Permite planejar, analisar (corrigir), registar com rigor científico o trabalho cinotécnico
Entrevistado N.º 5	<ul style="list-style-type: none"> • O treinador/tratador tem de estudar e compreender os princípios de aprendizagem • Possibilidade de analisar problemas comportamentais ou de treino • Facilitaria a formação de novos tratadores • A transferência de cães entre tratadores • Treino central dos cães por parte de treinadores peritos • Criação de uma base de dados para controlo e pesquisa

ANEXOS

ANEXO E - CVRRICVLVM DO PROFESSOR ROGER ABRANTES

Roger Abrantes, *PhD* em Biologia Evolutiva e Etologia, e *BSc* em Filosofia, nasceu em Portugal, mas passou a maior parte de sua juventude e vida estudantil na Dinamarca, nas Universidades de Odense e Copenhaga. Actualmente é o director do “*Ethology Institute*”, uma divisão do “*Cambridge E-Learning Institute*”, dedicada ao estudo do comportamento e aprendizagem animal e formação de treinadores de animais.

É autor de 17 livros em inglês, alemão, espanhol, dinamarquês, sueco, norueguês, italiano e checo (e em breve em francês) e de numerosos artigos sobre o comportamento animal. O seu trabalho abrange palestras no “*Ethology Institute*” em *Cambridge*, palestras, como professor convidado, em universidades e outras instituições em todos os continentes, palestras populares, participação em programas de televisão, tratamento de problemas de comportamento animal e tarefas de gestão do ambiente marinho (também é certificado como “*Divemaster*” e mergulhador-salvador).

Participou na formação de ratos para detectar minas terrestres na Tanzânia, onde trabalhou permanentemente num período como CO (Chief of Operations) e é o autor do manual de treinadores de ratos para detecção de minas; em 2010 instrutor na CNCA (California Narcotic Canine Association), assessor técnico na Apopo (a instituição responsável pelo treino e uso operativo de ratos para detecção de minas terrestres) e chefe de divisão no CEI.

Escreveu livros populares, bem como teses científicas. Ensina etologia e teoria de aprendizagem nas áreas do trabalho prático com cães, gatos, cavalos e ratos.

Livros e artigos (lista não completa):

Abrantes, R. A. (1984). Moderen, om hundemoderens rolle i hvalpenes udvikling. Jagthunden.

Abrantes, R. A. (1984). De forældreløse, om hundefaderens rolle i hvalpenes udvikling. Jagthunden.

Abrantes, R. A. (1986). Hunden, vor ven -- Psykologi fremfor magt. Borgen Publishers, Copenhagen.

Abrantes, R. A. (1987). Hundesprog. Borgen Publishers, Copenhagen.

- Abrantes, R. A. (1992/1997). Dog Language -- An Encyclopedia of Canine Behavior. Wakan Tanka Publishers, Naperville, IL.
- Abrantes, R. A. (1994). Hunden -- ulven ved din side. Borgen Publishers, Copenhagen.
- Abrantes, R. A. et al (1996/2010). Animal Trainers Handbook. Wakan Tanka Publishers, Naperville, IL (currently in EI curriculum).
- Abrantes, R. A. (1997). Min forste hundebog. Borgen Publishers, Copenhagen.
- Abrantes, R. A. (1997/2005). The Evolution of Canine Social Behavior. Wakan Tanka Publishers, Naperville, IL.
- Abrantes, R. A. (1998). Hundehvalpen -- hvalpens ankomst til hjemmet. Borgen Publishers, Copenhagen.
- Abrantes, R. A. (1998). Hunden alene hjemme. Borgen Publishers, Copenhagen.
- Abrantes, R. A. (1999). Dogs Home Alone. Wakan Tanka Publishers, Naperville, IL.
- Abrantes, R. A. (2003). An introduction to the chi-squared method for field research. In EI curriculum.
- Abrantes, R. A. (2010). Animal Behavior and Learning--An Encyclopedia. Wakan Tanka Publishers, Naperville, IL.

ANEXO F - PLANO ANUAL DE FORMAÇÃO DA GNR/VERTENTE CINOTECNIA

1. AVALIAÇÃO TÉCNICA ANUAL

- a. Visa avaliar o estado operacional dos binómios,
- b. Têm a duração de dois dias e meio,
- c. Os binómios que obtenham classificação positiva são considerados operacionais e regressam às respectivas secções sem necessidade de outra formação durante um ano,
- d. Os binómios que obtenham classificação negativa são considerados inoperacionais e terão um dos seguintes destinos:
 - (1) Regresso do binómio à secção cinotécnica para posterior ingresso no estágio de reabilitação técnica. Nesta situação o operador/tratador dispõe 50% do tempo do seu serviço para treinar o cão, e nos restantes 50% é empenhado noutros serviços da missão geral da Guarda.
 - (2) Separação do binómio. O operador/tratador (sem cão) regressa ao Comando Territorial, ficando a aguardar vaga no módulo de certificação cinotécnico, durante o qual recebe novo cão para constituir novo binómio. Durante este período o operador/tratador é afastado de todas as funções cinotécnicas e executa outros serviços da missão geral da Guarda.
 - (3) Afastamento do operador/tratador da especialidade.

2. ESTÁGIO DE REABILITAÇÃO TÉCNICA

- a. Visa reabilitar um binómio que obteve um resultado negativo na avaliação técnica anual, tornando-o novamente operacional,
- b. Tem a duração de quatro semanas,
- c. Deve realizar-se após terem terminado todas as avaliações técnicas anuais,
- d. Os binómios que obtenham classificação positiva são considerados novamente operacionais e regressam às respectivas secções, sem necessidade de outra formação durante um ano,
- e. Os binómios que obtenham classificação negativa são novamente classificados de inoperacionais e têm um dos seguintes destinos:

- (1) Separação do binómio; regresso do operador/tratador (sem cão) ao Comando Territorial, ficando a aguardar vaga para a frequência do módulo de certificação cinotécnico, durante o qual recebe o novo cão para constituir novo binómio. Durante este período o operador/tratador é afastado de todas as funções cinotécnicas e executa outros serviços da missão geral da Guarda.
- (2) Afastamento do operador/tratador da especialidade.

3. MÓDULO DE CERTIFICAÇÃO CINOTÉCNICO

- a. Visa certificar um novo binómio cinotécnico. É admitido a frequentar este módulo o operador/tratador que pertença à especialidade cinotécnica,
- b. Tem uma duração de nove semanas e inicia-se à sétima semana do curso cinotécnico da vertente em causa,
- c. Realiza-se após terem terminado todos os estágios de reabilitação técnica,
- d. Os novos binómios que obtenham classificação positiva são considerados operacionais e regressam às respectivas secções, sem necessidade de outra formação durante um ano,
- e. Os novos binómios que obtenham classificação negativa são considerados inoperacionais e têm um dos seguintes destinos:
 - (1) Separação do binómio. Regresso do operador/tratador (sem cão) ao Comando Territorial, ficando a aguardar vaga para frequência de novo módulo de certificação cinotécnico, no qual recebe novo cão para constituir novo binómio. Durante este período o operador/tratador é afastado de todas as funções cinotécnicas e executa outros serviços da missão geral da Guarda.
 - (2) Afastamento do operador/tratador da especialidade cinotécnico.

4. CURSOS CINOTÉCNICOS

- a. Visam formar novos binómios cujos operadores/tratadores não estejam habilitados com a especialidade,
- b. De acordo com a vertente respectiva, têm a seguinte duração:
 - (1) Guarda e patrulha: 16 semanas,
 - (2) Restantes vertentes cinotécnicas: 12 semanas,
- c. Os novos binómios que obtenham classificação positiva são considerados operacionais e colocados, por proposta do Comandante da UI, de acordo com as necessidades operacionais. Não necessitam de outra formação no prazo de um ano, a contar da data do fim do curso,

- d. Os candidatos a operador/tratador que obtenham classificação negativa no curso, de acordo com o regulamento respectivo, regressando à anterior situação.

5. ACTUALIZAÇÃO TÉCNICA

Serão propostas quando existam alterações, correcções ou melhorias técnicas (confirmadas antecipadamente na UI) a implementar que justifiquem a convocação de binómios de uma determinada vertente cinotécnica para aperfeiçoamento dos saberes e dos procedimentos.

ANEXO G – FICHA DE AVALIAÇÃO

PENALIZAÇÕES (100 pontos)							
EXERCÍCIOS COM TRELA A (28 pontos)		EXERCÍCIOS SEM TRELA B (48 pontos)		RAPEL DEVANT C (16 pontos)		AUSÊNCIA TRATADOR D (16 pontos)	
ANDAR AO LADO		ANDAR AO LADO		CHAMADA			
Posição incorrecta da trela	2	Afasta-se do tratador	4	O cão muda de posição	4	O cão tenta ir com o tratador	4
O cão anda sem alegria	2	Afasta-se mais de 1 metro	4	O cão avança 1 metro antes da chamada	4	O cão muda de posição	4
SENTAR		SENTAR		O cão avança lentamente	4	Afasta-se até 1 metro	4
Repete o comando	3	Repete o comando	4	Não senta em frente ao tratador	4	Afasta-se mais que 1 metro	4
Senta lentamente	3	Senta lentamente	4	O cão vai ter com o tratador antes da chamada	16	Vai ter com o tratador	16
Não se senta paralelo ao tratador	3	Não se senta paralelo ao tratador	4				
Senta-se mal	3	Senta-se mal	4				
Não executa o comando	1 2	Não executa o comando	16				
DEITAR		DEITAR					
Repete o comando	3	Repete o comando	4				
Deita lentamente	3	Deita lentamente	4				
Não se deita paralelo ao tratador	3	Não se deita paralelo ao tratador	4				
Deita-se mal	3	Deita-se mal	4				
Não executa o comando	1 2	Não executa o comando	16				
Total penalizações		Total penalizações		Total penalizações		Total penalizações	
Obs :							
Atavio –			Condição física do cão				
Outras -							
Soma total penalizações:			Resultado final:				
1º Avaliador		O Chefe da Equipa de Avaliação			2º Avaliador		
_____		_____			_____		
_____		_____			_____		

ANEXO H - EXTRACTO DO REGULAMENTO DE AVALIAÇÃO DE BINÓMIOS DE DETECÇÃO DE EXPLOSIVOS (RABINDE)

OBEDIÊNCIA (100 PONTOS)

Constituída por quatro exercícios:

- Exercício A – exercícios com trela (24 pontos)
- Exercício B – exercícios sem trela (44 pontos)
- Exercício C – rapel devant (16 pontos)
- Exercício D – ausência do tratador (16 pontos)

1º- Exercício A – exercícios com trela (20 pontos)

1) Descrição

- a) Andar ao lado, a partir da posição base (cão sentado ao lado), realizando a cadeira de comando:
 - Um ângulo para a direita;
 - Um ângulo para a esquerda;
 - Executar o comando “senta”
 - Executar o comando “deite-se”

2) Execução:

- a) É feito, obrigatoriamente, um ensaio deste exercício para “habituação” dos cães ao local de avaliação. Este exercício não é alvo de classificação, funciona como “aquecimento” e pode ser realizado com trela.
- b) Na realização do exercício de andar ao lado o cão deve ir com a escápula direita à altura do joelho esquerdo do operador/tratador para que a linha longitudinal do cão forme um ângulo de 90 graus com a linha dos ombros do operador/tratador.
- c) O cão deve acompanhar alegremente o seu operador/tratador.

3) Penalizações:

- a) Posição incorrecta da trela (2 pontos)
- b) Andamento lento (apático) (2 pontos)
- c) No comando “senta” repete o comando (3 pontos)
- d) No comando “senta” senta lentamente (3 pontos)
- e) No comando “senta” não fica paralelo ao tratador (3 pontos)
- f) No comando “senta” senta-se mal (3 pontos)
- g) Não execução do exercício (12 pontos)
- h) No comando “deite-se” repete o comando (3 pontos)
- i) No comando “deite-se” deita lentamente (3 pontos)
- j) No comando “deite-se” não fica paralelo ao tratador (3 pontos)
- k) No comando “deite-se” deita-se mal (3 pontos)
- l) Não execução do exercício (12 pontos)

2º- Exercício B – exercícios sem trela (40 pontos)

1) Descrição/Execução:

- a) Partindo da posição base o binómio, sem trela, inicia a marcha em passo normal.
- b) O tratador vai realizar a cadeira de comando executando os mesmos exercícios previstos no art. 1º mas com o cão sem trela.
- c) A não execução de qualquer comando leva à penalização máxima prevista para a execução desse comando.

2) Penalizações:

- a) Afasta-se do tratador (4)
- b) Afasta-se do tratador mais que um metro (4 pontos)
- c) No comando “senta” repete o comando (4 pontos)
- d) No comando “senta” senta lentamente (4 pontos)
- e) No comando “senta” Não fica paralelo ao tratador (4 pontos)
- f) No comando “senta” senta-se mal (4 pontos)
- g) Não execução do exercício (16 pontos)
- m) No comando “deite-se” repete o comando (4 pontos)
- n) No comando “deite-se” deita lentamente (4 pontos)
- o) No comando “deite-se” não fica paralelo ao tratador (4 pontos)
- h) No comando “deite-se” deita-se mal (4 pontos)

- i) Não execução do exercício (16 pontos)

3º - Exercício C – Rapel devant (16 pontos)

1) Descrição/Execução:

O tratador manda sentar o cão e avançando cerca de 10 metros vai virar-se para o cão para executar a chamada.

O cão só pode avançar para o tratador quando ele efectuar a chamada

2) Penalizações:

- a) O cão muda de posição (4)
- b) O cão avança antes da chamada até 1 metro (4)
- c) Na chamada o cão avança lentamente para o tratador (4)
- d) O cão não se senta em frente ao tratador (4)
- e) O cão vai ter com o tratador antes da chamada entende-se como a não execução do exercício e tem a penalização máxima (16 pontos)

ANEXO I -HABILIDADES

HABILIDADE 1

Habilidade D001PT: Condicionamento de Touch,hand (Sy) e do reforço mecânico "!"+sound"(clique) por meio de comida "!"-food"(biscoito)

Introdução:

Esta habilidade é indispensável para toda a formação subsequente. Touch (targetting) e "!"+sound"(um clique do clicker normal) serão usados no condicionamento de muitas outras habilidades.

Se não tiver usado clicker ou alimento antes, será preciso desenvolver uma destreza e a sua própria rotina para lidar com ambos e usá-los adequadamente. A maioria das pessoas acha conveniente armazenar apenas uma recompensa na mão, que será o alvo, e manter uma outra pequena quantidade na mão que segura o clicker.

Outros preferem manter a oferta de reforço numa bolsa presa à cintura ou num bolso. Independentemente da técnica utilizada, o importante é que (1) o cão toque na mão, não na comida (2), clicar no momento exacto em que a toca e, (3) de imediato e quase em simultâneo, oferecer o reforço.

Ao apresentar a mão para o cão tocar, varie a posição, mantenha-a desde uma posição ao nível dos olhos do cão até quase ao chão. Caminhe em redor e apresente a mão para ser alvejada.

Desta forma generalizamos o sinal yTouch,hand, de modo que englobe todos os locais e posições da mão. Apresentamos a mão, não a recompensa.



DLO: Ensinar o cão a seguir e a tocar na minha mão e condicionar a associação clique e comida.

Local: Dentro de casa num local tranquilo, sem distrações para o cão e o treinador.

Pré-requisitos: Permita que o cão investigue a sala cerca de dois a cinco minutos antes do início da sessão de treino.

Deve resolver qualquer problema que o cão possa ter com o meio ambiente, sub-

estimulação, hiperactividade, etc. Antes de começar o treino desta habilidade, o único pré-requisito é ter um cão equilibrado, o que é imperativo.



QC: 40 repetições com o cão a seguir e a tocar na minha mão e receber"!-food" em quatro sessões de 10 com três minutos de intervalo entre cada onde o treinador não dá atenção ao cão. Os últimos dez consecutivos comportamentos de sucesso devem ocorrer após o treinador apresentar γ Touch,hand pelo menos a 100 centímetros do cão.



SRP:

- γ Touch(o cão toca minha mão),hand(movimento com a mão fechada segurando o biscoito à frente dos olhos e nariz do cão a partir de cerca de 20 cm e gradualmente aumentando a distância até 100 cm).
- γ Touch,hand2(eu toco no nariz do cão com a mão segurando o biscoito).
- "!-food"(pequeno biscoito).
- "!+sound"(um clique do clicker normal)



POA:

PRS1. γ Touch,hand => cão toca na minha mão =>"!+sound" + "!-treat". ALS1. γ Touch,hand=> cão não toca minha mão => γ Touch,hand2 => cão toca na minha mão =>"!+sound" + "!-treat".

Aplicar QC.



Notas: O QC requer muitas repetições, porque está a condicionar a associação "!+sound"(clique) e "!-food", que se torna respondente. "!+sound"(clique) deve ser mantida em pelo menos num VR3 "!-food"(biscoito), pois a experiência mostra que a associação se extingue rapidamente se não mantivermos a continuidade do reforço incondicionado.

Dê especial atenção ao comportamento do cão no momento exacto em que apresenta o reforço.

Deve reforçar 'o cão toca na minha mão,' só isso e nada mais. Não reforce morder, arranhar para obter o reforço, saltar, etc.

Não apresente a comida ao cão. Mantenha sempre a mão fechada. Este sinal chama-se Touch,hand e não Touch,treat. γ Touch, hand2 é um sinal auxiliar, apenas temporário. Não vamos usá-lo mais tarde, mas temos de reconhecê-lo como um sinal para o cão nesta fase de aprendizagem.

Este é o POA mais simples que pode desenhar. Qualquer dificuldade existente será devida a um BASIC.



Resolução de problemas:

Q1: O meu cão não toca na minha mão mesmo depois do ALS1. R: Trata-se de um BASIC. O cão não está com fome. Certifique-se que o cão tem um pouco de fome antes do início da sessão de treino.

Q2: O meu cão não comeu antes do treino, deveria estar com fome, mas continua a não querer o reforço. R: Isso é também um BASIC. O cão apresenta provavelmente algum tipo de resposta emocional ao ambiente ou ao treino, que temos de resolver antes de aplicar o nosso POA. Contacte o seu supervisor, CO, ou terapeuta certificado de comportamento animal.

Q3: O meu cão é muito activo, salta e corre. R: Isso é um BASIC devido a sub-estimulação. Tem de o resolver antes de iniciar o treino. Chama-se o 'síndrome do canil,' que muitas vezes vemos em cães de abrigo, cães de canil e cães de polícia mantidos em canis a maior parte do dia. Temos de desenhar um programa de estimulação e aplicá-lo de modo que o cão tenha possibilidade de gastar a energia acumulada e chegue a um estado de equilíbrio quando começar o treino. Se o problema persistir, deve contactar o seu supervisor, CO, ou terapeuta certificado. Pode levar alguns dias a resolver este problema ou quatro a seis meses nos casos mais graves. O problema não está particularmente relacionado com raça, sexo ou idade do cão.

Q4: O meu cão não toca na minha mão, mas morde ligeiramente os meus dedos. R: Isso é um BASIC. Cuidado: nunca reforce o morder! Queremos ensinar o cão a tocar na sua mão, não a mordê-la. Se o cão tem uma tendência para morder os seus dedos, interrompe o treino, faça um pequeno intervalo e tente novamente. Veja também resposta à Q3.

Ferramentas disponíveis neste momento:

- γ Touch(o cão toca minha mão),hand(movimento com a mão fechada à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!"-food"(pequenos reforços).
- "!" +sound"(um clique do clicker normal).

Sinais auxiliares: ● γ Touch,hand2(eu toco no nariz do cão com a mão segurando o biscoito).

HABILIDADE 2

Habilidade D002PT: O reforço verbal "± som!"(dygtig).

Introdução:

Esta habilidade ensina ao cão mais um reforço condicionado, uns verbais que iremos precisar mais tarde. Eu tenho uma preferência por 'dygtig,' uma palavra dinamarquesa, porque tem provado ser a mais adequada (tem uma sonografia parecida com o clique), podendo no entanto ser usado outro som. Baseado na nossa experiência, recomendamos um som de duas sílabas. "! +sound"(click) e "!±sound"(dygtig) produzem resultados ligeiramente diferentes. O primeiro tende a produzir respostas mais automáticas com um nível superior de excitação. O segundo tende a produzir respostas mais controladas e com mais foco sobre o treinador. O primeiro é melhor para o comportamento que não precisa necessariamente de ser associado ao treinador e o segundo para quando é necessário contacto com o treinador. A segunda é pessoal, contribuindo assim para desenvolver o vínculo treinador/cão.



DLO: Ensinar o cão a associar "!+sound"(click) e "!-food"(pequeno biscoito) com "!±sound"(dygtig).

Local: Dentro de casa num local tranquilo, sem nenhuma distracção para o cão e para o treinador.

Pré - requisitos: γTouch,hand e "!+sound"(click). D001.



QC: Duas sessões de 10 repetições (com uma pausa de três minutos em que o treinador não presta atenção ao cão) com o cão a seguir a minha mão e receber "!+sound"(click), "!-food"(comida) e "!±sound"(dygtig).

Então, depois de mais um intervalo de três minutos, 20 repetições em mais duas sessões de 10 usando apenas "!-food"(treat) e "!±sound"(dygtig).



SRP:

- γTouch (o cão toca minha mão),hand (movimento com a mão segurando a comida à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)

- "!-food"(pequeno biscoito)
- "!+sound"(um clique do clicker normal)
- "!±sound"(a palavra dygtig)



POA:

PRS1. γTouch,hand => o cão toca a minha mão => "!+sound"(clique) + "!±sound"(dygtig) + "!-food" (pequeno biscoito).

Aplicar QC.

PRS2. γTouch,hand => o cão toca a minha mão => "!±sound" (dygtig) + "!-food"(biscoito).



Notas:

QC exige mais repetições do que o normal, porque estamos a condicionar a associação "!+sound"(clique) e "!-food"(biscoito) com "!±sound"(dygtig), que deverá tornar-se num comportamento respondente.

"!±sound"(dygtig) deve ser mantido num VR2"!-food"(biscoito) no início e depois num VR10"!-food"(biscoito). Este reforço não se extingue tão rapidamente como "!±sound"(clique) devido ao seu elemento incondicionado (a associação com a linguagem corporal amigável do treinador).

Dispensamos o sinal auxiliar γTouch,hand2.



Resolução de problemas:

Não deve haver problemas se D001 foi feito correctamente. Se for preciso usar γTouch, hand2, volte para D001 e faça tudo novamente.

Ferramentas disponíveis neste momento:

- γTouch(o cão toca minha a mão),hand(movimento com a mão segurando a comida á frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm).
- "!-food"(biscoito).
- "!+sound"(um clique do clicker normal)
- "!±sound"(a palavra dygtig)

Sinais redundantes auxiliares:

- γTouch,hand2(toco no nariz do cão com a mão segurando a comida).

HABILIDADE 3

Habilidade D003PT: sentar, levantar, deitar, por meio de sinais guias (Sy) e criar uma memória muscular.

Introdução:

Sentar, levantar e deitar é o segundo passo do treino (depois de D001). O importante aqui é criar memória muscular. Queremos que o cão mantenha as patas traseiras no mesmo local enquanto muda de posição. Cão e treinador devem ser capazes de realizar “targetting” (D001) confortavelmente. Deve adoptar uma posição o mais conveniente possível em relação ao cão. Alguns preferem ajoelhar-se ou sentar-se à frente do cão, enquanto outros gostam de ter o cão ao lado, um pouco à frente. Com cães de pequeno porte, deveremos sempre sentar-nos ou ajoelhar-nos. Não continue o exercício, se o cão mudar de lugar, pois nesse caso estará a criar uma memória muscular errada. Se perder um reforço (biscoito) ou o cão se mexer um pouco, basta interromper a habilidade e começar de novo. O cão deve estar calmo e motivado para trabalhar com comida, e não sub-estimulado, com fome (vai usar cerca de 52 biscoitos ou bagos de ração), mas não esfomeado. Precisamos de um cão bem equilibrado para o sucesso dessa habilidade. Mantenha-se calmo e use movimentos calmos. Deve apresentar reforços condicionados exactamente quando o cão mostra o comportamento correcto, mas não é uma catástrofe se, de vez em quando, apresentar o reforço incondicionado um pouco atrasado.



DLO:

Criar a memória muscular para sentar, levantar e deitar por meio do toque de mão (D001).

Local: dentro de casa num local tranquilo, sem nenhuma distração para o cão e para o treinador.

Pré-requisitos:

D002 concluído com êxito “!+sound”(clique), “!±sound”(dygtig) e γTouch,hand. QC: Duas sequências consecutivas bem efectuadas (= 13 “!-food”) com mudanças de comportamento de duas sessões com um minuto de intervalo entre ambas. Repetir quatro vezes, após intervalos de 20 minutos.



SRP:

- γ Touch(o cão toca a minha mão com as quatro pernas rectas e no chão),hand (movimento com a mão segurando o biscoito á frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão, movendo as patas da frente para trás),touch(movimento com a mão do nariz do cão para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão para o lugar onde quero colocar o traseiro do cão no chão)
- γ Down(o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch1(movimento com a mão para baixo a partir do nariz do cão assim que o cão se incline para a frente e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Stand(o cão toca a minha mão com as quatro pernas rectas e no solo),toucht1(movimento para trás com minha mão segurando a comida à frente do nariz do cão)
- γ Down(o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch2(movimento com a mão para baixo a partir do nariz do cão ligeiramente para a frente assim que o cão se incline para trás e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão, movendo as patas da frente para trás),touch2(movimento com a mão segurando a comida para cima do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está com as quatro pernas rectas e no solo), toucht2 (movimento com a mão segurando a comida á frente do nariz do cão ligeiramente para trás)
- "!"-food"(biscoito)
- "!"+sound"(clique)
- "!"±sound"(a palavra dygtig) (Em "!"*sound", o * indica que se pode usar qualquer um dos reforços de som disponíveis) POA: PRS1. γ Touch,hand => o cão toca na minha mão na posição de pé =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS2. γ Sit,touch1 => o cão toca na minha mão na posição de sentado =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS3. γ Down,toucht1 => o cão toca na minha mão na posição de deitado =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS4. γ Stand,touch1 => o cão toca na minha mão na posição de de pé =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS5. γ Down,touch2 => o cão toca na minha mão na posição de deitado =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS6. γ Sit,touch2 => o cão toca na minha mão na posição de sentado =>"!"*sound" + "!"-treat". PRS7. γ Stand,touch2 => o cão toca a minha mão na posição de de pé =>"!"*sound" + "!"-treat".



QC Notas: Note que temos dois sinais para cada posição: variações 1 e 2 indicam os diferentes movimentos necessários para que o cão atinja a posição desejada a partir da anterior. São estes sinais auxiliares, que iremos remover de forma total ou substituir por outros sinais. Temos dois reforços de som condicionados ("!*sound"): "!+sound"(click), "!±sound"(dygtig). Deve usar os dois de forma regular e alternada. O primeiro tende a produzir respostas mais automáticas e a aumentar o nível de excitação do cão. O segundo tende a produzir respostas mais calmas e a chamar a atenção do cão para o treinador. Precisaremos dos dois reforços com as suas características particulares. Além disso, a alternância entre os reforços aumenta as suas propriedades reforçadoras. Criar a memória muscular requer muitas repetições. Mesmo depois do QC ser alcançado, as respostas obtidas por meio de memória muscular serão mantidas com a aprendizagem de habilidades posteriores. Esta habilidade requer alguma destreza da parte do treinador. Será preciso alguma prática antes de aprender os movimentos correctos para induzir o cão a mostrar o comportamento correcto. Será necessário paciência!



Solução de problemas:

Q1: O meu cão recua, quando eu dou o sinal γ Sit,touch1 de pé. A: Provavelmente não está a fazer o movimento correcto. Tente algumas vezes para ver se o está a fazer correctamente. Se não, comece com a parte traseira do cão contra uma parede, mas com o devido cuidado para que o cão não se sinta encurralado.

Q2: O meu cão não vai completamente abaixo quando eu dou o sinal γ Down,touch. R: Uso 'shaping'. Reforce uma aproximação sucessiva ao seu objectivo até que o cão se deite. Precisarás normalmente de 3-4 tentativas.

Q3: O meu cão move-se imediatamente depois de eu lhe dar o reforço e antes que eu possa sinalizar um outro comportamento. R: Provavelmente um BASIC. Verifique se o cão não está subestimulado. Se estiver, tem de resolver esse problema antes de continuar o treino. Espalhe um pouco de comida em redor e permita que o cão busque o alimento. Isto irá permitir que o cão gaste algum do seu excesso de energia.

Q4: O meu cão não está interessado na comida. R: Isto é um BASIC. Um cão normal, com um nível normal de estimulação, sem respostas emocionais ao ambiente e bem alimentado deve aceitar sempre comida. Teremos de descobrir qual é o problema e resolvê-lo antes de continuar o treino. Se o cão está subestimulado, use o método descrito na resposta anterior e tente proporcionar ao cão uma longa caminhada antes de começar a sessão de treino. Se o problema persistir, poderemos ter um BASIC. Comunique ao seu superior, terapeuta certificado ou CO.

Ferramentas disponíveis neste momento:

- γTouch(o cão toca na minha mão),hand (movimento com a mão segurando a comida á frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm).
- "¡-treat"(biscoito).
- "¡+sound"(um clique do clicker normal)
- "¡±sound"(a palavra dygtig)

E os sinais auxiliares:

- γSit(o cão coloca o traseiro no chão, movendo as patas da frente para trás),touch(movimento com a mão do nariz do cão para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão para o lugar onde quero colocar o traseiro do cão no chão)
- γDown(o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch1(movimento com a mão para baixo a partir do nariz do cão assim que o cão se incline para a frente e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γStand(o cão toca a minha mão com as quatro pernas rectas e no solo),toucht1(movimento para trás com minha mão segurando a comida à frente do nariz do cão)
- γDown(o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch2(movimento com a mão para baixo a partir do nariz do cão ligeiramente para a frente assim que o cão se incline para trás e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γSit(o cão coloca o traseiro no chão, movendo as patas da frente para trás),touch2(movimento com a mão segurando a comida para cima do nariz do cão)
- γStand(o cão está com as quatro pernas rectas e no solo), toucht2 (movimento com a mão segurando a comida á frente do nariz do cão ligeiramente para trás)

HABILIDADE 4

Habilidade D004: senta, de pé, deita por meio de Touch,hand (Sy) e retirar a mão.

Introdução:

Esta habilidade é o primeiro passo para ensinar a ficar quieto numa posição e também um passo no treino de senta, de pé, e deita. Continuamos a criar a memória muscular e começamos a retirar a mão do nariz do cão.

Deve estar no controle dos seus movimentos e ser calmo. Provavelmente adquiriu prática suficiente nos exercícios anteriores de forma que os seus movimentos sejam naturais. Caso contrário, não hesite em voltar atrás e praticar um pouco mais. Se não, não hesite em voltar atrás e praticar um pouco mais. Também pode praticar sem cão para criar a sua própria memória muscular. Quando profissionais o fazem, parece fácil e sem esforço porque eles já o fizeram muitas vezes.

O cão deve estar calmo e motivado para trabalhar por comida, não subestimado, com fome (vai usar 52 bagos de comida), mas não esfomeado. Precisa de um cão bem equilibrado para obter sucesso nesta habilidade.



DLO: ensinar o cão a seguir a minha mão, mudando assim o comportamento de senta para de pé para deita e manter a posição quando eu retiro minha mão até uma distância de 60 cm durante 2 segundos.

Localização: um local reservado e tranquilo, de preferência no interior de um edifício, sem nenhuma distração para o cão e para o treinador.

Pré-requisitos: D003 concluído com êxito."!+sound"(click), "!±sound"(dygtig). O cão não deve ter tido acesso a comida por um algum tempo uma vez que vamos usá-la para o treino.



QC: Duas sequências consecutivas executadas de forma correcta (= 13 "!-food") em mudanças de comportamento em duas sessões, com um minuto de intervalo entre ambas. Repita quatro vezes, após intervalos de 20 minutos.



SRP:

- γTouch (o cão toca na minha mão com as quatro pernas estendidas e as patas no

chão),hand (movimento com a minha mão a segurar um bago de comida à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)

- γSit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch 1 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão, de modo a que este mantenha a cabeça ligeiramente voltada para cima, para frente e um pouco para baixo como se estiver a empurrar o nariz do cão na direcção onde eu o quero que o cão coloque o rabo)
- γDown (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch1 (movimento com a mão a partir do nariz do cão para baixo de modo que o cão se inclina para a frente e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γStand (o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch1 (movimento para trás com minha mão a segurar a comida à frente do nariz do cão)
- γDown (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch2 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão para baixo do cão e ligeiramente de modo a que o cão se inclina para trás e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γSit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch2 (movimento com a minha mão segurando um bago a partir do nariz do cão e para cima)
- γStand(o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch2 (movimento com a minha mão a segurar um bago de comida à frente do nariz do cão ligeiramente para trás)
- Stay(mantém a posição),hand1(retiro a minha mão até uma distância de 30 cm do nariz do cão).
- Stay(mantém a posição) hand(retiro a minha mão até uma distância de 60 cm do nariz do cão).
- "!-food"(um bago de ração)
- "!+sound"(clique)
- "!±sound"(a palavra ei)

(no"!*sound",o * indica que pode usar qualquer um dos reforços sonoros, e [?*sound] que pode removê-los.



POA:

PRS1. γTouch,hand =>o cão toca na minha mão na posição De Pé => Stay,hand1 =>o cão permanece na posição por 1 segundo => "!*sound"+"!-treat".

ALS1a. γTouch,hand=>o cão toca na minha mão na posição de De Pé => Stay,hand1 =>o cão adianta-se =>eu antecipo o movimento do cão e empurro-o suavemente para trás => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo=>"!*sound"+"!-treat".

ALS1b. γ Touch,hand=> o cão toca na minha mão na posição de De Pé => Stay,hand1 =>o cão adianta-se => [?*sound] + [?-food] => interrompo o contacto ocular com o cão e movimento-me pelo local => γ Touch,treat=>o cão toca na minha mão na posição De Pé=> Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo=>"!*sound"+"!-treat"

ALS2. se a ALS1a => ERRO e ALS1b => ERRO, então BASIC (procure na solução de problemas).

PRS2. γ Sit,touch1 => o cão toca a minha mão na posição de senta => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food".

PRS3. γ Down,touch1 = > o cão toca a minha mão na posição de deita => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food".

PRS4. γ Stand,touch1 => o cão toca a minha mão na posição de e pé=> Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food".

PRS5. γ Down,toucha2 => o cão toca a minha mão na posição de deita => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food"

PRS6. γ Sit,touch2 =>o cão toca a minha mão em posição de senta => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food".

PRS7. γ Stand,touch2 => toca a minha mão na posição de de p+e => Stay,hand1 => o cão permanece na posição por 1 segundo =>"!*sound" + "!-food".

PRS8. Movimente-se, interrompendo o contacto ocular com o cão.

Aplique QC.

PRS9 a PRS15 repita PRS1 a PRS8, mas substitua a 'o cão permanece na posição por um segundo' com 'cão permanece na posição por 2 segundos.

Aplique QC.

PRS16 ao PRS22. Repita o procedimento PRS9 a PRS15, mas substitua Stay,hand1 por Stay,hand.



Notas:

Tem dois sinais para que o cão permaneça na posição: Stay,hand1 e Stay,hand, o que corresponde a um pequeno aumento na dificuldade. Estes são sinais auxiliares apenas temporários. Não os usará mais tarde, mas deve reconhecê-los como sinais para o cão nesta fase de aprendizagem. Stay,hand está neste momento limitado 60 cm de distância do cão e a 2 segundos. Mais tarde aumentará isso.

Tem dois reforços condicionados sonoros ("!*sound"): "!*+sound"(click), "!*±sound"(ei). Utilize alternando regularmente os dois.

ALS1 ALS2 descrevem as duas alternativas de maior sucesso para resolver o problema de um cão que se move.

Se tiver de usar muita comida para resolver o BASIC, talvez seja preciso ajustar o QC, por exemplo, apenas uma sequência correcta de comportamentos, porque o cão não vai comer mais. Isso significa que a comida deixará de ser "!-food"(treat). Este é o efeito da saturação. Tem usado e dispensou com o auxiliar do sinal Stay,hand1 ao praticar esta habilidade. Mantenha esta habilidade, exercendo-a até ter novas ferramentas para manter a memória muscular adquirida.



Solução de problemas:

Q1: O meu cão mexe-se assim que retiro a mão do seu nariz.

R: trata-se de um BASIC. Nenhum cão se move tão rapidamente, a menos que haja algo de errado. O cão pode estar com muita fome ou muito subestimulado. Dê ao cão exercícios de busca de comida onde procura bago de comida até o nível de fome do cão, assim com de estimulação, lhe permitir trabalhar.

Q2: O meu cão está OK na primeira sequência, mas perde o interesse na segunda.

R: Provavelmente já usou demasiada comida para resolver o BASIC, ou então está a dar comida em porções demasiado grandes para o cão. Terá de usar menos comida para o estimular e porções mais pequenas para o treinar.

Ferramentas disponíveis até este momento:

- γTouch (o cão toca na minha mão com as quatro pernas estendidas e as patas no chão),hand (movimento com a minha mão a segurar um bago de comida à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!-food"(um bago de ração)
- "!+sound"(clique)
- "!±sound"(a palavra ei)

(no"!*sound",o * indica que pode usar qualquer um dos reforços sonoros, e [?*sound] que pode removê-los.

E os sinais auxiliares:

- γSit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch 1 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão, de modo a que este mantenha a cabeça ligeiramente voltada para cima, para frente e um pouco para baixo como se estiver a empurrar o nariz do cão na direcção onde eu o quero que o cão coloque o rabo)

- γ Down (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch1 (movimento com a mão a partir do nariz do cão para baixo de modo que o cão se inclina para a frente e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Stand (o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch1 (movimento para trás com minha mão a segurar a comida à frente do nariz do cão)
- γ Down (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch2 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão para baixo do cão e ligeiramente de modo a que o cão se inclina para trás e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Sit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch2 (movimento com a minha mão segurando um bago a partir do nariz do cão e para cima)
- γ Stand(o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch2 (movimento com a minha mão a segurar um bago de comida à frente do nariz cão ligeiramente para trás)
- Stay(mantém a posição) hand(retiro a minha mão até uma distância de 60 cm do nariz do cão).

Sinais auxiliares redundantes:

- Stay(mantém a posição),hand1(retiro a minha mão até uma distância de 30 cm do nariz do cão).

HABILIDADE 5

Transformar os Touch Signal (S^V) em sinais visuais com ração(S^V).

Introdução:

Esta habilidade é o primeiro passo para atingir os sinais dados com a mão para senta, de pé e deita. Permite-lhe dispensar os Touch Signal e continuar a criar memória muscular.

Deve estar em controlo dos seus movimentos e manter uma atitude calma. Provavelmente já adquiriu suficiente prática nas habilidades anteriores e os seus movimentos são naturais. Senão, não hesite em voltar aos exercícios anteriores e praticá-los um pouco mais. Também pode praticar sem cão a fim de criar a sua própria memória muscular. Tudo parece muito fácil e sem esforço quando os profissionais o fazem porque estes já o fizeram muitas vezes.

O cão deve manter-se calmo e motivado para trabalhar por comida, não subestimado, com fome (vai usar 52 biscoitos), mas não esfomeado. Necessita de um cão equilibrado para obter sucesso nesta habilidade.



DLO: Ensinar o cão a seguir a minha mão sem a tocar, mudando o comportamento de senta para de pé e deita; e manter a posição quando retiro a minha mão até 60 cm durante dois segundos.

Local: dentro de casa sem distrações para o cão e com apenas o binómio presente.

Pré-requisitos: D004 completado com sucesso. O cão não deve ter tido acesso a comida durante algum tempo antes do treino porque vai usar muitos bagos de ração.



QC: Duas sequências consecutivas correctas em mudanças de comportamento durante duas sessões com um minuto de intervalo entre sessões.



SRP:

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- γSit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar

o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)

- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),*treat*1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)

- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),*treat*1(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)

- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),*treat*2(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),*treat*2(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)

- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),*treat*2(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)

- Stay(mantém a posição),*hand*1(retiro a minha mão a uma distância de 30 cm do nariz do cão).

- Stay(mantém a posição),*hand*(retiro a minha mão a uma distância de 60 cm do nariz do cão)..

- "!"-food"(pequeno bago de ração)

- "!"+sound"(click)

- "!"±sound"(a palavra e)

(em "!"*sound", o * indica que pode usar qualquer um dos reforço de som; [?*sound] significa que pode retirar ambos)



POA:

PRS1. γ Touch,*hand* => o cão toca na minha mão em posição de pé => Stay,*hand*1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!"*sound" + "!"-treat".

ALS1a. γ Touch,*hand* => o cão toca na minha mão em posição de pé => Stay,*hand*1 => o cão move-se para a frente => eu antecipo o movimento do cão e empurro-o ligeiramente para trás com a minha mão => Stay,*hand*1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!"*sound" + "!"-treat".

ALS1b. γ Touch,*hand* => o cão toca na minha mão em posição de pé => Stay,*hand*1 => o cão move-se para a frente => [?*sound] + [?-food] => interrompo o contacto visual com o cão e dou uma volta na sala => γ Touch,*treat* => o cão toca na minha mão em posição de pé => Stay,*hand*1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!"*sound" + "!"-treat".

ALS2. Se ALS1a => ERROR e ALS1b => ERROR, então BASIC (ver solução de problemas).

PRS2. γSit,treat1 => antes que o cão toque na minha na posição de senta => Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS3. γDown,treat1 => antes que o cão toque na minha na posição de deita => Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS4. γStand,treat1 => antes que o cão toque na minha na posição de pé=> Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS5. γDown,treat2 => antes que o cão toque na minha na posição de deita => Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS6. γSit,treat2 => antes que o cão toque na minha na posição de senta => Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS7. γStand,treat2 => antes que o cão toque na minha na posição de pé => Stay,hand1 => o cão permanece na posição durante 1 segundo => "!*sound" + "!!-food".

PRS8. Vire-se de costas para o cão interrompendo o contacto visual.

Aplique QC

PRS9 até PRS15. Repita PRS1 até PRS8, mas substitua 'o cão permanece na posição durante 1 segundo' com 'o cão permanece na posição durante 2 segundos'.

Aplique QC.

PRS16 até PRS22. Repita PRS9 até PRS15, mas substitua Stay,hand1 por Stay,hand.



Notas:

Tem dois sinais para o cão permanecer na posição: Stay,hand1 e Stay,hand, que corresponde a um ligeiro aumento de dificuldade. Este são **sinais auxiliares**, somente temporários. Não vamos utilizá-los mais tarde, mas temos que os reconhecer como sinais para o cão nesta fase do treino. Stay,hand é limitado à distância de 60 cm durante dois segundos e a dois segundos de permanência na posição. Aumentaremos estes parâmetros mais tarde.

Tem dois reforços condicionados sonoros ("!*sound"):

"!+sound"(click), "!!±sound"(dygtig). Use-os regularmente de forma alternada.

ALS1 e ALS2 descrevem as duas alternativas mais comuns para resolver o problema de o cão se mover.

Se usou muitos biscoitos para resolver um BASIC, talvez precise de ajustar o QC, por exemplo, só efectuar uma sequência de comportamentos correctamente, porque o cão não vai comer mais biscoitos. Isto significa que os biscoitos deixarão de ser "!!-food"(treat). Este é o efeito do cansaço específico.

Usamos e dispensamos com o sinal auxiliar Stay,hand1 com a prática desta habilidade.

Mantenha esta habilidade por meios de exercício regular até obter novas ferramentas para manter a memória muscular adquirida.



Solução de problemas:

P1: O meu cão mexesse quando eu retiro a minha mão da frente dos olhos do cão.

R: Isto é um BASIC. Nenhum cão se mexe tão rapidamente a não ser que haja algo errado. O cão não deve estar com fome ou então estará demasiado subestimulado. Permita que o cão procure comida durante um período até o nível de fome do cão, assim como de estimulação, lhe permita trabalhar com ele.

P2: O meu cão está OK na primeira na sequência, mas perde interesse na segunda sequência.

R: Provavelmente usou demasiados biscoitos para resolver o BASIC, ou está a dar biscoitos demasiado grandes ao cão. Tente usar menos biscoitos para estimular o cão e menores biscoitos para o treinar.

Ferramentas disponíveis até este momento:

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "¡-food"(pequeno bago de ração)
- "¡+sound"(click)
- "¡±sound"(a palavra e)

E os sinais auxiliares:

- γSit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)
- γDown(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γStand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat1(movimento para

trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)

- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat2(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat2(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat2(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- Stay(mantém a posição),hand(retiro a minha mão a uma distância de 60 cm do nariz do cão).

Sinais auxiliares redundantes:

- γ Sit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch 1 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão, de modo a que este mantenha a cabeça ligeiramente voltada para cima, para frente e um pouco para baixo como se estiver a empurrar o nariz do cão na direcção onde eu o quero que o cão coloque o rabo)
- γ Down (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch1 (movimento com a mão a partir do nariz do cão para baixo de modo que o cão se inclina para a frente e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Stand (o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch1 (movimento para trás com minha mão a segurar a comida à frente do nariz do cão)
- γ Down (o cão toca com a barriga no chão mantendo as patas traseiras no mesmo local),touch2 (movimento com a minha mão a partir do nariz do cão para baixo do cão e ligeiramente de modo a que o cão se inclina para trás e para baixo até tocar com a barriga no chão)
- γ Sit (o cão coloca o rabo no chão, movendo as patas da frente para trás),touch2 (movimento com a minha mão segurando um bago a partir do nariz do cão e para cima)
- γ Stand(o cão fica de pé com as quatro pernas rectas),touch2 (movimento com a minha mão a segurar um bago de comida à frente do nariz do cão ligeiramente para trás)

HABILIDADE 6

O sinal Name,sound (SD).

Introdução:

Esta habilidade ensina o cão a olhar para si quando diz o nome dele. Este é um sinal indispensável quando necessita de dar um sinal visual ao cão. Name,sound significa olha para mim. Não use este sinal para obter outros comportamentos tal como interromper um comportamento indesejável. Mais tarde ensinaremos ao cão outro sinal para esse fim.

Esta habilidade requer somente os sinais D001 e D002. O motivo pelo qual só agora ensinamos ao cão este sinal (e não após D002) é que D002 e D004 ensinam ao cão que "!-treat" está disponível quando oferece um comportamento específico em relação a si. Deste modo vai ser mais fácil ensinar ao cão a associar o sinal sonoro emitido por si com um possível reforço comestível. Na mente do cão, nesta fase do treino, o tratador tornou-se uma "fonte de biscoitos."



DLO: Ensinar o cão a olhar para mim quando eu digo o nome dele.

Local No início, dentro de casa, sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes.

Pré - requisitos: D002 completado com sucesso. "! +sound"(click), "!±sound"(dygtig). O cão não deve ter tido acesso a comida durante algum tempo antes do treino porque vai usar muitos bacos de ração (10 no máximo, mas provavelmente muitos mais antes de atingir o seu QC).



QC: O cão volta-se e olha para mim 10 vezes de seguida.



SRP:

- Name(olha para mim, agora),sound(bongo)
- Name,sound1(eu bato as minhas mãos)
- "!-food"(pequeno baco de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei) (em "!*sound", o * indica que pode usar qualquer um dos reforço de som)



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!*sound" + "!-food".

ALS1: Name,sound => o cão não olha para mim => Name,sound1 => o cão olha para mim => "!*sound" + "!-food".

PRS2. Volto as costas ao cão interrompendo o contacto visual

Aplique QC.



Notas:

Este é um POA muito simples. Se o cão estiver motivado adequadamente (com um pouco de fome e desejando contacto com o tratador), não terá nenhum problema.

O cão tipo do SMAF chama-se Bongo. Claro que deverá substituir Bongo pelo nome do seu cão ou qualquer outro som que deseja usar como forma deste sinal.

Tem dois reforços condicionados sonoros ("!*sound"): "!+sound"(click), "!±sound"(dygtig). Use-os regularmente de forma alternada.

Temos usado o sinal auxiliar Name,sound1, que temos que dispensar para se obter sucesso de acordo com o QC.

Mantenha esta habilidade praticando-a regularmente com um Programa de Reforço Contínuo (CRF) "!±sound", em que todas as respostas são reforçadas, e com um Programa de Reforço Intermitente de Intervalo Variável VI5"!-food".



Solução de problemas:

P1: O meu cão não olha para mim de modo nenhum. Está mais interessado em andar a investigar o ambiente.

R: Isto é um BASCI. Ou se encontra num ambiente com demasiados estímulos, o que não deveria, o cão não tem nenhuma fome, ou interagiu demasiado com o cão imediatamente antes de começar o treino da habilidade. Seja qual for a razão corrija-a antes de continuar. Se o problema persistir contacte o seu supervisor (Cap Costa Pinto ou Prof. Roger Abrantes).

P2: Corre tudo bem nos primeiros minutos, mas depois o cão desiste.

R: Provavelmente usou bagos demasiado grandes e o cão está saciado. Tente usar bagos mais pequenos. Pode usar, esporadicamente, um reforço de maior valor, ex. "!-food"(pedaço de salsicha), mas tenha cuidado ou poderá criar uma exigência na qualidade dos reforços, o que tornará difícil usar novamente um reforço de valor inferior.

P3: O meu cão anda constantemente atrás de mim depois de lhe dar o primeiro reforço.

R: ignore-o completamente. Faça qualquer coisa diferente. Não reforce o comportamento do cão de andar atrás de si, saltitar, etc. Espere até o cão não estar fixado em si antes de lhe dar o sinal Name,sound.

Ferramentas disponíveis até este momento:

- γ Touch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!-food"(pequeno bago de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra e)
- Name,sound

E os sinais auxiliares:

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat1(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat2(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat2(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat2(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- Stay(mantém a posição),hand(retiro a minha mão a uma distância de 60 cm do nariz do cão).

HABILIDADE 7

Habilidade D007PT: O sinal Free,sound (S^D).

Introdução:

O sinal Free é indispensável porque a grande maioria dos sinais que ensinamos aos cães significam “mantém a posição até receberes outro sinal,” ou “continua até receberes outro sinal.” Esta habilidade é também o segundo passo para manter a posição e dispensará o sinal auxiliar Stay,hand.

Há dois tipos de sinais Free. Um é um S^D (ex.: Free,sound) e o outro é um S^Δ (ex.: ΔFree,sound). Nesta habilidade abordamos o primeiro.

Free,sound implica “se mantiveres a posição até receberes outro sinal, o teu comportamento poderá ser reforçado e se não o teu comportamento produzirá uma punição negativa (ou um não-reforço dependendo do modo como se usam os reforços).

ΔFree,sound implica “ se mantiveres a posição até receberes outro sinal, o teu comportamento não produzirá uma punição negativa.” Em palavras simples: o primeiro diz “se fizeres isto provavelmente receberás qualquer coisa boa,” enquanto o segundo diz “ se fizeres isto o teu comportamento não produzirá nada mau.”

Free,sound é sempre seguido por um reforço na fase inicial e mais tarde de forma intermitente. Por este motivo, é mais atraente e motivador.

Free,sound requer que os reforços mais atraentes para o cão sejam controlados por nós. Se deixar a posição for reforçado, por exemplo brincando com outro cão, então vale a pena não esperar pelo sinal. Os reforços que nós controlamos são comida e contacto (“!-food” and “!±sound”). O cão tem que estar motivado para trabalhar por ambos.



DLO: Ensinar o cão a manter a posição por quatro segundos até receber o sinal Free,sound.

Local: No início, dentro de casa, sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes.

Pré requisitos: D006 completado com sucesso. “!+sound”(click), “!±sound”(ei). O cão não deve ter tido acesso a comida durante algum tempo antes do treino.



QC: Todas as três sequências completadas com sucesso duas vezes seguidas. Só depois avance para as sequências seguintes. O DLO final é obtido quando o cão permanece em posição por quatro segundos duas vezes seguidas.



SRP:

- γTouch (o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- γSit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)
- γDown(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γStand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat1(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)
- Stay(mantém a posição),hand(retiro a minha mão a uma distância de 60 cm do nariz do cão)..
- Free(move-te da posição em que estás),body(afasto-me do cão incitando-o a mexer-se e consequentemente a deixar a posição que mantinha)
- **Free,sound(livre)**
- **"!-food"(pequeno bago de ração)**
- **"!+sound"(click)**
- **"!±sound"(a palavra ei)**



POA:

- PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".
- ALS1. Name,sound => o cão não olha para mim => ERROR => volte a D005.
- PRS2. Touch,hand => o cão toca na minha mão => "!±sound". + "!-treat".
- ALS2. Touch,hand => o cão não toca na minha mão => ERROR => volte ao D001.
- PRS3. γSit,treat1 => o cão senta-se => "!+sound" + "!-treat" => Stay,hand => o cão permanece na mesma posição durante dois segundos => Free,sound + Free,body => o cão mexe-se => "!±sound" + "!-treat".
- ALS3. γSit, treat1 => o cão senta-se => "!+sound" + "!-treat" => Stay,hand => o cão não permanece na mesma posição durante dois segundos =>

ERROR => volte ao D004.

Aplique QC.

Faça um intervalo de um minuto.

PRS4. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".

PRS5. Touch,hand => o cão toca na minha mão => "!±sound". + "!-treat".

PRS6. γSit, treat1 => o cão senta-se => "+sound" + "!-treat".

PRS7. γDown,treat1 => o cão deita-se => "+sound" + "!-treat" => Stay,hand => o cão permanece na mesma posição durante dois segundos => Free,sound + Free,body => o cão mexe-se => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC.

Faça um intervalo de um minuto.

PRS8. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".

PRS9. Touch,hand => o cão toca na minha mão => "!±sound". + "!-treat".

PRS10. γSit, treat1 => o cão senta-se => "+sound" + "!-treat".

PRS11. γDown,treat1 => o cão deita-se => "+sound" + "!-treat".

PRS12. γStand,treat1 => o cão fica de pé=> Stay,hand => o cão permanece na mesma posição durante dois segundos => Free,sound + Free,body => o cão mexe-se => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC.

Faça um intervalo de dez minutos antes de seguir para a próxima sequência.

PRS13 até PRS17. Repita PRS8 até PRS12, mas substitua “o cão permanece na mesma posição durante dois segundos” por “o cão permanece na mesma posição durante quatro segundos;” e dispense o Free,body.

Aplique QC.



Notas:

Tem dois sinais para o cão deixar a posição: Free,body e Free,sound.

Free,body é um sinal auxiliar que só usará em PRS3, 7 e 12. Precisa deste sinal para instigar o cão a mexer-se deixando a posição, mas começa a diminuir este sinal em PRS17. Mais tarde, ensinará ao cão a manter a posição até receber o Free,sound (ou outro sinal) independentemente do que faça ou diga, extinguindo completamente o sinal auxiliar Free,body.

O sinal auxiliar Stay,hand é extinguido desde o PRS1 até ao PRS17 porque são Free,body+Free,sound (e só Free,sound em PRS17) que produzem o reforço e não Stay,hand. Consequentemente o cão elimina Stay,hand.

Tem dois "**!*sound**": "!+sound"(click), "!±sound"(ei). Nesta habilidade começa por discriminá-los. Use "!+sound"(click) para reforçar comportamentos criados durante o trabalho de memorização muscular; e "!±sound"(ei) para reforçar o requisito do cão ter que olhar para si.

Nenhum ALS deverá ser necessário se tiver cumprido todos os QC prévios.

Mantenha esta habilidade praticando-a regularmente até a desenvolver mais do que quatro segundos.



Solução de problemas:

P1: O meu cão permanece na mesma posição durante dois segundos, mas, quando eu tento chegar aos quatro segundos, o cão mexe-se antes de receber o sinal Free,sound.

R: Isto é provavelmente um ERROR. Volte à sequência prévia e cumpra os requisitos do QC antes de continuar. Se for necessário, aumente os requisitos do QC para, por exemplo, todas as sequências têm de ser cumpridas correctamente três vezes seguidas.

Também pode criar um passo intermédio de três segundos antes de passar para quatro segundos.

P2: Às vezes o meu cão mexe-se, mesmo antes de eu lhe dar um sinal Free,sound

R: O cão está a antecipar o seu sinal. Tenha cuidado com a linguagem. Talvez esteja a dar ao cão sinal sem estar consciente disso. Varie o tempo em que mantém o cão numa posição dentro dos limites de tempo em que obteve sucesso na habilidade (por exemplo dois segundos, três segundos, etc.)

P3: O meu cão não se mexe quando eu lhe dou o sinal Free,sound.

R: Tem duas opções: (1) combine Free,body e Free,sound mais algumas vezes antes de diminuir completamente Free,body away; e (2) reforce "o cão mexe-se" com "!+sound(click) em vez de "!+sound(ei) porque este reforço (que aqui funciona como estímulo condicionado) tende a aumentar o nível de excitação do cão o que provavelmente fará com que se mexa. Se o problema persistir contacte o seu supervisor (Cap Costa Pinto ou Prof. Roger Abrantes).

Ferramentas disponíveis até este momento

- γ Touch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!"-food"(pequeno bago de ração)
- "!" +sound"(click)
- "!" ±sound"(a palavra ei)
- Name,sound
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)

E os sinais auxiliares:

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat1(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat2(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat2(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat2(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)

Redundant auxiliary signals:

- Stay(mantém a posição),hand(retiro a minha mão a uma distância de 60 cm do nariz do cão).
- Free(move-te da posição em que estás),body(afasto-me do cão incitando-o a mexer-se e consequentemente a deixar a posição que mantinha)

HABILIDADE 8

Habilidade D008PT: transformar os sinais de comida (S^Y) em sinais gestuais (S^D).

Introdução:

Esta habilidade é o segundo passo para ensinar o cão a distinguir os sinais de senta, de pé e deita; e um ainda um passo mais no uso do sinal Free,sound. Continuamos a exercitar a memória muscular. Esta habilidade é particularmente importante porque treina o tratador e o cão a tomar atenção aos respectivos comportamentos e a responder adequadamente.



DLO:

Ensinar ao cão a mudar de posição entre senta, deita, de pé e livre com sinais gestuais (S^D). O cão deve manter uma distância de um metro, durante três segundos até receber outro sinal.

Local: No início, dentro de casa, sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes.

Pré-requisitos: D007 completado com sucesso. "!+sound"(click), "!+sound"(dygtig) e γTouch,treat. O cão não deve ter comido porque vamos usar muitos bagos de comida.



QC: Duas sequências de respostas correctas consecutivas, em duas sessões, com um minuto de intervalo entre ambas.



SRP:

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- "!-food"(pequeno bago de ração)

- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".

PRS2. yTouch,hand => o cão toca na minha mão => "!±sound". + "!-treat".

PRS3. Sit,hand => o cão senta-se e permanece em posição a uma distância de 30cm durante dois segundos => "!+sound" + "!-treat".

PRS4. Down,hand => o cão deita-se e permanece em posição a uma distância de 30cm durante dois segundos => "!+sound" + "!-treat".

PRS5. Stand,hand => o cão fica de pé e permanece em posição a uma distância de 30cm durante dois segundos => "!+sound" + "!-treat".

PRS6. Free,sound => o cão mexe-se => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC, depois continue para a sequência 2.

PRS7 até PRS12. Repita de PRS1 a PRS6, mas substitua “a uma distância de 30cm durante dois segundos” por “a uma distância de 30cm durante quatro segundos”

Aplique QC, depois continue para a sequência 3.

PRS13 até PRS18. Repita de PRS7 a PRS12, mas substitua “a uma distância de 30cm durante dois segundos” por “a uma distância de 30cm durante quatro segundos”

Aplique QC.



Notas:

Comece com os sinais guia previamente condicionados com exceção dos que usam comida. Os sinais que usam comida tornam-se sinais gestuais permitindo que sejam eliminados todos os sinais que usam comida.

Mantenha os dois "!+sound": "!+sound"(click), "!+sound"(ei) usando-os de forma constantemente inconstante.

Mantenha o uso dos dois "!*sound" como o referido na habilidade D007. Use "!+sound"(click) para reforçar comportamentos criados por meios de memória muscular; e o "!+sound"(ei) para reforçar comportamentos que requerem a atenção do cão para si.

Nenhum

Nenhum ALS deverá ser necessário se tiver cumprido todos os QC prévios.

Mantenha esta habilidade praticando-a regularmente.



Solução de problemas:

P1: O meu cão mexe-se imediatamente quando eu aumento a distância para 60 cm.

R: Tem um ERROR. Volte à sequência anterior e pratique-a mais. Se necessário aumente os requisitos do QC para, por exemplo, quatro sequências correctas consecutivas.

P2: O meu cão está bem na primeira sequencia mas perde interesse na segunda

R2: Provavelmente usou bagos demasiado grandes. Use bagos mais pequenos.

P3: Está tubo bem na maioria das vezes, mas o meu cão move um pouco os posteriores.

R3: Se é menos de 5 cm, não se preocupe, mas mantenha-se vigilante no sentido de verificar se a distância aumenta. Se tal acontecer, volte ao D003 e corrija a memória muscular. Se o problema persistir, provavelmente trata-se de um ERROR; contacte o seu supervisor (Cap Costa Pinto ou Prof. Roger Abrantes).

Ferramentas disponíveis até este momento

- γ Touch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!-food"(pequeno bago de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)
- Name,sound
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)

Sinais auxiliares:

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua

cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)

- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),*treat1*(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),*treat1*(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),*treat2*(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),*treat2*(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),*treat2*(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)

HABILIDADE 9

Habilidade D009EN: O sinal Come,sound (S^D).

Introdução:

Esta habilidade é o segundo passo na aprendizagem do cão a responder ao sinal Come,sound (S^D) (o primeiro foi Touch,hand se bem que estes sinais parecem que não estão relacionados. Também começamos com os sinais de som para as posições com Sit,sound e praticamos o Name,sound, Sit,hand e Free,sound. Esta habilidade dá uma introdução ao treinador sobre como usar sinais com formas diferentes com precisão.



DLO: Ensinar o cão a responder à chamada através do sinal Come,sound (S^D). O cão deve deslocar-se directamente para mim desde uma distância de 4m.

Local: No início, dentro de casa, sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes.

Pré-requisitos: D008 completado com sucesso.



QC: Quatro sequências correctas consecutivas em duas fases com 30s de intervalo entre as sequências e 10 m entrem as fases.



SRP:

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- Come(move-te directamente para mim),sound(aqui)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Sit,sound(aqui)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- "¡-food"(pequeno bago de ração)
- "¡+sound"(click)
- "¡±sound"(a palavra ei)



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim a uma distância de 2m => "!±sound".

ALS1. Name,sound => o cão não olha para mim a uma distância de 2m. => (repito)

Name,sound => o cão olha para mim a uma distância de 2m. => "!±sound".

PRS2. Come,sound + yTouch,hand => o cão desloca-se directamente para mim e antes de tocar na minha mão => Sit,sound + Sit,hand = o cão senta-se => "!±sound" + "!-treat".

PRS3. Free,sound => o cão move-se da posição em que está => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC, e continue para a fase 2.

PRS4. Name,sound => o cão olha para mim a uma distância de 4m. => "!±sound".

PRS5. Come,sound + yTouch,hand => o cão desloca-se directamente para mim e antes de tocar na minha mão => Sit,sound + Sit,hand = o cão senta-se durante 2s => "!±sound" + "!-treat".

PRS6. Free,sound => o cão move-se da posição em que está => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC, e continue para a fase 3.

PRS7. Name,sound => o cão olha para mim a uma distância de 4m. => "!±sound".

PRS8. Come,sound => o cão desloca-se directamente para mim e antes de tocar na minha mão => Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se durante 4s => "!±sound" + "!-treat".

PRS9. Free,sound => o cão move-se da posição em que está => "!±sound" + "!-treat".

Aplique QC.



Notas:

Está a usar um yTouch,hand que já foi usado várias vezes e associa-o com Come,sound. Não terá nenhum problema se tiver executado adequadamente todas as habilidades anteriores.

"!±sound"(ei) é preferencialmente usado nesta habilidade porque requer a atenção do cão para si.

Mantenha o sinal Come,soundo praticando-o regularmente. Esta habilidade é também boa para a manutenção do Free,sound.

Dispensou finalmente o sinal auxiliar γTouch,hand (no entanto não totalmente pois irá usá-lo mais tarde como sinal auxiliar para novos sinais.



Resolução de problemas:

P1: O meu cão não olha para mim.

R1: Ou tem um ERROR e, se esse é o caso, volte ao D006, ou tem um BASIC e, nesse caso, deve certificar-se de que o cão não está subestimulado e que o ambiente não é demasiado rico em estímulos.

P2: O cão não se desloca em linha recta para mim.

R: O ambiente é provavelmente demasiado atractivo para o cão, o que faz que de não se desloque directamente para si. Certifique-se de que o ambiente é calma e tranquilo e que é a fonte principal de estímulos para o cão.

Ferramentas disponíveis até este momento

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!-food"(pequeno bago de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)
- Name(olha para mim),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Come(move-te directamente para mim),sound(aqui)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)

Dispensámos os sinais auxiliares seguintes:

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)

HABILIDADE 10

Habilidade D010PT: Senta, De Pé e Deita por meios de sinais sonoros (S^D) e sinais gestuais (S^D).

Introdução:

Esta habilidade é o quarto passo na aprendizagem dos sinais sonoros (S^D), que tem introduzido de forma gradual com o Name,sound no D006. É também mais um passo na discriminação entre os sinais visuais de Senta, De Pé e Deita. Tome atenção às mudanças de posições. Deve corrigir imediatamente qualquer sinal de desleixo voltando alguns passos atrás e praticando memória muscular.



DLO: Ensinar o cão a mudar entre as posições Senta, De Pé, Deita e Livre com sinais sonoros e gestuais.

O cão deve manter a posição a uma distância de 100 cm, durante 4s até receber outro sinal.

Local: No início dentro de casa sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes

Pre-requisitos: D007 completado com sucesso. O cão não deve ter comido há algum tempo porque vai usar muitos bagos de ração.



QC: Duas sequências consecutivas correctas em cada série com três minutos de intervalo entre sessões e 30 m de intervalo entre séries.



SRP:

- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Sit,sound(senta)
- Stand,sound(de pé)
- Down,sound(deita)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)

- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- "!-food"(pequeno bago de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound" + "!-food".

PRS2. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se e mantém-se em posição a uma distância de 30 cm durante 2s=> "!±sound" + "!-treat".

PRS3. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound" + "!-food".

PRS4. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound" + "!-food".

PRS5. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound" + "!-food".

PRS6. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => "!±sound" + "!-food".

PRS7. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound" + "!-food".

PRS8. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC, e depois continue para a série 2.

PRS9 até PRS16. Repita do PRS1 até ao PRS8, mas substitua “uma distância de 30 cm durante 2s”por “uma distância de 60 cm durante 2s”.

Aplique QC, e depois continue para a série 3.

PRS17 até PRS24. Repita do PRS9 até ao PRS16, mas substitua “uma distância de 60 cm durante 2s”por “uma distância de 100 cm durante 2s”..!

Aplique QC, e depois continue para a série 4.

PRS25. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound" (mexa-se para uma distância de 60cm longe do cão)

PRS26. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se e mantém-se em posição a uma distância de 30 cm durante 2s=> "!±sound" + "!-treat".

PRS27. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound".

PRS28. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound".

PRS29. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound" .

PRS30. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => "!±sound".

PRS31. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound".

PRS32. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC.



Notas: Nesta habilidade introduz novos sinais sonoros em associação com os já conhecidos sinais gestuais e não deve ter nenhum problema se todas as habilidades anteriores tiverem tido sucesso, cumprindo com os QC respectivos.

Não há, portanto, necessidade de preparar alguns ALS.

Pronuncie os seus sinais sonoros de forma clara e homogénea.

Faça os seus sinais gestuais de uma forma clara, com movimentos calmos e com a maior homogeneidade possível.

Removeu o "-food" nos comportamentos feitos a uma certa distância de si. Continue a usar "!±sound".

Mantenha contacto visual com o cão durante todo o treino. Um olhar e um postura calmos são os seus melhores reforços que não estão escritos.

Mantenha esta habilidade, exercitando-a regularmente.



Resolução de problemas:

P1: Em geral tudo corre bem, mas o meu cão movimenta um pouco os posteriores.

R1: Se esse movimento é menos de 5 cm, não se preocupe, mas preste atenção a esse comportamento para que não aumente. Se for mais de 5 cm, volte a D003 e corrija a memória muscular. Se o problema persistir tem provavelmente um ERROR. Contacte o seu supervisor (Cap Costa Pinto ou Prof. Roger Abrantes).

P2: Está tudo bem, mas, de repente, o meu cão começa a coçar a barriga, a orelha, etc.

R2: Espere até o cão acabar de se coçar e recomece o exercício. Verifique se o cão tem pulgas. Se tiver a certeza de que não há pulgas nem nenhuma razão clínica que justifique o cão coçar-se, então investigue se há qualquer outra fonte de incómodo nesta situação particular. Coçar-se pode ser um sinal de stress.

Ferramentas disponíveis até este momento

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)

- "!"-food"(pequeno bago de ração)
- "!"+sound"(click)
- "!"±sound"(a palavra ei)
- Name,sound
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Come,sound
- Sit,sound(sit) D009
- Stand,sound(stand) D010
- Down,sound(down) D010
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)

HABILIDADE 11

Habilidade D011PT: Aumentando uma resposta estável ao Free,sound (S^D) (controlo de estímulo)

Introdução:

Nesta habilidade, aumentamos gradualmente o número e a intensidade de estímulos competindo com Free,sound resultando num aumento do controlo deste estímulo.

Free,sound significa “se tu manténs a posição até receberes este sinal, poderás ser reforçado e senão o teu comportamento produzirá uma punição negativa” (ou non-reinforcer dependente da forma como usa os seus reforços). Free,sound é sempre seguido por um reforço na fase inicial e intermitentemente nas fases seguintes.

Free,sound requiere que os reforços mais atractivos para o cão sejam aqueles que o treinador controla. Se o cão deixar, a posição é reforçado, por exemplo, poder brincar com outro cão, então vale a pena não esperar pelo sinal Free,sound. Os reforços que nós sistematicamente controlamos são comida e contacto ("!-food" and "!±sound"). Portanto, o cão tem de estar motivado para trabalhar por ambos. Também controlamos o acesso a outros recursos que poderão ser reforçadores, por exemplo, correr, brincar, etc. É impossível descrever todos os símbolos que possam ter um efeito reforçador para um cão e uma situação em particular. Deve ter algum conhecimento acerca do cão com que está a trabalhar, o que será motivador para ele.



DLO: Ensinar ao cão a manter a posição sobre uma certa pressão e até o cão receber o sinal Free,sound (uma certa pressão significa exactamente isso; não significa sempre. O tratador decide o nível de pressão que considera adequado que o cão responda correctamente)

Local: No início, dentro de casa, sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes

Pré-requisitos: D007 completado com sucesso.



QC: Todas as três sequências na mesma série devem ser executadas correctamente quatro vezes de seguida. Só nessa condição deverá continuar com a série seguinte. Atingiu o seu DLO quando a última série é executada correctamente duas vezes seguidas.



SRP:

- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)
- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Sit,sound(sit) D009
- Stand,sound(stand) D010
- Down,sound(down) D010
- "!-food"(pequeno bago de ração)
- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)
- Distraction1(mantém a posição até receberes outro sinal),visual(eu salto no mesmo lugar)
- Distraction2(mantém a posição até receberes outro sinal),visual(eu salto e corro à volta do cão)
- Distraction1(mantém a posição até receberes outro sinal),sound(eu digo "olá como está?")
- Distraction2(mantém a posição até receberes outro sinal),sound(eu digo "bom dia")



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".

PRS2. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => Distraction1,visual => o cão mantém a posição => Free,sound => o cão move-se => "!±sound" and "!-food".

ALS1. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => Distraction1,visual => o cão move-se => [?!±sound] + [?!-food] => (repeat) Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => Distraction1,visual => o cão mantém a posição => "!±sound" and "!-food".

PRS2. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => Distraction2,visual => o cão mantém a posição => Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

PRS3. Stand, sound + Stand,hand => o cão levanta-se => Distraction1,sound => o cão mantém a posição => Free,sound => o cão move-se => "!±sound" and "!-food".

PRS4. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => Distraction2,sound => o cão mantém a posição => Free,sound => o cão move-se => "!±sound" and "!-food".

Aplique QC.**Notas:**

Está a usar sinais auxiliares (temporários) para distrair o cão. Normalmente não classificamos estes sinais, se bem que sejam sinais. SMAF mostra-nos isso claramente. A lista SRP dá-lhe exemplo destes sinais. Construa-os como achar necessário mas lembre-se de aumentar a sua intensidade gradualmente. Comece com um sinal distractivo de intensidade muito baixa. O seu objectivo é evoluir passo a passo com sucesso garantido (preparar um exercício, com a maior dificuldade possível, com a certeza de que o seu cão vai ter sucesso) e não ser forçado a usar ALS.

Nenhum ALS deverá ser necessário se aumentar o nível de dificuldade gradualmente; se acontecer algum erro, construa um ALS semelhante ao ALS1.

Mantenha a habilidade, praticando-a regularmente.

**Resolução de problemas:**

P1: Algumas vezes o meu cão mexe-se um pouco antes de eu lhe dar o sinal Free,sound.

R1: O seu cão está a antecipar o seu sinal. Tenha cuidado com a linguagem corporal. Talvez esteja a dar um sinal ao cão sem o saber. Varie o intervalo de tempo em que mantém o cão em posição dentro dos limites em que obteve sucesso, por exemplo 2s, 1s, 3s, etc.

P2: O meu cão com poucas excepções não se mantém na posição, independentemente do que eu diga.

R2: Talvez esteja a dizer palavras demasiadamente parecidas com o sinal livre em Free,sound. Este comportamento é expectável. Não podemos esperar que os nossos cães sejam peritos em linguística.

Ferramentas disponíveis até este momento

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!"-food"(pequeno bago de ração)
- "!"+sound"(click)
- "!"±sound"(a palavra ei)
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)

- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Come,sound
- Sit,sound(sit) D009
- Stand,sound(stand) D010
- Down,sound(down) D010

HABILIDADE 12

Habilidade D012PT: Combi-4 a uma distância de 4 m

Introdução:

Esta habilidade é o último passo na aprendizagem dos sinais (S^D) que introduziu gradualmente desde D001. Combine agora todos os sinais que praticou numa só sequência executada com precisão.



DLO: Ensinar o cão a mudar de posição entre Senta, De Pé, Deita e Livre com sinais sonoros e gestuais a uma distância de 4m. O cão deve manter a posição durante 4s até que receba outro sinal.

Local: No início, no exterior, num local sem distrações para o cão e só o treinador e cão presentes

Pré-requisitos: D011 completado com sucesso



QC: Duas sequências consecutivas executadas correctamente. Depois faça uma pausa de 10 minutos e siga para a próxima sequência.



SRP:

- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Sit,sound(sit) D009
- Stand,sound(stand) D010
- Down,sound(down) D010
- Name(olha para mim agora),sound(bongo)
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)

- "!!-food"(pequeno bago de ração)

- "!+sound"(click)
- "!±sound"(a palavra ei)



POA:

PRS1. Name,sound => o cão olha para mim => "!±sound".

PRS2. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se e mantém a posição a uma distância de 100 cm (afasto-me do cão) durante 4s.=> "!±sound".

PRS3. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound".

PRS4. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound".

PRS5. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se => "!±sound".

PRS6. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se => "!±sound".

PRS7. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé => "!±sound".

PRS8. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC, depois continue para a sequência 2

PRS9 até à PRS16. Repita desde o PRS1 até ao PRS8, mas substitua “a uma distância de 100 cm por 4s” com “a uma distância de 2 m por 4s”

Aplique QC, depois continue para a sequência 3

PRS17 até à PRS24. Repita desde o PRS9 até ao PRS16, mas substitua “a uma distância de 2m por 4s” com “a uma distância de 4 m por 4s”

Aplique QC, depois continue para a sequência 4 (sinais sonoros e gestuais).

PRS25. Name,sound => o cão olha para mim.

PRS26. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se durante 4 s.

PRS27. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se durante 4 s.

PRS28. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé durante 4 s.

PRS29. Down,sound + Down,hand => o cão deita-se durante 4 s.

PRS30. Sit,sound + Sit,hand => o cão senta-se durante 4 s.

PRS31. Stand,sound + Stand,hand => o cão fica de pé durante 4 s.

PRS32. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC, depois continue para a sequência 5 (apenas sinais gestuais com exceção do Name e Free).

- PRS25. Name,sound => o cão olha para mim.
- PRS26. Sit,hand => o cão senta-se durante 4 s..
- PRS27. Down,hand => o cão deita-se durante 4 s.
- PRS28. Stand,hand => o cão fica de pé durante 4 s.
- PRS29. Down,hand => o cão deita-se durante 4 s.
- PRS30. Sit,hand => o cão senta-se durante 4 s.
- PRS31. Stand,hand => o cão fica de pé durante 4 s.
- PRS32. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC, depois continue para a sequência 6 (sinais sonoros apenas).

- PRS25. Name,sound => o cão olha para mim.
- PRS26. Sit,sound => o cão senta-se durante 4 s.
- PRS27. Down,sound => o cão deita-se durante 4 s.
- PRS28. Stand,sound => o cão fica de pé durante 4 s.
- PRS29. Down,sound => o cão deita-se durante 4 s.
- PRS30. Sit,sound => o cão senta-se durante 4 s.
- PRS31. Stand,sound => o cão fica de pé durante 4 s.
- PRS32. Free,sound => o cão move-se => "!±sound" + "!-food".

Aplique QC.

Conseguiu realizar todas as sequências sem erros? Parabéns, conseguiu ensinar ao seu cão nove sinais que poderá usar de forma fidedigna e tem à sua disposição três reforços positivos e três reforços negativos. Foi tão eficiente que nem precisou de usar nenhum castigo positivo. Continue assim.



Notas:

Continua com os sinais sonoros D011, mas mudou-se para o exterior. Certifique-se de que o local da sua escolha não apresenta demasiadas distrações na fase inicial. Aumente gradualmente a distância de si para o cão e retire alguns dos reforços de modo que, de

futuro, os apresente intermitentemente. Não há necessidade de prepara nenhum ALS previamente, pois é tudo uma questão de aumentar gradualmente o nível de dificuldade.

Pronuncie os seus sinais sonoros de forma clara e homogénea.

Dê os seus sinais gestuais de forma clara com movimentos calmos e de forma tão homogénea quanto possível.

Mantenha contacto visual com o seu cão constantemente. Um olhar amigável e uma postura calma são os melhores reforços.

Treine os sinais gestuais e sonoros em conjunto e em separado de modo a certificar-se que o cão responde a ambos.

Deixe o cão correr e cheirar durante os intervalos.

Mantenha esta habilidade, exercitando-a regularmente.



Resolução de problemas:

P1: Às vezes o cão mexe-se quando está a uma distância de 4m

R: Se é só às vezes, não se preocupe. Todos podemos cometer erros. Se é mais do que às vezes, execute o exercício a distâncias menores até resolver este problema e continue após isso.

P2: Tudo está bem a uma distância de 4m, mas preciso de executar o exercício a 10 m de distância

R: Não se preocupe, desenhe o POA de que necessita. Acredito que aprendeu o suficiente para poder agora fazê-lo com sucesso. Pondere todos os pequenos pormenores. Reveja toda a operação. Corrija, se for necessário. Treine sozinho, sem cão. Execute o exercício. Se tudo funcionar bem, parabéns. Se não funcionar, volte atrás, reveja e modifique o seu POA. Atingirá o seu objectivo.

Ferramentas disponíveis até este momento

- γTouch(o cão toca a minha mão com as quatro patas assentes no chão),hand(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 100 cm)
- "!"-food"(pequeno bago de ração)
- "!" +sound"(click)
- "!" ±sound"(a palavra ei)
- **Name(olha para mim agora),sound(bongo)**
- Free(move-te da posição em que estás),sound(livre)

- Sit(o cão põe o rabo no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para cima com a minha mão)
- Down(o cão coloca a barriga no chão sem mexer os posteriores),hand(movimento para baixo com a minha mão)
- Stand(o cão fica de pé sem mexer os posteriores),hand(movimento para trás com a minha mão)
- Come,sound
- Sit,sound(sit) D009
- Stand,sound(stand) D010
- Down,sound(down) D010

As seguintes ferramentas também estão disponíveis, se bem que não as usou a não ser que tenha necessitado de implementar um ALS

- [?-food](um bago de ração). **D001**
- [?+sound](um clique de um clicker normal) **D001**
- [?+sound](a palavra “ei”) **D002**

Os seguintes sinais auxiliares também estão disponíveis, e se necessário pode usá-los para resolver um problema

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão de modo que o cão mantenha a sua cabeça ligeiramente virada para cima, para a frente e um pouco para baixo como a empurrar o nariz do cão na direcção onde queremos que o cão coloque o traseiro no chão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat1(movimento com a minha mão segurando um biscoito à frente dos olhos do cão a uma distância de pelo menos 5 cm do nariz do cão, para baixo de modo que se incline para a frente e para baixo até a sua barriga tocar no chão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat1(movimento para trás com a minha mão segurando um biscoito 5 cm à frente do nariz do cão)
- γ Down(a barriga do cão toca no chão mantendo as patas posteriores no mesmo local),treat2(movimento com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão para baixo e ligeiramente para a frente de modo a que o cão se incline para trás e para baixo até a sua barriga tocar no chão)

- γ Sit(o cão coloca o traseiro no chão movendo as patas anteriores para trás),treat2(movimento para cima com a minha mão segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- γ Stand(o cão está de pé com as quatro patas assentes no chão),treat2(movimento com a minha mão ligeiramente para trás segurando um biscoito a 5 cm do nariz do cão)
- Free(move-te da posição em que estás),body(afasto-me do cão incitando-o a mexer-se e consequentemente a deixar a posição que mantinha)

ANEXO J - DISTINTIVO DA ESPECIALIDADE DE CINOTECNIA

Figura J.1: Distintivo da Especialidade de Cinotecnia



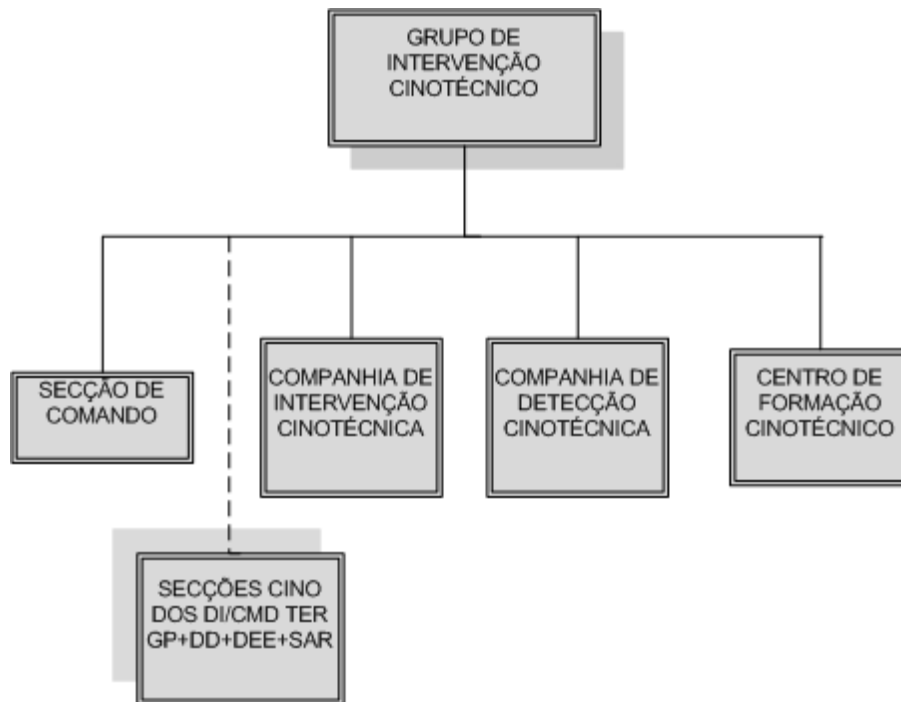
Fonte: (“Patrulha”, 2011)

Simbologia:

- **O Verde e Ouro** lembram os esmaltes das armas da GNR;
- **O Trevo** de 4 folhas, como símbolo tradicional do bom augúrio indica-nos o privilégio de podermos contar com a fidelidade e a vigilância do cão. Cada uma das folhas corresponde a uma das vertentes da Cinotecnia da GNR (Patrulha, Busca e Salvamento, Detecção de Droga e Detecção de Explosivos).
- **A Cabeça de Cão** é a referência justa ao mais antigo dos animais a ser domesticado pelo homem. A expressão, de olhar directo e fixo, indica-nos a dominância e expressa autoridade, emanando segurança que é um dos valores a atingir pela GNR no cumprimento da sua missão subordinada ao lema “Pela Lei e Pela Grei”.
- **A Espada** antiga, que nos símbolos heráldicos da GNR ocupa o lugar de peça principal, afirma o carácter castrense desta Instituição
- **Os Esmaltes** significam:
 - **O Ouro**, fidelidade e vigor;
 - **O Verde**, precisão e juventude.

ANEXO L - ORGANOGRAMA DO GRUPO DE INTERVENÇÃO CINOTÉCNICO

Figura L.1: Organograma GIC



Fonte: (" Patrulha", 2011)

ANEXO M - PIRÂMIDE DO USO DA FORÇA

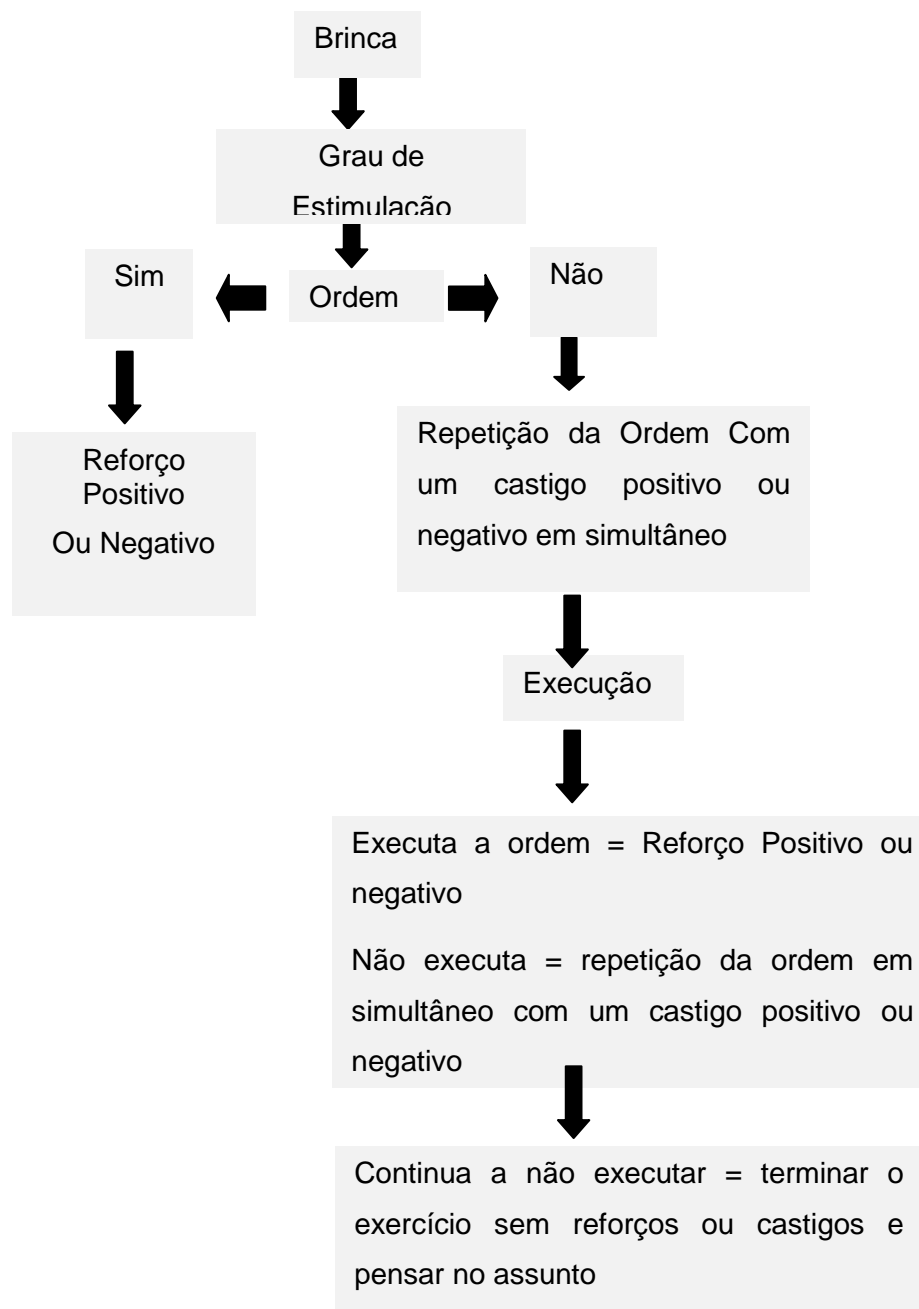
Figura M.1: Pirâmide do uso da força



Fonte: (Manual Ordem Pública, 2010, p.17)

ANEXO N - SISTEMA TRADICIONAL DE TREINO

Figura N.1: Sistema tradicional de treino do GIC



Fonte: ("Patrulha", 2011)